

# Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS  
QUINTA-FEIRA, 27 DE MARÇO DE 1969 N.º 16 619 ANO 48.º UM ESCUDO

amanhã  
anda a roda  
**TALUDA**  
4 MIL CONTOS!

## AS BASES EM ESPANHA

### O acordo com os E. U. A. depende agora de solução financeira

WASHINGTON, 27 — Os Estados Unidos e a Espanha acordaram em «parar o relógio», ontem, quarta-feira, a fim de conseguirem uma plataforma para a manutenção das bases daquele primeiro país no território do segundo. A concessão espanhola terminava à meia-noite.

Num comunicado conjunto, o ministro dos Negócios Estrangeiros de Espanha, Fernando Castiella, e o secretário de Estado, William P. Rogers, anunciaram que

rão dentro de duas semanas, provavelmente em Washington, sem limite de tempo.

Caso não se chegue a um acordo, os E. U. A. terão

americanos, entre oficiais, soldados e funcionários.

De acordo com os E. U. A., a principal divergência diz respeito a uma questão de dinheiro. Durante os últimos cinco anos, a Espanha recebeu auxílio militar cifrado num total de 100 milhões de dólares.

Para uma nova concessão, o Governo de Madrid solicita um auxílio militar da ordem de mais de um bilião de dólares.

Reconsiderando ante a reserva americana, Madrid pediu, então, 700 milhões de dólares pela concessão. Os E. U. A., porém, apresentaram um número: 140 milhões.

(Continua na 14.ª página)

Por A. D. HORNE

Serviço especial do  
«WASHINGTON POST»  
em exclusivo para o  
«DIÁRIO DE LISBOA»

havia «acordo em princípio», e que «ambos os Governos se mostravam confiantes» nos termos «imediatos» de um novo acordo. As negociações recomeça-

de retirar, até 26 de Março de 1970, as três bases aéreas e a estação de submarinos «Polaris» que possuem em território espanhol. Regressarão aos E. U. A. 25 mil



O primeiro-ministro britânico, Wilson, e os chefes do Estado da Nigéria e de Biafra, respectivamente, general Gowon e tenente-coronel Ojukwu

## Wilson na Nigéria

### O primeiro-ministro britânico deverá visitar também Biafra

LAGOS, 27 — (R.) — O primeiro-ministro britânico, Harold Wilson, terá uma cobertura de caças soviéticos da Força Aérea nigeriana quando visitar esta semana zonas da guerra civil.

Wilson, que chega hoje, às 15 horas, T. M. C., a esta capital para conversações com o major-general Yakubu Gowon, o chefe de estado da Nigéria, projecta seguir de avião para Enugu, a antiga capital biatrense agora em poder das forças federais.

Um forte dispositivo de segurança foi imposto no aeroporto de Lagos, onde o general Gowon receberá Wilson, e soldados federais com fardos de combate camuflado, cercarão a área.

Espera-se que os dois dirigentes realizem conversações preliminares, antes da viagem de Wilson. As principais discussões efectuar-se-ão no domingo.

Fontes nigerianas autorizadas afirmaram que era muito improvável que Wilson ou qualquer membro da sua comitiva fossem a Biafra para conversações com o dirigente do território separatista.

O tenente-coronel Ojukwu declarou, porém, que estaria pronto a receber Harold Wilson se ele desejasse efectuar uma visita a Biafra.

## TOMARAM POSSE EM BELÉM OS NOVOS MEMBROS DO GOVERNO

Quatro horas antes de dar posse aos novos membros do Governo, o Chefe do Estado recebeu em Belém os membros cessantes: dr. Corréa de Oliveira, eng.º Canto Moniz, eng.º Vitória Pires, dr. Alves Machado e eng.º Amaro da Costa.

A cerimónia da despedida formal, muito simples,

compareceram também o brigadeiro Fernando de Oliveira e os dres. Costa André e Vitor Coelho, que apenas viram modificado o âmbito

da sua responsabilidade dentro do Governo.

No mesmo Palácio de Belém o almirante Américo Thomaz conferiu mais tar-

de (16 horas) posse aos dez novos membros do Governo agora nomeados: dr. Dias

(Continua na 11.ª página)



Cao Ky, disposto a ir a Hanoi... se o convidarem

## A F. N. L. REJEITA AS PROPOSTAS DE VAN THIEU

PARIS, 27. — (F. P.) — O chefe da delegação da Frente Nacional de Libertação, falando hoje na conferência de Paris, declarou que a proposta do presidente Nguyen Van Thieu para conversações particulares com a F. N. L. não é séria mas unicamente uma manobra da administração Nixon a fim de dis-

simular a sua política de intensificação da guerra.

CAO KY DISPOSTO A IR A HANOI

SAIGÃO, 27 — (R.) — O vice-presidente do Vietnã do Sul, Nguyen Cao Ky, afirmou hoje que estaria disposto a visitar Hanoi para travar conversações de paz, se fosse convidado.



Os membros do Governo que hoje cessaram funções apresentaram cumprimentos de despedida ao Chefe do Estado

«DESFOLHADA»  
PODE GANHAR  
O FESTIVAL  
DA EUROVISÃO

— SEGUNDO OS  
ESPECIALISTAS  
REUNIDOS  
EM MADRID

(Ler na pág. central)

HOJE 32 PAGINAS  
VISADO  
PELA CENSURA

# O crescimento económico-social do País exige polos de desenvolvimento na região sul

— afirmou-se no Encontro de Évora

EVORA, 27. — Nas três salas do edifício do liceu desta cidade, promulgaram, esta manhã, as sessões de apresentação das comunicações do I Encontro sobre Desenvolvimento Regional da Região — Plano Sul, envolvendo os distritos de Portalegre, Évora, Beja e Faro.

Na Sala de Actos, secção de Hidráulica, foram apresentados os seguintes trabalhos: «O Plano de Rega do Alentejo e o Desenvolvimento da Região—Plano Sul», dos ares. engs. Beja Neves, Fernando Ferreira e Marcello Wemans; «Aspectos Técnicos do Regadio», do prof. eng. Zólimo Rego; «Nota Preliminar sobre a Drenagem de Terras Agrícolas — o Caso Particular do Alentejo», do eng. agr. Silva Teixeira; «Algumas considerações sobre problemas que se levantam sempre que numa exploração se passa do regime de sequeiro para o de regadio», do eng. agr. Luís Alves; «Exodo Rural e Agrícolas», do dr. Carmo Vaz; e «Formação Profissional dos Agricultores e dos Trabalhadores Rurais», do eng. agr. António Lopes Ribeiro; na secção de Promoção Social: «Formação de Empresários Agrícolas», do eng. agr. Manuel Pinheiro Canellas; e «Formação Profissional do Agricultor de Amanhã», do eng. Cardoso da Silva.

No auditório, secção de Silvicultura, foram feitas as seguintes comunicações: «Algumas problemáticas respeitantes à serra de Monchique», do eng. Mário Nunes; «A Azinheira, uma espécie condenada?», do eng. Gabriel Gonçalves; «Pesquisa, Renovação e Desenvolvimento na utilização química-tecnológica do Montado», do eng. Silva Curvado; «Comercialização da Madeira», do eng. Veloso Gato; e «Promoção Florestal do País», dos engs. Sampaio e Melo e Ernesto Góis.

Na terceira sala, foram debatidos os seguintes temas: secção de Indústria — «A Política de Desenvolvimento Regional e as suas ligações com o Planeamento sectorial da Indústria», do dr. Henrique Sequeira; e «O Vale do Guadiana e a industrialização regional», do eng. Mira Galvão; secção de Energia — «A Distribuição da Energia Eléctrica na Região — Plano Sul», do agente técnico António Lopes Rodrigues; secção de Transportes — «Contribuição para o estudo e planeamento do sistema de Transportes da Região — Plano Sul», dos ares. engs. Barrada e Ferreira da Silva e dos ares. Curvado e Dias Rosas; secção de Comércio — «Subsídios para um planeamento comercial da Região Sul», de Francisco José Gutierrez Caeiro; e «A União das Cooperativas dos Viticultores do Alentejo», do dr. Joaquim Toscano Sampaio.

## PLANO DE REGA

O estudo dos ares. engs. Beja Neves, Fernando Fernandes e Marcello Wemans, sobre «O Plano de Rega do Alentejo e o Desenvolvimento da Região — Plano Sul», foca os seguintes pontos:

«Para um harmonizado crescimento económico-social do País, torna-se fundamental

criar polos de desenvolvimento na região Sul. Dadas as características agrícolas desta região deverá o referido impulso de desenvolvimento interessar o sector agrícola, de onde resulta a importância excepcional atribuída ao prosseguimento das obras do Plano de Rega do Alentejo, tanto mais que não se dispõe de outro esquema de arranque económico.

O Plano de Valorização do Alentejo elaborado entre 1955 e 1957 e visando a rega de 170.000 hectares representa o resultado do estudo sistematizado das bacias hidrográficas interessando a região alentejana, com o objectivo principal do estabelecimento do regadio, mas considerando também os outros aspectos básicos de desenvolvimento regional, como a produção de energia eléctrica, abastecimento de água a povoações, as vias de comunicação e os portos de mar.

Seleccionados os terrenos com aptidão para o regadio e determinadas as necessidades de água em função das condições climáticas e «clatológicas», considerou-se o problema da origem da água para satisfação daquelas necessidades.

## EMPRESÁRIOS AGRÍCOLAS

No trabalho do sr. eng. agr. Pinheiro Canellas, sobre «Formação de Empresários Agrícolas», foram debatidos os seguintes elementos:

«Reconhece-se a importância do empresário agrícola como factor de produção e aceita-se que os resultados obtidos nas explorações agrícolas dependem não só dos factores ambientais, quer naturais quer económicos, mas também da capacidade profissional do empresário.

No nosso País, o «quadro» dos empresários agrícolas compõe-se de agricultores dispostos de condições diversas para o desempenho da actividade, desde os analfabetos à impossibilidade de se agirem, rápida e eficientemente, sobre tão heterogénica classe superior.

Na impossibilidade de se agir, rápida e eficientemente, sobre tão heterogénica classe superior, a formação profissional dos seguintes grupos:

— Diplomados, com curso superior ou médio não agrícola, dedicados total ou parcialmente à actividade agrícola;

— Filhos de agricultores que, não tendo concluído o curso que frequentaram, são candidatos a empresários agrícolas.

Para o efeito propõe-se a criação de Cursos com carácter eminentemente regional, no âmbito dos meios de desenvolvimento Regional.

## AGRICULTOR DE AMANHÃ

Na rubrica de Promoção Social, o sr. eng. António Cardoso da Silva, falando da «Formação Profissional do Agricultor de Amanhã», disse:

«A formação profissional agrícola é tanto mais neces-

sária quanto é certo que a agricultura do futuro só será possível com pessoal altamente especializado e convenientemente mentalizado para encarar as tarefas de modernização cultural e do aperfeiçoamento técnico.

O sector agrícola português estará cada vez mais longe de acompanhar a evolução da vida moderna, enquanto se verificar que «85% dos agricultores e dirigentes de explorações agrícolas são analfabetos ou apenas sabem ler, sem qualquer qualificação profissional nem processo de aquisição».

A Formação Profissional do Agricultor deve ser acompanhada da reconversão profissional.

Na verdade, dos 38 a 40% da nossa população activa que ainda trabalham na agricultura, mais de metade está na terra sem o mínimo de vocação de agricultor, só porque não tiveram meios ou possibilidades de seguir outros caminhos na vida. Vêem, até, o facto como uma fatalidade.

A esses é urgente fazê-los sair do sector agrícola e encaminhá-los para outras profissões. A Formação Profissional Acelerada para a Indústria e Serviços existe com essa finalidade.

Expurgada a agricultura desses que não consideram sequer o ser-se agricultor

como um ofício, há que proceder à formação profissional daqueles que, por vocação própria, desejem ficar no sector agrícola. É imprescindível que esses aprendam o ofício de agricultor.

A agricultura moderna impõe que para ela deixem de se dirigir os menos aptos e menos capazes.

Na comunicação sobre «Exodo Rural e Agrícolas», o dr. Carmo Vaz, depois de apontar algumas generalidades sobre o fenómeno socio-económico do exodo, situou a problemática nos horizontes do desenvolvimento do distrito de Beja, para tratar do «exodo agrícola» e do nascimento de «colónias» de alentejanos do distrito, na periferia da zona industrial lisboeta.

Entrando propriamente na temática essencial da sua comunicação, o autor pôs em relevo a necessidade de preparação cultural e técnica acelerada, tanto de empresários como de operários agrícolas, para que a planificação do desenvolvimento possa ser materializada pelo factor humano.

Referiu-se às providências tomadas para a recuperação de mão-de-obra, progressivamente liberta pela mecanização da lavoura, através dos cursos de aprendizagem acelerada, criados pelo Ministério das Corporações.



O governador civil de Évora e o director do Instituto Geográfico e Cadastral na inauguração da exposição integrada ao I Encontro sobre Desenvolvimento da Região Sul

O autor rematou as suas conclusões, pondo em evidência a necessidade urgente de «investigar», «planear» e «agir» no sector educacional de toda a Região—Plano Sul, especialmente através do novo ensino de Português, sem esperar que venham de fora, de fonte oficial ou não, soluções miraculosas.

Assim, sugeriu e propôs que as municipalidades de Évora, Beja e Portalegre num esforço conjunto, propiciem sem grande perda de tempo, os meios financeiros e práticos, para que um grupo de professores interessados possa levar a cabo a investigação prévia e o desbravar do terreno, no sentido de uma aplicação progressiva, em extensão e profundidade, de meios acelerados e eficazes, no ensino moderno da Língua Pátria.

## SEQUEIRO E REGADIO

O trabalho do sr. eng. Francisco Luís Alves, apre-

sentado na secção de Hidráulica, debate os seguintes pontos de referência:

1.º — A transformação de qualquer área de sequeiro em regadio deve ser antecedida de um estudo técnico-económico esclarecedor.

2.º — Dados o numero e a complexidade dos aspectos a considerar, grande parte da lavoura não estará apta a escolher as soluções técnicas mais favoráveis e a proceder aos indispensáveis estudos económicos prévios.

3.º — Por isso uma mais eficiente valorização de grande numero das explorações de regadio actuais e futuras, seria do maior interesse regional e até nacional, que se estruturasse uma organização que, sem trazer encargos exagerados para os empresários, elaborasse anteprojectos e projectos ou fornecesse aqueles elementos que os lavradores mais evoluídos pedissem.

## DE ONTEM PARA HOJE

### A VIDA DO BANCO DE ANGOLA

Vão ser revistos os estatutos do Banco de Angola. Disse-o o dr. Carlos Moreira Rato, governador daquele estabelecimento emissor e antigo subsecretário de Estado do Ultramar. Na presidência da assembleia o director-geral da Fazenda Publica, dr. António Candido Monteiro Guerreiro. Disse o dr. Carlos Moreira Rato que o projecto dos novos estatutos está pronto para ser submetido à apreciação e parecer da comissão de accionistas eleita em assembleia geral de 7 de Janeiro de 1963. Ao falar da posição económica da provincia em que se exerce a principal actividade do banco, disse o governador: «Simultaneamente, a provincia tem de pagar o preço dos investimentos a realizar em bens de equipamento importados. E esse preço significa um substancial agravamento do desequilíbrio da balança de pagamentos que só poderá compensar-se com entradas correspondentes de capitais externos para novos investimentos. Este facto vem evidenciar a necessidade de se executar uma politica fiscal adequada que estimule os investimentos reprodutivos e restrinja a procura interna de bens de consumo não produzidos localmente. Por outro lado, o encaminhamento das poupanças liquidas para o investimento economicamente válido deverá ser uma das mais destacadas funções da banca em Angola, conceito, aliás, que se aplica a todo o território nacional. Para tanto, cada vez mais se impõe a imprescindibilidade de estabelecimento pelo Governo, de um «controle» efectivo do crédito outorgado ao sector privado, em obediência a uma politica oficialmente definida. Como se sabe um dos instrumentos de politica monetária é a taxa de desconto dos bancos emissores. No que respecta a Angola, de harmonia com a legislação em vigor, a taxa de desconto de banco emissor da provincia serve de ponto de referência para o estabelecimento das taxas máximas autorizadas à banca comercial nas suas operações activas.» A assembleia aprovou depois o relatório e contas apresentados pela administração.

### GRAFIA E CULTURA

Na biblioteca da Imprensa Nacional realizou-se ontem a sessão comemorativa do II centenário daquela instituição. O prof. Vitorino Nemésio, na presença do sr. Presidente da Republica, falou de Grafia e Cultura. Disse, em dada altura: «A grafia tipográfica é mais uma etapa do sistema gráfico que principiou por ser xilográfico (gravura em madeira), até chegar aos caracteres móveis, em que Gutenberg desempenha o principal papel, como coroarmento de um sistema evolutivo das

artes gráficas que haviam de transformar o homem num devorador de papel, como o provam os nossos jornais e o vasto mundo do livro. A Europa já havia arrancado para a grafia tipográfica no século XIII, precedida pela China que vinha cultivando o processo, a partir do século II. Um facto se deu, que funcionou como empurrão, facilitando a produção do papel: a «democratização» da roupa interior de linho e canhamo, cujos relictos eram, depois, usados para fabricar pasta de papel.

### BARCO

#### QUE SE AFUNDA

O «S. Francisco Xavier», da praça da Póvoa de Varzim, afundou-se ao largo daquela costa após ter sido abalado por violenta explosão a bordo. Salvaram-se felizmente todos os componentes da tripulação, constituída por doze homens. Perdeu-se apenas a embarcação e toda a aparelhagem.

### CAMIONETA

#### DE MORTE

Foi na Recta da Bodiosa, perto de Viseu. Uma camioneta de carga, conduzida pelo sr. Manuel Marques Baptista, de Travanca, ia a ultrapassar um carro de bois. Foi colhido o ciclista sr. Marcelino da Silva, primeiro cabo de Infantaria 14, de 23 anos, casado. Morreu no hospital de Viseu.

### PALÁCIO DA REPÚBLICA

O sr. Presidente da Republica recebeu os ares. dr. César Moreira Baptista, secretário de Estado da Informação e Turismo; dr. Baltasar Rebelo de Sousa, governador-geral de Moçambique; António de Medeiros e Almeida, presidente da comissão organizadora da Fundação Salazar; dr. António Vascóncelos Marques; prof. dr. Luís Teixeira Pinto e ainda os componentes da direcção do Lisboa Ginásio Clube.



O sr. Presidente da Republica ao conceder no Palácio Nacional de Belém, com a comenda do Mérito Industrial, o sr. José Silveira Machado, da Sociedade Comercial Guérin

**Cofres de aluguer**  
Av. Republica, 3  
**BANCO DO ALENTEJO**

# AS REGRAS DO DIÁLOGO

por RAUL REGO

NUMA das últimas cerimónias de renovação dos quadros distritais da União Nacional, disse o presidente da nova comissão que ela procuraria «manter o diálogo com a Administração». Assim se pressegue no favor em que parece ter caído recentemente a palavra diálogo, utilizada a propósito de tudo e de nada e de simples monólogo. Pois, até se fala de diálogo com o público ao referirem-se algumas palestras pela rádio ou pela televisão onde, pela natureza das coisas, só um interveniente pode falar? A primeira condição do diálogo é a existência de, pelo menos, dois interlocutores. Mas as palavras, como as pessoas, têm seus altos e baixos, nem de outra forma se explica o simpatia pelo diálogo em contraposição ao desfavor em que é mantida a palavra discussão.

Diálogo e discussão exigem dois, ou mais, intervenientes, duas ou mais opiniões, a encontrarem-se. Por etimologia o diálogo é falado, enquanto a discussão pode ser falada ou escrita. Nem por isso deixam de ser sinónimos hoje em dia, mas o favor de diálogo torna-se em antipatia para com a discussão. Maior serenidade talvez no diálogo e vivacidade acentuada na discussão, podem explicar o favor de um e a antipatia para com a outra. Mas a discussão, o debate, a polémica, a controvérsia, chamem-lhe como quiserem, não deixam de exigir uma condição prévia qual é a da divergência de opiniões ou dos aspectos diferentes porque se pode ver a mesma questão. No próprio diálogo essa divergência tem de existir, sob pena de um dos interlocutores dizer uma coisa e o outro se limitar a dizer que sim. Diálogo monótono, apenas de palavras que não de pensamento, seria esse.

Não há diálogo sem dialogantes nem se podem aferir as diversas opiniões quando só uma vem à superfície; e, também se não compreende como entre pessoas de acordo se pode manter qualquer diálogo animado. Na vida política há os partidos, na vida literária ou artis-

tica as escolas, e é do entrecruço dos pensamentos diferentes ou dos diferentes processos de realizar o mesmo ideal de governação ou de interpretação estética do mesmo tema que surge a animação do diálogo. A contribuição de todos para o património comum deve começar pela expressão livre e franca do pensamento.

Desse diálogo simples e corrente depende o esclarecimento de aspectos essenciais da vida pública; e, sobretudo, só com ele se poderá saber o pensamento de todos quanto ao caminho que querem seguir.

Naturalmente que nos agrupamentos pode haver sectores de tendências diferentes, mas há um elemento catalisador que a todos une e é por ele que todos respondem; e se dialogam sobre ele não o discutem nem põem em causa. Mas outros sectores têm outra visão, com gradações diversas também, embora o norte seja o mesmo. Admitir que se discutam apenas as gradações de um agrupamento, sem se deixar ir ao fundo das questões e penetrar até o âmago dos problemas para ver de onde vem a seiva, é fazer diálogo restrito, sobre temas de somenos e iludindo-nos sobre a importância do que menos importância tem. Entrando nas artes plásticas, e deixando de lado a vida política, admitir que os figurativos possam discutir a maneira de representar o homem ou as coisas e não admitir que os abstractos ponham em questão a própria figura humana é ater-nos a aspectos dentro de uma doutrina. Só dentro da doutrina. Mas a doutrina afere-se por outra doutrina e a uma tendência há que opor outra tendência.

É claro que as discussões familiares não atingem a cadência das disputas entre vizinhos. São questões de família, onde os interesses e o sangue são comuns. Também no Partido Conservador Inglês há disputas e no Trabalhista não há menos. Mas o que opõe a vida política inglesa fundamentalmente não são as questões internas de um partido, ainda quando ele está no Poder, são as divergências sociais, económicas e políticas de partido para partido. Aí é que, por vezes, as discussões tocam as raízes do fogo. As tempestades na Câmara dos Comuns revestem-se aqui e além, de violências que não conheceu nunca o nosso Parlamento; e nem por isso se põe em causa o sistema representativo na Inglaterra. Mas quanto mais fortes são as divergências maior é o calor que se toma na discussão. Não impede

isso que todos tenham, em última instância, o mesmo objectivo. É ele em todos os cidadãos — ou deve ser — o bem comum.

No calor da discussão atingem-se paroxismos como os das eleições americanas, onde parece ter desaparecido a consideração e o respeito pessoais. Mas não é assim. E tanto o calor é apenas um grau de entusiasmo cívico, que, passada a eleição, todos acatam o resultado e se esquecem agravos ou palavras que poderiam quebrar toda a disciplina. Os americanos têm a expressão *election talks* para os discursos proferidos nesse período de busca do caminho nacional. E é no meio dessa confusão, dessas palavras inúteis e, tantas vezes, ofensivas para o adversário, que eles o buscam. É como se na hora de reflexão não pudesse haver limitações para os meios de a conseguir. Essas campanhas eleitorais dão azo a umas dezenas de processos de que depois não mais se houve falar. Passam à conta corrente das *election talks*.

Duas regras fundamentais tem de ter o diálogo, ou discussão. Estarem os contendores em pé de igualdade; e falarem a mesma língua, não sendo a voz do outro abafada por qualquer deles. É esta segunda regra, aliás, uma consequência da primeira.

Naturalmente que os diálogos familiares, como aquele a que aludia o homem público a que no princípio do artigo fizemos referência, têm importância, na medida em que se nos diz que também em certos sectores já se quer dialogar. Mas mais significado teria o diálogo se ele fosse travado também de casa para casa e de cidade para cidade e não apenas de governantes para governados, seus sustentáculos, base do sistema governativo.

A Inglaterra segue, habitualmente, com interesse o diálogo entre o Governo e as «trades unions», no congresso anual destas; mas segue com mais interesse ainda a discussão quotidiana e mais vasta do Governo Trabalhista com os deputados conservadores, na Câmara dos Comuns. É claro que a base eleitoral do Partido Trabalhista são as «trades unions»; mas nada limita nos Comuns ou na imprensa, nos «Lords» os nos municípios, nem os conservadores nem os trabalhistas, nem os liberais. Todos eles são cidadãos e têm os mesmos direitos e a mesma possibilidade de expressão. Igualdade no diálogo é a regra primordial do mesmo.

Nota do dia

REFAZENDO A «EQUIPE».

O PROF. MARCELLO CAETANO procedeu à remodelação do Governo da sua presidência, operação da qual bem se pode dizer que era esperada desde que assumira o Poder, faz hoje precisamente seis meses. A remodelação, como cada um terá observado, foi precedida da remodelação da própria estrutura do Governo, criando-se as Secretarias de Estado do Tesouro e do Orçamento (antes Subsecretariados) e os lugares de subsecretários (estes inovações) do Planeamento Económico (junto da Presidência do Conselho) e do Trabalho e Previdência Social (no Ministério das Corporações). Sentido e alcance da pequena operação?

Do ponto de vista político talvez parecesse fácil dizer e justificar que a remodelação tem escasso sentido político, já que as pessoas chamadas a ocupar novos cargos não são tidas como significando politicamente o bastante para que da sua presença pareça legítimo concluir qualquer espécie de representação das «nuances» ou subcorrentes que se identificam dentro dos esquemas instituídos. Mas é fora de dúvida que a escolha de membros do Governo é só por si um acto político a que não se pode eliminar o conteúdo político que verdadeiramente o caracteriza.

Dos homens novos que surgem no elenco governativo parece fácil sublinhar que a sua escolha traduz preocupações de especialidade e de rejuvenescimento. Com efeito, os «homens novos» são realmente novos, isto é, jovens, ao mesmo tempo que são pessoas que têm feito toda a sua carreira a ocupar-se de problemas da estirpe que lhes foi agora confiada. Têm-no feito, acentue-se, como estudiosos e como profissionais. Não vão, pois, defrontar problemas pela primeira vez, nem tactear o terreno, mas ver em que medida é que as realidades admitem as ideias em que se têm fixado.

Uma nota importante é a concentração, pelo menos temporária, na mesma pessoa, dos serviços e dos problemas que têm estado na dependência de dois ministros, Finanças e Economia. Deste modo se fortalecem a posição e a autoridade do ministro das Finanças (que fez ainda parte do último Governo Salazar, quando chamado a substituir o dr. Ulisses Cortez). Na leitura do seu relatório do Orçamento Geral do Estado para 1969 encontram-se elementos que habilitam a conhecer o pensamento do responsável, ao nível governativo, desse sector predominante na vida nacional.

As duas inovações que merecem registo são as que se referem à criação dos postos de subsecretários de Estado do Planeamento Económico e do Trabalho e Previdência. Isto traduz o reconhecimento da importância crescente dos problemas que cabem naquelas designações. Pelo que se refere ao primeiro daqueles dois novos cargos, que permanece na dependência da Presidência do Conselho, trata-se de matéria que se tem considerado a cargo do ministro da Presidência. E o próprio actual Presidente do Conselho, ao tempo em que foi ministro da Presidência, foi o coordenador do I Plano de Fomento.

A presente remodelação fez sair do Governo um dos seus mais antigos e um dos seus mais modernos componentes, respectivamente, o dr. Correia de Oliveira e o eng.º Canto Moniz. O primeiro, que fazia parte do elenco ministerial há longos anos, tendo sido um dos colaboradores mais próximos do dr. Salazar, foi sucessivamente subsecretário de Estado do Comércio, ministro da Presidência e, por fim, ministro da Economia. O segundo tinha entrado para o Governo há poucos meses. Foi o «homem da ponte». A sua saída deu uma «promoção»: o novo ministro das Comunicações era o anterior secretário de Estado da Aeronáutica. No conjunto de tendência tecnocrática que se desenha pode ser identificado como homem de acção.

## RECTÂNGULOS DA VIDA

### OS «GRANDES» DAQUELE TEMPO

Foi ao arrumar velhos livros que me lembrei deles, dos três escritores que foram, creio eu, os incomparáveis quando tínhamos doze, treze anos. Eles eram então o maior historiador, o maior cientista e, senão o maior contista de aventuras, pelo menos o mais apaixonante de todos. Chamavam-se Alexandre Dumas, Júlio Verne e Emilio Salgari. Claro que já nesse tempo o cientista se sobrepuja ao historiador e este ao aventureiro do Sandokan. Claro que o cientista ainda não era o genial escritor-vidente que viria a mostrar-se mais tarde e até muito mais tarde, no tempo das ascensões à Lua e dos mergulhos ao fundo dos oceanos. Claro que tudo isso, mas em todo o caso...

Ao arrumar pois velhos livros e ao encontrar o mesmo senhor Phileas Fogg da minha infância, nem mais gordo nem mais magro, só um pouco empalidecido, mas sempre fito e digno, de sobrecasaca e chapéu alto

pensei neles, nos três, de uma maneira diferente. Pensei neles com gratidão. É certo que às vezes o que ensinavam, porque ensinavam, trazia um certo número de ideias feitas e de conceitos errados: o servo fiel e dedicado, o amo benevolente, o homem corajoso, em todas as circunstâncias, a jovem em perigo, e por aí fora passando por figuras históricas que nunca tinham existido e por máquinas que nunca haviam sido figuras no espaço mas somente na imaginação

por  
MARIA  
JUDITE  
DE  
CARVALHO



do seu autor. No entanto, o que aqueles três escritores nos deram de entusiasmo, de esperança ilimitada no futuro, de conselhos de protecção aos fracos, de noções de igualdade entre os homens de todas as raças, de todas as cores!

Depois, quando os abandonámos trocando-os por outros mais adultos, de nomes, enfim, mais de acordo com a nossa idade mental — ou simplesmente física —, esquecemo-nos por completo. As vezes ainda ouvimos falar do d'Artagnan, e do Passepartout e do dr. Lidenbrock, e então sorrimos ao de leve, bons tempos esses! Mas, vindo bem, tê-los-emos mesmo abandonado? Não teremos guardado conosco algo que eles nos deram? Alguns de nós em todo o caso? Não haverá, por exemplo, no olhar dos astronautas e no dos homens que fizeram as cápsulas e também no olhar dos que vão ao fundo do mar, uma luzinha onde brilha às vezes o quer que seja de um historiador-inventor, de um escritor-vidente e de um incansável contador de aventuras impossíveis?



Crédito Universitário  
BANCO DO ALENTEJO

**A MODA  
CHEGA PELO AR...  
...LOVELY BABY  
NO AEROPORTO  
DE LISBOA!!!**



UMA JOVEM chegada a Portugal, vinda dos «pincores» da moda — e pensamos em Paris, em Nova Iorque, em Barcelona, em Roma — não traz, afinal, nada de novo a Lisboa.

Os modelos «Lovely Baby», frangidos e cheios de vestíveis como na portuguesa, tal e qual. Para isso, contribui, acima de tudo, a expansão europeia para não dizer mundial, da moda «Lovely Baby» que vai, também, fazer voga em Portugal.

Os modelos «Lovely Baby», confeccionados em malhas Dralon, são práticos, modernos e surpreendentemente elegantes. E não vale a pena falar mais sobre eles: a fotografia que reproduzimos fala por nós. Aqui, a verdade da imagem, tem mais poder do que a verdade das palavras, seja qual for a língua ou o país.

## LABORATÓRIOS MEDICAMENTA

Realiza-se amanhã, no Restaurante Mónaco, reservado para o efeito, o jantar de confraternização dos colaboradores dos Laboratórios Medicamenta, que comemoram 6 anos da administração dos srs. A. Diogo Bravo e dr. Miguel Cocco.

## Artes plásticas

Exposição de pintura  
e fotografia no Bombarral

BOMBARRAL, 27 — No salão nobre dos Paços do Concelho está patente ao público, até o dia 31, uma exposição de pintura (óleos e aguarelas), do artista Estêvão Soares, que tem sido muito visitada.

No Teatro Eduardo Brazão abriu igualmente o I Salão Fotográfico do Oeste, promovido pela direcção da União Cultural. Das fotografias admitidas, em número de 132, algumas já foram premiadas.

# O ÚLTIMO CONSELHO DE MINISTROS E O CRÉDITO A MÉDIO PRAZO

Por **SÉRGIO RIBEIRO**

O problema do crédito a médio prazo, articulado com o do nosso mercado bancário, tem sido dos grandes temas «especializados» da prosa económica portuguesa.

Quase nos perguntávamos se não haveria uma espécie de masoquismo no nosso aparelho administrativo económico-financeiro, que levava a deixar sem tratamento uma largamente diagnosticada carência. Até

porque se há situações que aparentemente se resolvem por si, deixadas à terapêutica do tempo, o problema do nosso mercado financeiro o que tem revelado é que o tempo, e o adiamento, só vêm agravando o que se pode chamar um estrangulamento no desenvolvimento

lo «possível» da economia portuguesa.

E escrevemos desenvolvimento «possível» porque existem, efectivamente, opções básicas (e tornadas indiscutíveis) que são pressupostos inibidores ou travadores do desenvolvimento expresso nos objectivos (afirmados em Planos de Fomento ou noutros documentos). São mesmo pressupostos estruturais, que transcendem o «económico» como «técnicos» e se colocam no plano sócio-político. Apesar da colocação desses temas, pressupostos ou opções, no plano intocável do que é indiscutível, o que vai sendo cada vez menos viável de respeitar ou fazer respeitar.

Mas deixemos estas eufemísticas considerações e entremos, sem problemas, no plano do desenvolvimento económico «possível». Ora neste plano é fácil localizar estrangulamentos e afirmar o que deve ser atacado para que o sistema melhor funcione sem que nada de «fundamental» seja beliscado. Não podem restar dúvidas que a questão do crédito a médio prazo se encontra entre as mais determinantes. Tal como sempre se tem considerado viável encontrar uma solução técnica que atenuasse esse estrangulamento. É verdade que poderá não ser tão fácil como isso, até pelos interesses que se ligam com a questão e pelas soluções precárias que, de raiz, agravam o problema. Referimo-nos à banca comercial e à dúvida que temos de qual a situação que melhor lhes convém (e a presente não está vazia de vantagens), e à criação dos estabelecimentos especializados de crédito, e a estes estabelecimentos públicos, semi-públicos, para-públicos, e ao seu funcionamento que não tem sido susceptível de resolver, ou melhorar, a situação.

O que tem vindo a acontecer é que a capacidade de empréstimo da banca comercial se tem alargado, paralelamente com uma evolução a la rmanente decrescente da formação de capital. Do que tem resultado que, em resposta à procura de crédito a médio prazo, os bancos comerciais dão satisfação parcial através do mecanismo do crédito a curto prazo renovável. Com todos os inconvenientes correlativos a uma solução de remendo, e desvirtuamento de finalidades de mecanismos de crédito.

Poderíamos, neste ponto, fazer uma ilustração com a mais grave crise que tem abalado o sector industrial, que é a crise dos têxteis, crise que decorre, em grande parte, de um apetrechamento, modernização e ampliação da capacidade produtiva, com crédito que, de modo nenhum, poderá servir para investimento. Mas se, praticamente, não há outro...

Por isso mesmo, quando em 18 de Junho do ano passado, o ministro das Finanças anunciou um projecto de regulamentação das operações a médio prazo a concretizar pelos bancos comerciais, utilizando a sua capacidade prestamista, não hou-

ve surpresa. Talvez um «até que enfim»

Esse projecto de decreto previa:

a) a possibilidade de os bancos comerciais, respeitadas os coeficientes mínimos de liquidez, afectarem os fundos provenientes das suas responsabilidades até 90 dias à concessão de créditos até 1 ano, ao passo que até aqui o prazo máximo admitido para esses créditos era de 180 dias;

b) a possibilidade de os bancos comerciais afectarem dentro de certos limites e em determinadas condições, os fundos provenientes das suas responsabilidades a mais de 180 dias à concessão de créditos até 5 anos, quando até aqui o prazo máximo admitido para esses créditos era de 2 anos;

c) a possibilidade, extremamente importante e que não existia até agora, de os bancos comerciais redescontarem créditos a médio prazo na Caixa Geral de Depósitos e no Banco de Fomento Nacional;

d) a possibilidade de os bancos emitirem obrigações a 5 anos para financiarem créditos a médio prazo.

Não seria, de modo nenhum, a resolução do problema. Muita coisa teria de se articular no que se poderia considerar uma viragem na usual política de crédito. Por exemplo, ter-se-ia que, simultaneamente, determinar como se poderia concretizar o redesconto desse crédito, através da Caixa Geral de Depósitos e do Banco de Fomento Nacional.

De qualquer modo, era um passo e respondia à dúvida pertinente relativa ao «masoquismo». E ficou-se esperando que o projecto se transformasse em verdadeira regulamentação; e ficou-se lembrando, de vez em quando, que um projecto é um projecto.

Assim se virou de ano. Assim passou quase um ano. Quando começaram a ser possíveis de encontrar dados sobre 1968, o problema da formação bruta de capital fixo ressaltou. Implícita insinuou-se a questão do crédito a médio prazo.

A reunião de 25 de Março do Conselho de Ministros, no seu comunicado, informava que o Conselho apreciou e aprovou projectos de diplomas que reformam a Caixa Geral de Depósitos, alargando as possibilidades da sua acção no mercado bancário, e que autorizam os bancos comerciais a realizar operações de crédito a médio prazo. Além de projectos relativos ao crédito e seguro à exportação (outro tema!) e outros.

Que se pode pensar ou dizer? O comunicado, no seu laconismo, não nos ajuda. Ficamos pensando que a possibilidade do crédito a médio prazo pelos bancos comerciais se articula com o alargamento da acção da Caixa Geral de Depósitos; ficamos pensando que algo se aproveitou do tornado público em Junho de 1968. Ficamos, sobretudo, esperando, com a perfeita consciência de que esperamos uma regulamentação técnica melhorando um aparelho, atenuando um estrangulamento.

SÉRGIO RIBEIRO

## CIDLA

COMBUSTÍVEIS INDUSTRIAIS E DOMÉSTICOS, S. A. R. L.

CAPITAL: 250.000.000\$00

SEDE SOCIAL: PRAÇA MARQUES DE POMBAL N.º 1 — LISBOA

DIVIDENDO COMPLEMENTAR DO EXERCÍCIO DE 1968

CUPÃO N.º 39

Nos termos aprovados na Assembleia Geral Ordinária realizada em 24 do corrente mês, comunica-se aos Senhores Accionistas que a partir do dia 2 de Abril p. f., estará a pagamento da Secção de Títulos da Companhia, Rua Braamcamp N.º 11-8.º, todos os dias úteis das 9,30 às 12 e das 14,30 às 17 horas, o dividendo complementar de 120\$00 a cada uma das suas acções em circulação, cativo de impostos, relativo ao Exercício de 1968.

O dividendo líquido a pagar por cada acção, é o seguinte:

### ACÇÕES NOMINATIVAS

Do N.º 1 a 100.000 (Títulos N.º 1 a 18.712) 103\$66

Do N.º 100.001 a 125.000 (Títulos N.º 18.713 a 34.111) 105\$96

### ACÇÕES AO PORTADOR

Registadas 107\$16

Não registadas 84\$50,4

Lisboa, 25 de Março de 1969

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO



**NITRATOS**



**AGRAN**

**NOVOS TELEFONES**

EM 1 DE ABRIL, A NOSSA CENTRAL TELEFÓNICA PASSARÁ  
A SER SERVIDA PELO

**PPC/A 67 90 51**

## «Fedora» em São Carlos para fecho da temporada

Com a ópera «Fedora», de Giordano, que desde há muito se não canta no nosso País, e que será apresentada amanhã e no domingo, respectivamente às 21 e 15 e às 16 e 30, termina a temporada de ópera de 1969 do Teatro Nacional de S. Carlos. Dirigida pelo maestro Nicola Rescigno e encenada por Vittorio Patané, a célebre ópera de Giordano será interpretada por um escolhido elenco de grandes ar-

tistas: Antonietta Stella, Aldo Bottion, Attilio D'Orazi, Anna Gasparini, Alvaro Malta e Armando Guerreiro, nos principais papéis, e ainda Carlos Fonseca, Manuel Leitão, Sara Rosa, José Carlos Xavier, João Pessanha e João Costa e Silva. No espectáculo intervêm ainda a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional e o Coro de Teatro de S. Carlos, ensaiado pelos maestros Mario Pellegrini e Carlo Pasquali.

## As estreias de hoje

### No Politeama

**Título em português** — Testa de ponte  
**Título original** — «Hell in Normandy»  
**Produção** — Americana  
**Realização** — Al Bradey  
**Interpretes** — Peter Lee Lawrence, Guy Madison e Erika Blanc  
**Género** — Aventuras  
**Distribuição** — Filmes Castello Lopes  
**Processo** — Eastmancolor-Colorscope  
**Classificação** — (12 anos)



O jovem e promissor artista Jorge Lima acaba de gravar o seu segundo disco comercial, que inclui os seguintes trechos: «Ah! Fado de um ladrão» (Carlos Santos e Oscar Caro), «Coração do fado» (Eugénio Pepe e dr. Guilherme Pereira da Rosa), «Vielha» (Artur Rebocho e Artur Ribeiro) e «O amor quando se perde» (Manuel Paão e Eduardo Damiás).

## Teatro em Faro

FARO, 27 — Na segunda-feira, à noite, no Cinema Santo António, nesta cidade, decorrerá um espectáculo pela «Oficina de Teatro», da Academia Coimbra, que apresentará «Sonata dos Espéctros», de Strindberg, sob a direcção do encenador Goulart Nogueira.

## ABC

TEL. 36 67 45

(ADULTOS)

AS 20.45  
e 23 HORAS  
e aos  
SABADOS  
e  
DOMINGOS  
às 16 horas



TONY DE MATOS

### Elas é que sabem

REVISTA com Ivone Silva, Nicolau Breyner, Henriqueta Maya, José de Castro, Natália José, Jill Christy, Carlos Gonçalves e Tony de Matos

## COLISEU

HOJE, às 21 e 15  
(Maiores 17 anos)

O GRANDE FILME  
DE ACÇÃO E MISTÉRIO  
«O HOMEM DO  
GOLPE PERFEITO»

PREÇOS: 100, 200, 400

## Teatro Canitôlin

Tel. 370379

HOJE, às 21.45 horas

ESTREIA

DO ORIGINAL PORTUGUÊS  
de Jaime Salazar Sampaio  
«OS VISIGODOS»

Realização de Artur Ramos  
(M. 17 anos)

## TRINDADE

— F. N. A. T. —

HOJE, às 21.45

o T. M. P. (sub pelo Fundo  
do Teatro) apresenta a sen-  
sacional peça de  
Samuel Beckett

À ESPERA DE COTOT

Sábado e Domingo

Tarde, às 16 h. (M/17 anos)

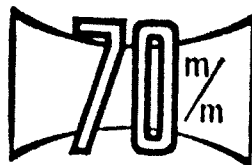


FILMES CASTELLO LOPES

apresenta em Faro MGM



## No esplendor dos



e som estereofónico total

## O FILME MAIS DESEJADO DE TODOS OS TEMPOS

Produção de DAVID O. SELZNICK do romance de MARGARET MITCHELL

## E TUDO O VENTO LEVOU

(GONE WITH THE WIND)



com  
CLARK GABLE  
VIVIEN LEIGH  
LESLIE HOWARD  
OLIVIA de HAVILLAND

O filme  
dos  
10  
Oscars

Adultos

A SELZNICK INTERNATIONAL PICTURE - VICTOR FLEMING - JOHN HOWARD  
METRO GOLDWYN MAYER - VICTOR FLEMING - JOHN HOWARD  
IN 70mm WIDE SCREEN STEREOPHONIC SOUND METROCOLOR

volta ao convívio de milhões  
numa nova dimensão  
de esplendor e grandeza!

## ESTREIA COLOSSAL MANHÃ

CONDES ROMA

SÃO JORGE

Apresenta em

4.<sup>a</sup>

SEMANA

Steve McQueen  
Faye Dunaway

NO MAIS AUDACIOSO  
FILME DA TEMPORADA!



## O GRANDE MESTRE do CRIME

Thermal Cinema Affinity

UM ESTRANHO E APAIXONANTE  
JOGO ENTRE AMBIÇÃO E SEXO

NOTÁVEL DIRECÇÃO  
DE

Norman Jewison

O REALIZADOR DE "VÊM AÍ OS RUSSOS...  
VÊM AÍ OS RUSSOS" E "NO CALOR  
DA NOITE"

ADULTOS



Só até domingo!

ÚLTIMOS DIAS

no Teatro MARIA VITÓRIA

Às 21.45 h. — SABADO e DOMINGO:  
«MATINÉE» às 16 h. (M. 12 anos)

## O MUNDO ALEGRE DE BADARÓ

Um «show» de LUZES PSICADÉLICAS. Duas  
horas a rir com um BADARÓ sensacional.

MUSICA POR «THILO'S COMBO»

NA «MATINÉE» DE SABADO OS ESTUDANTES TÊM  
DIREITO AO DESCONTO DE 50%

# PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

## • NO ESTÚDIO

**TÍTULO** — «Charly» (1968).  
**REALIZAÇÃO** — Ralph Nelson.  
**INTERPRETES** — Cliff Robertson, Claire Bloom.

Gostar de uma obra é acentuar o que nela julgamos essencial, e, sem ignorar os seus defeitos, considerá-los como secundários. A partir daí, a opção está tomada. E se a favor, não se é contra. Em relação a «Charly» eu proponho que se seja a favor.

Para além de todas as discussões relativas a estilos, intenções e maneiras de contar, «Charly» é, em primeiro lugar, um documento humano. Nessa qualidade, é um documento inesquecível. Uma interpretação prodigiosa de Cliff Robertson contribui em muito para isso: para a tornar inesquecível. A história de um atrasado mental extremamente interessado pela vida que, por fortuitas razões científicas, aumenta súbitamente a sua capacidade mental até limites excepcionais, esta história estranha e incomodativa, mas tão bela e reconfortante na sua convulsa afirmação de vida — esta história é, também (ou fundamentalmente?), uma história de amor. E, para que amor seja mesmo amor, com a dimensão humana que lhe cabe, temos a presença fascinante e sedativa de Claire Bloom. Depois, as coisas transformam-se. Sabemos que, além de documento, «Charly» é, ainda, ficção científica — mas à escala humana, entre homens, arbustos, crianças e hospitais. E, no seu limite, «Charly» é uma meditação

sobre o saber e a vida, o amor e a dignidade, a ciência e as relações humanas, os ratos e os homens. Seria inútil negar as banalidades e os lugares-comuns que atravessam o filme: contudo, eles estão como que distorcidos por uma história indecisa e ambígua.

Poderemos (deveremos) discordar da realização de Ralph Nelson. Ela é melhor nas cenas em que não se nota. No entanto, nota-se em excesso, e o peso de um gesto pouco seguro quase que chega a comprometer a empresa. Para a salvar, contudo, está lá Cliff Robertson.

Por conseguinte, apontadas todas as reservas, a nossa escolha é a favor. Só se gosta verdadeiramente de uma coisa ou de uma pessoa quando se gosta, apesar de. «Charly» é uma obra cativante e simpática. «Charly» é um filme que seria indesculpável se o perdesse.

EDUARDO PRADO COELHO

## • NO ODEON

**TÍTULO** — «A viúva solteira» («Monsieur de Sade»).

**REALIZAÇÃO** — Yves Robert.

**INTERPRETES** — Sylva Koscina e Robert Hirsch.

«A viúva solteira», do sr. Yves Robert, um senhor desconhecido que filma tão cabotinamente e tão academicamente mal como o mais conhecido dos senhores conhecidos, é, para empregarmos um lugar-comum, um filme menor. Mas não é apenas isso. É um lamentável *show* Sylva Koscina, uma atriz que tem incontestáveis qualidades, mas que procura, com ajudas sólidas, iludidas — e consegue. A película é uma coleção de cenas, situações, atitudes (e gargalhadas) convencionais, em que o mau gosto do realizador e do argumentista alternam, fatalmente, com o mau gosto do público. É, portanto, um filme para rir. Rigorosamente, nada mais. E se a

realização, quando não é académica e cabotina, é, apenas, incipiente, o mesmo não pode dizer-se do argumento. Esse, sem estrutura, sem lógica interna (ou externa...) não é tão mau como a realização: é pior. Se gosta de cinema, não vá ver a «Viúva Solteira». Se gosta de rir, vá ver a «Viúva Solteira». Eis tudo.

S.

## • NO COLISEU

**TÍTULO** — «O Homem do Golpe Perfeito».

**REALIZAÇÃO** — Aldo Florio.

**INTERPRETES** — Richard Harrison, Alida Chelli, Diana Lorys, Luis Davila, Franco de Rosa e Rosalba Neri.

Como habitualmente neste período do ano, o Coliseu está a efectuar uma temporada de cinema, geralmente com programas duplos para um público predominantemente popular.

Ontem, estreou-se «O Homem do Golpe Perfeito», realizado por Aldo Florio. É um

filme em que domina a acção, a aventura, a superioridade do «herói invencível», que enfrenta os mais variados perigos. Obra de um género apreciado e muito em voga, «O Homem do Golpe Perfeito» não está só... Acompanham-no belas mulheres, algumas sabendo usar as pistolas e os punhos tão bem como a mini-saia.

Folhetim movimentado, colorido e condimentado com todos os requisitos necessários, esta realização de Aldo Florio não é uma obra de intenções estilísticas. O seu estilo provém do ritmo dos so-

cos, das lutas e das perseguições... de varia ordem. R.

## • NO AVIZ

**TÍTULO** — «Amor, leuco amor».

**PRODUÇÃO** — Itália-1968.

**REALIZAÇÃO** — Bruno Corbucci.

**INTERPRETES** — Little Tony, Katia Christine, Gianni Agus e Aldo Fughini.

O filme tinha de ser, no fim de contas, o que é Lit-

(Continua na 8.ª página)

**Audácia, coragem, heroísmo nas sangrentas praias da Normandia!**

# TESTA DE PONTE

(HELL IN NORMANDIE)

PETER LEE LAWRENCE  
 GUY MADISON  
 ERIKA BLANC

AL BRADLEY



EASTMANCOLOR

Maiores de 12 anos

COLORSCOPE

**HOJE, ESTREIA**

Das páginas da história para o écran do

**POLITEAMA**

**2.ª SEMANA!**  
**TRIUNFAL!**

CINEMA  
**MUNDIAL**

ADULTOS

FRENTE A FRENTE  
 DOIS DOS MELHORES ACTORES DO CINEMA MUNDIAL  
**CHARLTON HESTON • MAXIMILIAN SCHELL**



KATHRYN HAYS • LESLIE NIELSEN

UNIVERSAL FILMES LUSOMUNDO

TECHNICOLOR SCOPE

**Sinfonia para um inimigo**

uma mulher entre dois homens... uma orquestra entre dois fogos... uma decisão de morte entre dois inimigos!



ENTRE A VIDA E A MORTE,  
 UM MAESTRO REGE A SUA  
 MELHOR SINFONIA... A...

**Novo CASINO ESTORIL**

**TAKE FIVE**

CONJUNTO VOCAL AUSTRALIANO

**D'ANGOLY'S JR.**

ORIGINAL MALABARISTA

**Ada de Castro**

**PARIS JAZZ BALLET**

UM "COCKTAIL" DE COREOGRAFIA MODERNA

**JIRINA'S COMBO OS "SHEIKS"**

ORQUESTRA CASINO ESTORIL

no grande salão restaurante às 23.30h a/17 anos no wonder bar à 1.00h a/21 anos

No Cinema, às 17 e 21.30 h. (M. 17 anos)  
 A 25.ª HORA

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Lapa, Mafra, Lisboa, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Praça Miraflores de Foz, Rua de Costa Cabral, Condição, Praça da República, Rua de Antas, a partir das 19 h-30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Salgadas, a partir das 20 horas.

# «À ESPERA DE GODOT» no Teatro da Trindade

Dez anos depois de ter sido estreada, no mesmo palco do Trindade, a peça de Samuel Beckett ainda não encontrou no público o seu Godot. Mas, bem, a situação mudou completamente. Por curiosidade, já não é uma boa parte do público que, como há dez anos, espera pela peça; hoje, é ela que espera por uma grande parte do público. Até quando?

Para dizer tudo, desde o princípio, a reposição do «Godot», no que devia ter de mais actante, foi um fracasso. O público não bateu, como da outra vez. Logo e por isso, não provocou uma reacção de aplauso esmagador, de vibração incontida, de entusiasmo em cadeia, de «vamos correr com os bonifrates do teatro cómico». Nada disso ao invés, mesmo quem detestou, não entendeu, ou ficou pregado de raiva à cadeira, mesmo esses, chegaram ao fim e meteram-se na rotina dos aplausos puxados pelo pano sobe-e-desce, ou por uns «bravos» gritados por gente da casa em descanso de distribuição. Nem uma coisa, nem outra, se fazem à peça de Samuel Beckett, que diabo!

Mesmo a dez anos de vista, esta peça, para mais levada, ali, no Trindade, é uma luta com o público. E torna-se muito mau, não ver patear os que não gostam. Como é que eles justificam os que têm que começar a patear o que eles gostam? Como?

Se eles se encolhem, se eles se moderam, se eles se neutralizam, lá voltamos todos a ter que estar na plateia, como delinquentes habituais, vigiados de perto pelos olhos da comodidade! Ainda por cima, os que não gostam não se coíbem de estragar o espectáculo, rindo do que é sério, tomando as palavras pelo seu subentendido revestido, desfazendo a comunicação pela lembrança de certas anedotas interditas. Que «chatices»!

Se «À Espera de Godot» não serve para, neste pântano, reabilitar a pateada, então, vamos todos — e já — para outra coisa. Mas «Godot» em banho-maria é que não!

Neste sentido, eu digo que a reposição, no que devia ter de mais actante, foi um fracasso. No resto e com que frescura, continua a ser a melhor obra de Ribeiro (primeiro, o encenador; e só depois, o actor). Mesmo com o senão de um Canto e Castro levando o Vladimiro para a balda cómica (o que me parece erro de base, mas não de perspectiva, pois C. C. foi-o assim deliberadamente, heróicamente, e até ao fim) a encenação de Ribeiro é notável. Tira tudo o que

## BADARÓ NO MARIA VITÓRIA

O espectáculo «O mundo alegre de Badaró» continua no Maria Vitória até domingo, todas as noites, às 21 e 45. Apesar das grandes encheites registadas em todas as sessões, os compromissos assumidos por Badaró para apresentação do seu «show» na provincia obrigam-no a deixar aquele teatro,

havia a tirar do Beckett, seja, como acontece muitas vezes, de dentro de um chapéu ou de uma bota...

O par Lucky-Pozzo (ou Pozzo-Lucky, para os que medem os cavalos pelos donos que eles têm) foi, no palco do Trindade, o desenho de maior simetria. Nem a voz (arrelhiadamente ausente) de Costa Ferreira lhe tirou (quanto a mim) a melhor interpretação da peça, nem a voz (naturalmente marcada de ressonâncias de galã) tirou a Rui Mendes a magia do texto automático, logo poético, logo surreal, logo violento, logo cruel.

Estou mesmo em dizer que o público entendeu melhor, desta vez, «os que não esperam já por nada», do que «os que ainda esperam por Godot».

TAVARES DA SILVA

## BAPTISTA ROSA FALA HOJE NO CLUBE DOS PUBLICITÁRIOS

Na continuação de série de palestras que o Clube Português dos Publicitários organiza semanalmente, estará hoje presente na sede daquela organização (Praça das Águas Livres, 7 cave) o conhecido produtor e realizador de cinema e TV, Baptista Rosa.

Para os sócios e convidados do Clube, o conhecido cineasta abordará o tema «O filme publicitário e a Televisão», seguindo-se um debate. Baptista Rosa, ilustrará a sua conferência com a projecção de vários filmes considerados, inéditos para a maioria dos publicitários, além de abordar um tema quase desconhecido entre nós e que nos Estados Unidos levantou polémica — a publicidade subliminar.

A sede do Clube dos Publicitários receberá assim, pelas 21 e 30, não só a sua grande massa associativa como muitos interessados sobre temas novos da publicidade televisiva.

VASCO MORGADO apresenta

(ADULTOS)

AR CONDICIONADO  
**TEATRO VILLARET**

**4.º MÊS**

HOJE: 2 sessões, às 21 e 23 h.

## ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES A PREGUIÇA

com

**Raul Solnado**

(numa das suas melhores interpretações)

FERNANDA BORSATTI

ALINA VAZ

MÁRIO JACQUES

ANTÓNIO MONTEZ

DAVID SILVA

Atenção ao horário de sábado. Um único espectáculo às 16 horas. Os estudantes beneficiam de um desconto de 50 %

POR IMPOSIÇÃO DO PÚBLICO

## 2 ESPECTÁCULOS DE VASCO MORGADO CONTINUAM NO CARTAZ

TEATRO I 555133

**MONUMENTAL**

HOJE  
às 21.45 h.

Maiores 17 anos

3.º MÊS

Representação

A farsa de CLAUDE MAGNIER

tradução de Mariana de Moraes

**QUANDO ELA SE DESPIU...**

com CAMILO, FLORELA, CARLOS COELHO, Cármen Mendes, Yola, Linda Silva, Alida Pinto, Alice Carla

Encenação de SANTOS CARVALHO

DOMINGO à tarde às 16 h.

**TEATRO LAURA ALVES**

— T. 864756 —  
(ADULTOS)

155.ª REPRESENTAÇÃO

HOJE, às 21.45 h.

**O JOVEM MENTIROSO**

com BRUNILDE JUDICE, RUI DE CARVALHO, Manuela Maria, Célia da Sousa, Fernanda Figueiredo, Benjamin Falcão e o par-revelação Guida Maria e Vasco Morgado Jr.

Encenação de JACINTO RAMOS

SABADO, manhã às 16 h.

Para todo o público

ESTUDANTES 18000

E À NOITE, às 21.45 h.

DOMINGO, à tarde às 16 h.

# Concurso PHILIPS TRIUNFO DA TÉCNICA

RESULTADOS DO SORTEIO DE  
**20 AUTOMÓVEIS OPEL**  
REALIZADO EM 24 DO CORRENTE  
NA SEDE DA PHILIPS PORTUGUESA  
NA PRESENÇA DAS AUTORIDADES

1.º Prémio — 1 Automóvel Opel Rekord L, de 4 portas  
141 828 — CAPITÃO ARTUR TEIXEIRA — Rua Mártires da Liberdade, 247, 1.º-D.  
— PORTO — (Tele-receptor, tipo 23T642, n.º 230 637, vendido por Electro-Visão, Porto).

2.º a 20.º Prémios — 19 Automóveis Opel Kadett, de 2 portas  
68 053 — JOÃO BAPTISTA DOMINGUES DA CRUZ — Gafanha da Vagueira —  
AVEIRO — (Tele-receptor, tipo 23T640, n.º 181 372, vendido por Tonelux, Aveiro).

64 210 — ANTÓNIO VIEIRA MONTEIRO — Rua Sob-Tamega — MARCO DE CANAVEZES — (Frigorífico 170 I, n.º 397 618, vendido por Montfort, Leal & Irmão, Marco de Canavezes).

32 651 — MÁRIO BORGES PINHEIRO — Rua Construtores Cívicos, 45, r/c-D. —  
TOMAR — (Máquina de café, tipo HD 5105, vendida por António Lourenço, Alveizere).

12 816 — FRANCISCO TEIXEIRA DA SILVA PASSARO — Rua Dr. Berbes de Albuquerque, lote 3, r/c-D. — LOURES — (Tele-receptor 20T644, n.º 238 219, vendido por Santos & Costa, Lda., Loures).

127 201 — ANTÓNIO FELISBERTO DE ALMEIDA — Torres do Mondego —  
COIMBRA — (Rádio, tipo RB370, n.º 265 950, vendido por Televisor, Lda., Coimbra).

111 844 — JOAQUIM INACIO ROQUE — Rua C, n.º 10, B.º N. S. da Glória —  
ÉVORA — (Tele-receptor, tipo 23T640, n.º 181 527, vendido por Joaquim Jaramas, Redondo).

100 112 — ANTÓNIO PINTO CORREIA — Est. de Lux, 195, 4.º-D. — LISBOA —  
(Tele-receptor, tipo 23T642, n.º 231 659, vendido por Exclusivos Eléctricos, Lda. — Lisboa).

132 923 — D. ILDA RAMOS PAIXÃO — Rua A, lote 19, 2.º-Esq. — MASSAMA —  
(Tele-receptor, tipo 19T610, n.º 108 739, vendido por Duarte & Ponte, Lda., Lisboa).

42 844 — MANUEL JOAQUIM VIEIRA — Tr. José Joaquim Andrade, 9 — Frel-  
zeiro — PERAFITA — (Tele-receptor, tipo 20T644, n.º 207 290, vendido por Moreira & Quelhas, Lda., Porto).

153 550 — RUI DOS SANTOS FRADIQUE — Santa Eulália — SABUGO — (Rádio,  
tipo 22RL384, n.º 775 314, vendido por Electro Central de Sapadores, Lisboa).

61 707 — D. MARIA JOSÉ FERNANDES — Rua do Sol, 2, r/c-D. — ALMADA —  
(Gira-discos, tipo 22GF228, n.º 57 504, vendido por Electro Globo, Lda., Almada).

32 662 — CONDE DE MONTE REAL — Rua do Prior, n.º 2 — LISBOA — (Tele-  
receptor, tipo 23T640, n.º 226 513, vendido por Boira Rádio, Lisboa).

38 470 — JOAQUIM CARLOS RODRIGUES CAMPOS — Rua Luz Soriano, 185 —  
PORTO — (Tele-receptor, tipo 23T640, n.º 181 325, vendido por Electro S. Mamede — S. Mamede de Infesta).

26 735 — JAIME HENRIQUES GONÇALVES LISBOA — Alto das Torres — MAFA-  
MUDE — (Gira-discos, tipo AG 2230, n.º 143 19, vendido por Casa Jaime Lisboa, Vila Nova de Gaia).

136 566 — HIGINIO RAMALHO MENDES — Rua 26 — ESPINHO — (Sintonizador,  
tipo RM781, vendido por Sabino R. de Oliveira, Espinho).

53 544 — D. MARIA DA GLÓRIA LEITÃO — Rua Carlos Reis, 15-A — LISBOA —  
(Tele-receptor, tipo 23T640, n.º 226 229, vendido por Jerónimo Ventura, Damaia).

38 500 — JOAQUIM PRUDENTE VIEIRA — Rua Francisco Lourenço, lote 2, c/v-D.  
SACAVEM — (Gravador, tipo M4307, n.º 192 682, vendido por Electro Rádio União, Sacavem).

140 477 — JOSÉ GONÇALVES — R. República, 42 — CANEÇAS — (Tele-receptor,  
tipo 20T644, vendido por Electro Memória, Odivelas).

81 759 — MANUEL PEREIRA PIPA — Rua Bartolomeu Dias, 6 — SESIMBRA —  
(Tele-receptor, tipo 20T641, n.º 228 630, vendido por Frineve, Lisboa).

Os contemplados neste Concurso deverão reclamar os seus prémios na Sede da  
PHILIPS PORTUGUESA, S. A. R. L., Rua Joaquim António de Aguiar, 66, em Lisboa,  
até ao dia 23 de Setembro de 1969.

**PHILIPS O TRIUNFO EM TODA A LINHA**

## LUSTRES

Fazemos novos, repara-  
mos, transformamos ao  
gosto do cliente. Fábrica,  
Av. 5 de Outubro 203.  
r/c — Telef. 771639  
(Ao Campo Pequeno)

## SINTRA ESPERA-O

Para a sua deslocação ou  
Razão de combate eléctrico.

## HOTÉIS CONDEÇA

— Aproveite a altura da PASCOA, para experimentar  
hospedar-se nos n.º estabelecimentos: —

MALHADA — Sintra — Telef. 5

ou

NAUTICO — Sesimbra — Telef. 229233



O Banco Totta-Aliança, através desta nova modalidade, concorre para o êxito das profissões liberais.

Destina-se este crédito a financiar:

- a aquisição de equipamentos para consultórios, escritórios, «ateliers», laboratórios, etc.;
- a realização de melhoramentos ou reparações nos locais de trabalho;
- a própria formação dos profissionais, permitindo-lhes frequentar cursos ou estágios no estrangeiro, etc.

Preencha e cole este cupão num bilhete postal para o Banco Totta-Alliança: Rua do Ouro, 69-79, Lisboa; Avenida dos Aliados, 37, Porto; ou qualquer Agência ou Dependência. Receberá na volta do correio um desdobrável com as condições do "CREDITO AS PROFISSOES LIBERAIS".

Nome \_\_\_\_\_

Morada \_\_\_\_\_



BANCO TOTTA-ALIANÇA

um banco novo com mais de cem anos de experiência

SHEGUNDO GALARZA E FERRER TRINDADE VÃO ACTUAR NO CASINO ESTORIL

O mês de Abril, tradicionalmente considerado como abertura da estação alta do turismo em Portugal, vai, este ano, marcar uma notável renovação no cartaz artístico do Casino Estoril. Assim, além do habitual show de inegável categoria internacional que ali diariamente se exhibe, com um cartaz sempre renovado, vão passar a actuar ali, também diariamente, quer no salão-restaurante, quer no «Wonder-Bar», a orquestra dirigida pelo maestro Ferrer Trindade e o famoso conjunto de Shegundo Galarza. O primeiro regressa, portanto, ao local onde viveu horas inesquecíveis da sua carreira artística, pois Ferrer Trindade foi, durante anos, o director da orquestra privativa do Casino, lugar que agora reforma por mérito próprio. Quanto a Shegundo Galarza é desnecessário encarecer o interesse da sua presença e do seu conjunto nas noites do Estoril, pois o popular maestro espanhol (português pelo coração) é já soberbamente nosso conhecido, e são do domínio público as suas qualidades de músico



exímio e de homem simpático. A partir do primeiro dia do próximo mês temos, pois, mais dois fortes motivos de atracção no Casino Estoril, aos quais se soma, ainda, a apresentação da escultora Nadja Nadiova, acontecendo, porém, que esta artista se exhibe apenas no «Wonder-Bar».

Primeiras exhibições

(Continuação da 6.ª página)

tle Tony, imagem e recorte de um jovem, hoje «coqueluche» da canção italiana. Não é mais, pois, do que uma história sentimental, levemente picante e cheia de bom humor. Bruno Corbucci é o realizador da película, divertida comédia musical com muitas mini-salas, alegria e mocidade. «Amor, louco amor», é assim, uma obra destinada à juventude, com o acento, o estilo, a fórmula expressiva do protagonista. Narrativa juvenil, fresca e engenhosa também. Pela primeira vez perante as câmaras cinematográficas, Little Tony demonstra a vontade e boa presença na pele de um desembaraçado aviador comercial que, em terra, é «piloto» pela insinuante e bela Katia Christine. «T Bird», «Wooden Heart», «A whiter Shade of pale», «Molmo a vento»,

«Non canta niente», e «Pegio per me» são êxitos de Little Tony, que servem de elos ligando os diversos passos da história que interessa, sem barreiras de idades, a quantos gostam da canção moderna.

Com excelente fotografia (em «eastmancolor»), passando por diferentes capitais europeias, a película conta ainda no seu «cast», além do protagonista e de Katia Christine com Gianni Agnelli, Aldo Puglisi e Antonella Stoni. — P.

O Faraó

No ABC Cine-Clube

O ABC Cine-Clube tem amanhã (18 e 40), no Cinema Lys, mais uma sessão para os seus associados, com o filme «O Faraó», do polaco Jerzy Kawalerowicz. A entrada da sessão aceita-se inscrições para novos sócios.

RENAULT GORDINI

IMPECÁVEL, COM 29 000 KM,  
VENDE PARTICULAR. GARAGEM  
ESCAPE, R. CASTILHO, 72 - A,  
LISBOA. Telef. 561616 e 561919

GRIPE

PARA O PROBLEMA DAS EPIDEMIAS GRIPAIS

ARGOTONE

ANTI-SEPTICO E DESCONGESTIONANTE DAS VIAS NASAIS

A VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

FESTAS DA PASCOA Horário dos comboios

Comunica-nos a C. P. que por motivo das Festas da Páscoa efectuam-se os desdobramentos aos comboios regulares de longo curso, que se reconhecerem nestes dias.

Adem destes comboios de desdobramento, realizar-se-á, também, nos dias 2, 3 e 4 de Abril, caso a afluência de passageiros o justifique, um comboio especial, com partida da estação de Lisboa (Santa Apolónia) às 23-35; paragem em Coimbra-B, às 2-07 e em todas as estações da linha da Beira Alta (até Guarda) e, no dia 6 de Abril, um comboio especial, com partida de Coimbra-B, às 21-05 e chegada ao Entroncamento de 23-40, com paragem em todas as estações e apeadeiros do percurso.

O primeiro destes horários consta de aviso afixado nas estações.

CAMINHOS DE FERRO

Excursões — 1969

A C. P. acaba de editar um folheto descritivo com o plano das «EXCURSOES» a realizar ao corrente ano, que poderá ser solicitado nas Seções de Informação de Lisboa (Romeo) e Lisboa (Santa Apolónia), nas Despachos Centrais e nas Agências de Viagens autorizadas.

# ASSEMBLEIAS GERAIS

## Amoniação Portuguesa

Sob a presidência do dr. Camilo Cavourdan de Oliveira, que representava o Banco Nacional Ultramarino, secretário-geral pelos srs. Francisco Pinto Coelho e dr. Luís de Meilo Breyner Pereira, em representação, respectivamente da Caixa Sindical de Previdência do Pessoal da Indústria e Comércio de Produtos Químicos e Farmacéuticos e da Companhia de Seguros Tranquilidade, reuniu, ontem, ao fim da tarde, na respectiva sede social, a assembleia geral do Amoniação Portuguesa.

Aberta a sessão, ao entrar-se na ordem dos trabalhos, o eng.º Faria Blanc, presidente do conselho de administração da empresa, usou da palavra para dirigir palavras de saudação e comentar a vida do Amoniação Português à luz dos condicionamentos nacionais e externos. Depois de analisar o sector das indústrias químicas, e dos derivados de petróleo, o eng.º Faria Blanc disse que as perspectivas de evolução da economia portuguesa no decurso do corrente ano

apresentam-se ainda mais optimistas em face do II Plano de Fomento.

Referindo-se à situação no sector de adubos, concluiu que a situação existente no nosso País apresentava os seguintes aspectos:

- níveis baixíssimos de produtividade por hectare de terra arável, da maior parte das culturas;
- reduzido consumo actual de fertilizantes em comparação com os outros países da Europa;
- evolução extraordinariamente insatisfatória do consumo de adubos em anos recentes

O relatório e as contas foram aprovadas por unanimidade. O balanço do exercício apresenta um resultado negativo de esc 1 936 497\$11, o que havia sido explicado pelo conselho de administração como resultado do condicionalismo e regime de monoprodução em que a empresa vive.

Passando-se à segunda parte da ordem dos trabalhos, procedeu-se à eleição dos corpos gerentes, a qual conduziu aos seguintes resultados, obtidos por unanimidade de votos:

Assembleia geral: presidente — Banco Nacional Ultramarino; vice-presidente — dr. Manuel Ribeiro Espírito Santo Silva; secretários — Caixa Sindical de Previdência do Pessoal da Indústria e Comércio de Produtos Químicos e Farmacéuticos e Companhia de Seguros Tranquilidade S. A. R. L. Conselho de administração: presidente — eng.º Hermenegildo Augusto Parreira de Faria Blanc; vogais — Federação Nacional dos Produtores de Trigo, Junta Nacional do Vinho, major Eduardo Rodrigues, Areosa Felo, S. E. T. E. I. A. — Sociedade de Estudos Técnicos e Economia Industrial e Agrícola, Limi-

tada Conselho Fiscal: presidente — Carlos Augusto Marques; vogais — cap. António das Neves Graça e dr. José Rodrigo de Barros Saldanha Carvalhosa

## Da Companhia de Seguros «Portugal Previdente»

Sob a presidência do sr. dr. Carlos Mourisca, realizou-se a assembleia geral da Companhia de Seguros «Portugal Previdente», que aprovou por unanimidade o balanço e a conta de ganhos e perdas, que apresenta um saldo positivo de 2 085 089\$82. O conselho de administração propôs para distribuição um dividendo de 1 200 000\$00, o que foi aprovado.

Os corpos gerentes foram reeleitos

## Da Hidro-Eléctrica do Cávado

O sr. dr. Rolando Van-Zeller, vereador da Câmara Municipal do Porto, presidiu à assembleia-geral da Hidro-Eléctrica do Cávado, a qual aprovou o relatório do conselho de administração, o balanço e contas e o parecer do conselho fiscal, relativos ao exercício de 1968.

A assembleia aprovou, ainda, uma proposta de distribuição de dividendos de oito por cento, o que é tradicional na empresa.

## A barra do Guadiana continua fechada

VILA REAL DE SANTO ANTONIO, 27 — Continua fechada a navegação a barra do Guadiana, o que impede que se faça ao mar a frota de pesca local.



## O SONHO DA GATA BORRALHEIRA

Horas de expectativa. O nervosismo das grandes estrelas. Corridas, vozes e aflição. São assim os bastidores de uma casa de pronto a vestir, antes do começo de mais uma passagem de modelos.

Eduardo Martins «Pronto a Vestir», pioneiro na arte de vestir bem as senhoras, apresenta a sua passagem de Primavera-Verão, marcada para as 15.30 h. As senhoras, clientes habituais e novas trazidas por outras que já conhecem o nível desta casa nas suas passagens, são pontuais; mas os manequins, esquecendo a sua qualidade de profissionais, olvidam o horário estabelecido e 45 minutos antes da passagem, o manequim «Daniela» informa pelo telefone que, por motivo de se encontrar com febre, não pode comparecer. Pe-

didados, rogos, apelos para um esforço, são inúteis, e Eduardo Martins vê-se a braços com um imprevisto, tanto mais difícil pela forma inédita entre nós de passar dois manequins ao mesmo tempo e a falta de «Daniela» invalidar o outro manequim.

Então, aparece um milagre de coragem e boa vontade. Uma empregada do «Pronto a Vestir», «Nazaret», oferece-se para a substituição, e, como uma verdadeira mulher, esquecendo a sua pouca idade, foi uma profissional.

Passou 16 modelos, acarinhada pela locutora Maria Leonor, por todas as senhoras presentes, que mais do que uma vez a ovacionaram, dando-lhe coragem para transformar o seu sonho em realidade.

Parabéns pequena Gata Borralheira, que, num mo-

mento difícil para a sua empresa, sabe ser grande, fazendo aquilo que tanta vez tem acontecido nos nossos palcos de teatro, em que muitos, doentes, física ou moralmente, são grandes não esquecendo as suas responsabilidades e o que quer que uma mulher seja artista, calceira ou manequim, não deve nunca esquecer: ser profissional e respeitar as horas das casas que lhes pagam e sentir a responsabilidade do momento, pois que o seu público são os seus clientes que ajudam a viver o comerciante e os respectivos profissionais.

Parabéns Nazaret. Que o seu caminho seja êxito certo, são os nossos desejos, pois bem o merece, que não esqueceu os clientes que tão bem costumam atender e a gravidade do momento.

## ENTRADA DE CÃES E GATOS EM ITÁLIA

O organismo nacional do turismo italiano em Lisboa, E. N. I. T., informou-nos de que o chefe do Estado da Itália promulgou recentemente uma lei segundo a qual a entrada temporária naquele país de cães e gatos transportados pelos turistas fica sujeita a normas sanitárias que exigem a apresentação de um certificado de veterinário do país de proveniência, atestando a perfeita saúde desses animais.

## ora diga-nos...

— Sabe alguma quadra de cor?

A quadra tem uma grande tradição no nosso País — dito de poetas, e que de facto os tem, e grandes, mas não em tão grande número como alguns pensam. Fazedores de versos, isso há muitos, multissimos, e alguns com certa técnica e teoria, de forma até conseguirem enganar muita gente. Mas voltemos à quadra.

— Assim de momento, sem pensar... — começou o sr. Júlio Gaspar Barroqueira, pintor da construção naval.

— ... mas pense...  
— ... A desfolhar mal-meques  
Lembrei-me de minha mãe  
Entre todas as mulheres  
A única que me quer bem.

— Sabe mais alguma?  
— Sei várias. Gosto um bocadinho de poesia. Poetas? Camões, é o que tenho lido.



• Maria Júlia Cerqueira Prieto, doméstica, disse-nos, por sua vez:

— Não sei, não sei nenhuma quadra.  
— Veja lá, faça um esforço.  
— Não vale a pena. Não sei.  
— Mas já alguma vez leu versos...  
— Não.  
— Mas, nem por curiosidade?  
— Talvez um dia...

• — Agora de repente — e o sr. António Esteves Ramêlo, carteiro, coçou a cabeça.  
— Já sei.

— Queria arranjar assim uma quadra feita. Mas neste momento não me lembro, não consigo. Gostava assim de uma bonita...

— Uma qualquer...  
— Oh minha mãe minha mãe  
Ora minha mãe minha amada  
Quem tem uma mãe tem tudo  
Quem não tem mãe não tem nada  
— Já leu livros de versos?

— Assim uns pequeninos, não sei como lhe chamam. E tenho lido uns versos, mas é no «Borda d'Água»!



O melhor trunfo!



LOTARIA DA PÁSCOA

"TALUDA" 15 MIL CONTOS

# REMODELACÃO DO GOVERNO: OS NOVOS TITULARES

A remodelação do Governo, hoje anunciada, inclui a nomeação de um ministro encarregado da pasta da Economia (dr. Dias Rosas, que a acumula com a das Finanças) e dos novos ministros das Comunicações e secretários de Estado da Aeronáutica, Comércio, Agricultura e Indústria, e, ainda, o provimento de dois novos secretariados de Estado (Tesouro e Orçamento, preenchidos com os titulares dos antigos subsecretariados de Estado (Planeamento Económico e Trabalho e Previdência) recentemente criados.

## DR. DIAS ROSAS: MINISTRO ENCARREGADO DA ECONOMIA

Titular da pasta das Finanças desde Agosto de 1965, o dr. João Augusto Dias Rosas, de 48 anos, licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa, foi agora, também, encarregado da gerência de outra pasta afim: Economia. Antigo comissário do Governo junto do Banco Nacional Ultramarino e vice-governador do Banco de Portugal, antigo deputado, procurador da Câmara Corporativa desde 1965, o dr.

Dias Rosas entrou pela primeira vez para o Governo em 1959, como subsecretário de Estado do Comércio, cargo que ocupou até 1961, acedendo, depois, a secretário de Estado (1961-1962) do mesmo departamento.

## BRIGADEIRO FERNANDO DE OLIVEIRA: MINISTRO DAS COMUNICAÇÕES

O novo ministro das Comunicações, brigadeiro Fernando Alberto de Oliveira, de 51 anos de idade, não é um nome novo no Governo, pois exercia até agora, e desde Maio de 1967, o cargo de secretário de Estado da Aeronáutica. Nomeado brigadeiro em 1963, tinha já preenchido, entre outros lugares de chefia militar, a direcção das Oficinas Gerais de Material Aeronáutico (1956). Foi professor de Investigação Operacional no Instituto de Altos Estudos Militares, representante permanente no Grupo de Investigação para a Defesa da N. A. T. O. director de Instrução aeronáutica na M. P., presidente da direcção do Aeroclube de Portugal e deputado pelo círculo de Lisboa.

## BRIGADEIRO PEREIRA DO NASCIMENTO: SECRETÁRIO DA AERONÁUTICA

Conta 54 anos de idade o novo secretário de Estado da Aeronáutica, brigadeiro eng.º aeronáutico José Pereira do Nascimento.

Oriundo da arma de Artilharia, curso que concluiu em 1938, frequentou, depois os cursos de aeronáutica para oficiais, e de voo sem visibilidade, e estendeu a sua formação a Espanha (Engenharia Aeronáutica) e Estados Unidos («Aircraft Maintenance Officers»). Em 1957 foi nomeado subdirector — e em 1964 director — do Serviço de Material da Força Aérea. É brigadeiro desde 1963.

## DR. COSTA ANDRÉ: SECRETÁRIO DO TESOURO

O novo secretário de Estado do Tesouro, dr. João Luís da Costa André, 35 anos, licenciado em Fi-

(Continua na página seguinte)



Dr. Dias Rosas



Brig. Fernando de Oliveira

## AS INDIVIDUALIDADES QUE DEIXAM O GOVERNO

O dr. José Gonçalo Correia de Oliveira sai do Governo após 14 anos de permanência. Foi, de facto, em 1955 que ocupou o lugar de subsecretário de Estado do Orçamento, sendo nomeado três anos depois secretário de Estado do Comércio. Em 1961, o então presidente do Conselho requisitou-o para seu adjunto, com a categoria de ministro de Estado adjunto da Presidência do Conselho. Volidos quatro anos assumiu a gerência da pasta da Economia.

O dr. Correia de Oliveira, que era ainda titular do cargo de presidente da Comis-

são de Coordenação Económica, requereu a passagem à situação de licença ilimitada.

O eng.º Canto Moniz é, das personalidades que deixam o Governo, a de mais recente nomeação. Nomeado ministro das Comunicações em Agosto de 1968, deixa o cargo ao fim de sete meses.

O eng.º Manuel Amaro da Costa ocupava desde Março de 1965 o lugar de secretário de Estado da Indústria, mas já antes exercera os cargos de subsecretário de Estado das Obras Públicas e do Fomento Ultramarino.

O prof. Vitória Pires, que

ocupava o lugar de secretário de Estado da Agricultura desde 1965, já servira o Governo como subsecretário de Estado da mesma pasta de 1950 a 1958.

O dr. Alves Machado fora nomeado secretário de Estado do Comércio em Março de 1965, na mesma altura em que o dr. Correia de Oliveira, de quem era um colaborador dedicado, foi nomeado ministro da Economia.



Dr. João Salgueiro

## NOVO PERFIL DO GOVERNO E SUA ACTUAL CONSTITUIÇÃO

Com as alterações agora introduzidas na sua estrutura e composição, o Governo da presidência do prof. Marcello Caetano ficou assim constituído:

### MINISTROS

- Ministro de Estado Adjunto à Presidência do Conselho — eng.º Alfredo de Queirós Ribeiro Vaz Pinto.
- Ministro da Defesa Nacional — general Horácio José de Sá Viana Rebelo.
- Ministro do Interior — dr. António Manuel Gonçalves Rapazote.
- Ministro da Justiça — prof. Mário Júlio Brito de Almeida Costa.
- Ministro das Finanças e encarregado da gerência da pasta da Economia — dr. João Augusto Dias Rosas.
- Ministro do Exército — brigadeiro José Manuel de Bettencourt Rodrigues.
- Ministro da Marinha — almirante Manuel Pereira Crespo.
- Ministro dos Negócios Estrangeiros — dr. Alberto Franco Nogueira.
- Ministro das Obras Públicas — eng.º Rui Alves da Silva Sanches.
- Ministro do Ultramar — prof. Joaquim Moreira da Silva Cunha.
- Ministro da Educação — dr. José Hermano Saraiva.
- Ministro das Comunicações — brigadeiro Fernando Alberto de Oliveira.
- Ministro das Corporações e Previdência Social — prof. José João Gonçalves de Proença.
- Ministro da Saúde e Assistência —

dr. Lopo de Carvalho Cancela de Abreu.

### SECRETÁRIOS DE ESTADO

- Informação e Turismo — dr. César Henrique Moreira Baptista.
- Aeronáutica — brigadeiro José Pereira do Nascimento.
- Tesouro — dr. João Luís da Costa André.
- Orçamento — dr. Augusto Vitor Coelho.
- Comércio — dr. Valentim Xavier Pinto.
- Agricultura — eng.º Vasco Pinho Leônidas.
- Indústria — eng.º Rogério Martins.

### SUBSECRETÁRIOS DE ESTADO

- Exército — coronel João António Pinheiro.
- Planeamento Económico — dr. João Fernandes Salgueiro.
- Obras Públicas — dr. Joaquim Dias da Silva Pinto.
- Trabalho e Previdência — dr. José Luís Nogueira de Brito.
- Administração Ultramarina — dr. José Coelho de Almeida Cotta.
- Fomento Ultramarino — dr. Rui Manuel de Medeiros d'Espinay Patricio.
- Administração Escolar — dr. Justino Mendes de Almeida.
- Juventude e Desportos — dr. Francisco Elmano Martinez da Cruz Alves.



Brig. Pereira do Nascimento



Eng.º Vasco Leônidas



Eng.º Rogério Martins



Dr. Xavier Pintado



Dr. Costa André



Dr. Victor Coelho



As enfermeiras que trataram o Presidente Salazar

## O ministro da Saúde condecorou as enfermeiras que cuidaram durante meses do Presidente Salazar

O ministro da Saúde e Assistência deslocou-se, ao princípio da tarde, ao Hospital da Cruz Vermelha Portuguesa para condecorar, com a medalha da Ordem da Benemerência, treze enfermeiras que cuidaram do Presidente Salazar durante o seu internamento de meses naquele estabelecimento hospitalar.

As enfermeiras distinguidas são as sr.<sup>as</sup> D. Joana Gabriela Brazão, D. Mercedes Viegas Pereira, D. Helena Ramos, D. Margarida de Almeida, D. Marcelina de Oliveira, D. Rosa Palmeirim, D. Fernanda Botelho, D. Maria da Conceição Matos Pereira, D. Angelina Ruivo, D. Emilia Maria Nuno, D. Julia Gonçalves, D. Cremilda Vasconcelos Nascimento e D. Eulália Manuel dos Santos.

Estiveram presentes, ao acto, o administrador da Casa de Saúde da C. V. P., sr. dr. Gomes Aires; o di-

rector clínico, dr. Lopes da Costa; a superintendente, D. Maria Fernanda Mourão Rodrigues, etc.

O titular da pasta da Saúde, antes de condecorar as enfermeiras, enalteceu a dedicação e eficiência que demonstraram para com o Presidente Salazar.

Em nome das enfermeiras condecoradas, falou a sr.<sup>a</sup> D. Mercedes Viegas Pereira, que agradeceu a distin-

## «PRIMAVERA EM ESPANHA»

O «Lisboa-Expresso» partiu hoje para Madrid, assim se cumprindo a anunciada campanha de valorização turístico-social dos dois países através da rede ferroviária: «Primavera em Portugal, Primavera em Espanha».

Entre os jornalistas que seguiram para a capital espanhola, conta-se o nosso prezado camarada de redacção Afonso Praça.

(Continuação da 1.ª página)

Rosas (ministro encarregado da Economia), brigadeiro Fernando de Oliveira (ministro das Comunica-

## Dr. Mário Sacramento

Continua a ser grave o estado de saúde do dr. Mário Sacramento, escritor e ilustre colaborador do «Diário de Lisboa» internado, desde a madrugada de domingo, no serviço de reanimação respiratória do Hospital Geral de Santo António. Aquele estabelecimento hospitalar têm corrido numerosas individualidades a saber do seu estado de saúde.

ções), brigadeiro Pereira do Nascimento (secretário de Estado da Aeronáutica), dr. Costa André (secretário de Estado do Tesouro), dr. Vitor Coelho (secretário de Estado do Orçamento), eng.<sup>o</sup> Vasco Leônidas (secretário de Estado da Agricultura), dr. Xavier Pintado (secretário de Estado do Comércio), eng.<sup>o</sup> Rogério Martins (secretário de Estado da Indústria), dr. João Salgueiro (subsecretário de Estado do Planeamento Económico) e dr. José Luis Nogueira de Brito (subsecretário de Estado do Trabalho e Previdência).

A apresentação dos novos ministros, secretários e subsecretários de Estado

foi previamente feita ao almirante Américo Thomas pelo prof. Marcello Caetano, que hoje completa precisamente seis meses como Presidente do Conselho.

★

Os funcionários da Junta de Colonização Interna (em nome dos quais falou o inspector-chefe sr. eng.<sup>o</sup> Sileuve Afonso), apresentaram cumprimentos de despedida a formular os melhores votos de felicidades, ao seu presidente, sr. eng.<sup>o</sup> Vasco Leônidas, que hoje à tarde foi investido nas funções de secretário de Estado da Agricultura.

# A NOVA CONSTITUIÇÃO DO GOVERNO

(Continuação da pág. anterior) nanças pelo I. S. C. E. F., era até agora titular do

subsecretariado de Estado do mesmo nome, cargo para que fora nomeado em Agosto de 1968. Antigo regente de cadeiras na própria escola superior que frequentou, e pela qual se doutorou em 1967, o dr. Costa André é autor de vasta bibliografia sobre Economia e Finanças.

## DR. VITOR COELHO:

### SECRETÁRIO DO ORÇAMENTO

Com o dr. Augusto Vitor Coelho, 48 anos, licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa, passou-se, praticamente, o mesmo que com o seu colega do Tesouro: subsecretário de Estado desde Agosto de 1968, preenche, agora, o novo secretariado de Estado do mesmo nome. Antigo advogado nas Caldas da Rainha e presidente do Município da Nazaré (1949-1953), ingressou, mais tarde, na Magistratura e foi ajudante do procurador-geral da República.

## ENG.<sup>o</sup> VASCO LEÓNIDAS:

### SECRETÁRIO DA AGRICULTURA

Faz precisamente hoje 50 anos o eng.<sup>o</sup> agrónomo Vasco de Pinho Leônidas, licenciado com nota elevada (18 valores) e até agora presidente da Junta de Colonização Interna, depois de ter exercido, entre outros cargos, os de presidente da Junta de Lactícios da Madeira e vogal dos Conselhos Superiores de Obras Públicas e Agricultura, Conselho Coordenador de Fomento Pecuário e Conselhos Directivo e Julgador da Junta de Hidráulica Agrícola. O novo secretário de Estado da Agricultura tornou-se principalmente notado na Junta de Colonização Interna, onde, em quase dez anos de presidência, criou a reputação de técnico empenhado e muito actualizado.

## DR. XAVIER PINTADO:

### SECRETÁRIO DO COMÉRCIO

Licenciado em Ciências Económicas e Finanças, assistente do I. S. C. E. F. de 1951 a 1957, o dr. Va-

lentin Xavier Pintado, de 43 anos, novo secretário de Estado do Comércio, tinha abandonado o ensino para beneficiar sucessivamente de bolsas concedidas pela O. N. U., Instituto de Alta Cultura e Fundação Calouste Gulbenkian, doutorando-se em Economia pela Universidade de Edimburgo (1960) e sendo contratado posteriormente pelo secretariado da E. F. T. A. (para esta entidade fez um estudo sobre a economia portuguesa) e pelo O. C. D. E. (como consultor «ad hoc» e professor num curso de especialização em Nova York). Exerceu, ainda, funções na Comissão de Estudos de Economia Externa da A. I. P. Era, presentemente, director do Gabinete de Estudos Económicos do Banco Português do Atlântico.

## ENG.<sup>o</sup> ROGÉRIO MARTINS:

### SECRETÁRIO DA INDÚSTRIA

Tem 40 anos o novo secretário de Estado da Indústria, eng.<sup>o</sup> Rogério da Conceição Serafim Martins, licenciado em Electrotecnia pelo Instituto Superior Técnico, onde foi assistente, e especialista de gestão empresarial. Foi membro da Conferência Internacional das Grandes Redes Eléctricas (C. I. G. R. E.) e da Comissão de Regulamentos Eléctricos (C. O. R. I. E. L.), pertencendo, até agora, à Comissão instaladora do Grémio dos Fabricantes de Material Eléctrico. Era, à data da sua nomeação para o Governo, também vice-presidente do Conselho de Produtividade da Corporação da Indústria, e administrador de empresa desde há quatro anos. Dirigente católico, foi membro activo da J. U. C. e vice-presidente da Paz Romana. Participou recente-

mente no III Congresso para o Apostolado dos Leigos (Roma)

## DR. JOÃO SALGUEIRO:

### SUBSECRETÁRIO DO PLANEAMENTO ECONÓMICO

Um homem novo para uma nova pasta: dr. João Maurício Fernandes Salgueiro, 34 anos, primeiro subsecretário de Estado do Planeamento Económico. Licenciado pelo I. S. C. E. F., Economista conhecido, frequentou, em Haia, o curso do Planeamento Económico do Instituto Internacional daquela cidade, e foi técnico do Banco de Fomento Nacional e do Centro de Estudos Sociais. A par dos assuntos económicos, as questões cooperativas e culturais preocuparam-no sempre. Foi presidente do conselho fiscal da Pragma, e ainda, no começo deste mês, interveio no colóquio sobre questões económicas do Centro Nacional de Cultura, com o prof. F. Pereira de Moura. Era, presentemente, director do Planeamento no Secretariado Técnico da Presidência do Conselho.

## DR. NOGUEIRA DE BRITO:

### SUBSECRETÁRIO DO TRABALHO E PREVIDÊNCIA

Com 31 anos, o dr. José Luís Nogueira de Brito, natural de Barcelos, e licenciado em Direito (1962) pela Universidade de Coimbra, é o primeiro subsecretário de Estado do Trabalho e Previdência e, simultaneamente, o membro mais novo, em idade, deste Governo. Antigo dirigente da Associação Académica de Coimbra, ingressava, pouco depois, no Ministério das Corporações (secretário-geral da Junta da Acção Social) e no Instituto de Estudos Sociais (assistente de Direito do Trabalho). Mais tarde passaria para o corpo docente do I. S. C. E. F. (regente de duas cadeiras). Ainda no Ministério das Corporações, foi, durante anos, assistente do Centro de Estudos Sociais e Corporativos e membro da Comissão Revisora da Legislação Corporativa.

## O PROF. HENRIQUE DE BARROS FOI NOMEADO CATEDRÁTICO

O «Diário do Governo» de hoje insere a proposta do conselho escolar do Instituto Superior de Agronomia, no sentido de ser

conselho escolar da escola a que pertence.

Em dada altura do relatório o conselho justifica «a aplicação, no recrutamento daquele professor, do método de excepção que propõe.» E prossegue: «Nem outro, em seu juízo, seria compatível com os méritos do convidado, revelados em mais de 35 anos de brilhante actividade profissional, amplamente reconhecida em todos os meios que o conhecem, nacionais e estrangeiros».

Acentua-se ainda no relatório: «De 1939 a 1947 prestou, com a maior eficiência, o seu concurso ao Instituto Superior de Agronomia, quer como professor extraordinário, quer como professor catedrático do grupo de disciplinas para que é agora convidado, tendo sido com muita mágoa do corpo docente do Instituto que, nesse último ano, o deixou.»

E mais adiante: «Não se conformara o Instituto com a perda da sua colaboração e, em 1957, conseguiu convencê-lo a aceitar o contrato para professor do grupo de disciplinas já citado, situação em que hoje se encontra».

O relatório traça toda a carreira científica do prof. Henrique de Barros e finda com a sua extensa e valiosa bibliografia.

A justiça feita ao prof. Henrique de Barros, em quem se continuam as tradições de integridade de carácter e de democrata firme de seu pai, que se chamou João de Barros, figura grande da República e familiar desta casa, é motivo de satisfação para todos. Por ela o felicitamos vivamente e ao Instituto Superior de Agronomia que dessa forma se enriquece e se honra.

## SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

Fará a sua dedicação à agricultura em combates eléctricos.



Prof. Henrique de Barros

nomeado, por convite, professor catedrático do 10.º grupo de disciplinas o eng.<sup>o</sup> agrónomo Henrique Teixeira Queirós de Barros.

O relatório, com a data de 3 de Dezembro de 1968, honra por igual o prof. Henrique de Barros e o

## JAIME FILIPE PINHA FALECEU

Sua esposa, filhos, nora, netos, irmãos e mais família participam o seu falecimento e que o funeral se realiza amanhã, pelas 11 horas da casa de saúde do Telhal para o cemitério da Ajuda, onde deverá chegar cerca das 12 horas.

Antiga Agência Lourenço  
Tel. 639625



## ERNESTINA VAZ DE OLIVEIRA SOARES

CONFORTADA COM OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA

PARTICIPAÇÃO E MISSA DE 7.º DIA

D. Luiz Maria da Câmara e sua mulher, Georgina Arroyo Vaz, Sobrinhas e suas famílias, participam que foi Deus servido a alma da Sr. Ernestina Vaz de Oliveira, no dia 22 de fevereiro, e que será celebrada missa por sua alma no Cemitério da Ajuda, no dia 25 de 10 horas, agradecendo a todos os parentes que se dignaram assistir a esta última missa.

## ECOS

EM artigo publicado no último número do Express escreve Michele Colla: «De uma Primavera a outra a oposição em França mudou de rosto. Progressivamente, o grande vencedor das jornadas de Maio de 1968 começa a surgir à sombra. É o Partido Comunista. A social-democracia não conseguiu deste então recuperar o seu antigo vigor. Os esquerdistas ruidosos conseguiram apenas dar ao P. C. o que lhe faltava: uma carta de entrada no interior da sociedade francesa. Nunca apareceu tão poderoso a esquerda é agora ele, essencialmente. Claro que este ponto de vista não é decerto partilhado pelo Nouvel Observateur nem pela Tribune Socialiste. Terá fora de dúvida, a sua quota-parte de verdade, mas nem todos os socialistas franceses são social-democratas ou contestatários frenéticos. Prova-o a nova linha do P. S. U. Provavelmente as atitudes estratégicas de muitos anarquistas e guevaristas durante as recentes manifestações reivindicativas. Acima de tudo, há neste campo, em França, um problema de coexistência na esquerda que ela terá de resolver».

**CHAMAM-SE «Penínsulas» os cadernos culturais de que saiu agora entre nós o segundo número e que vêm (em meio tão ermo, no domínio da revista literária e da crítica) preencher um alimmo vazio. Além desse valor, «Penínsulas» tem ainda o de procurar — e com êxito — uma aproximação cultural de três línguas (português, castelhano, catalão) e de três literaturas vivas, três problemáticas, que**

muito apresentam de paralelo e de complementar. Nomes como os de Félix Cárter, Juan Zúñiga, José Carlos de Vasconcelos, Antunes da Silva, Diniolo de Castilho-Elejabeytia, entre outros são garantias da seriedade deste comprometimento e do bom nível a que ascende

**UM** objective e lúcido editorial do Le Monde analisa a longa crise da vida política italiana, considerando que toda ela se orienta actualmente para um termo ainda longínquo: as eleições presidenciais de 1972. É provável que a Democracia Cristã espere que depois do social-democrata Saragat, um dos seus torne ao Quirinal. Talvez mesmo Fanfani admita tal hipótese. Outro tanto poderemos pensar acerca de Aldo Moro, que presentemente contesta a maioria interna da Democracia Cristã. O congresso que este partido tem apazado para fins de Junho será, desse ponto de vista, assaz importante, pois bem poderá clarificar situações e ambições. Por outro lado, é certo que os socialistas do P. S. I. tão-pouco, parecem renunciar à presidência da República. Representam cinco milhões de eleitores, o que, evidentemente, tem certo peso. Quanto aos comunistas, já que o Partido Socialista de Unidade Proletária (P. S. U. P.) não possui ainda grande expressão de massas, têm a escolher entre a aliança com os católicos e a hipotética conquista do poder por via legal. O Partido Liberal, os republicanos históricos e muitos tecnocratas sem rótulo alarmam-se com estas perspectivas

## O inquérito do Grémio dos Exportadores sobre a graduação dos vinhos do Porto vai ser entregue ao Governo

PORTO, 27. Reuniu-se na sala de sessões do Grémio dos Exportadores de Vinhos do Porto, sob a presidência do sr. Manuel Moreira de Barros, a assembleia geral, que elegu os corpos gerentes para o triénio 1969/71, os quais ficaram assim constituídos: Assembleia geral — sr. eng.

Manuel João Almeida de Barros, presidente; António da Silva Amado e Manuel Domingos Lopes Junior, Directores — sr. dr. Fernando Luis Vanzeller, presidente; José António Rosas e Roberto Reid, efectivos; e Manuel Joaquim Poças Quintão, eng. Artur Ribeiro da Silva e Trevor Heath, substitutos.

No período de antes da ordem dos trabalhos, para discussão de problemas de interesse, o sr. eng. Manuel Barros quis conhecer os resultados do inquérito a que a direcção procedera sobre a graduação do vinho do Porto.

O sr. Armando Silva, presidente da direcção, esclareceu diversos aspectos do problema e os inconvenientes de se fixar a graduação nos vinhos, o que — disse — forçaria as firmas a apresentarem novos padrões, revelando que os resultados desse inquérito foram transmitidos ao Instituto de Vinho do Porto, que, por sua vez, os apresentará ao Governo, a quem compete resolver o caso.

Na ordem dos trabalhos, foi apreciada e posta à votação a proposta da direcção sobre a taxa adicional de quarenta centavos a ser aplicada às exportações, com excepção dos vinhos exportados em garrafas, e vendas para consumo nacional realizadas de 1 de Janeiro a 31 de Dezembro.

Foram tratados, ainda, outros assuntos que interessam à corporação.

## REÚNE-SE EM LISBOA O GRUPO PERMANENTE DE GERONTOLOGIA SOCIAL

No Instituto Superior de Ciências Sociais, Político-Ultimária, decorre, amanhã, depois de uma reunião do Grupo Permanente de Gerontologia Social, na qual tomam parte diversas indi-

vidualidades estrangeiras de renome. Aquele instituto faz-se representar na reunião pelos ares, profs. Almerindo Lessa, Oscar Soares Hirata e Nara-Sinal Colassord.

## CHAPRUS PALMARES



O SEU CHAPRUS À SUA CATEGORIA NÃO INTRINSECAVEIS!

## POR FAVOR! NÃO ESQUEÇA NÃO CONFUNDA

A GRANDE OUVRE SÁRIA DA MODA e a RUA DA PRATA, 257, com mais de meio século de existência.

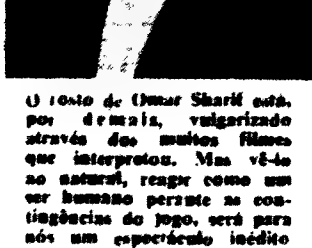
## CIRCULARES TÁCIDAS BARREIRO - LISBOA - QUELHAS

## JÓIAS

Antigas e modernas. Compre cobrindo todas as ofertas OUVRESARIA PIMENTA Rua Augusta, 253 Telef. 21 65 64

27 MARÇO 1969

# A DOIS DIAS DO FESTIVAL DA EUROVISÃO A CANÇÃO PORTUGUESA É UMA DAS FAVORITAS



O actor Omar Sharif está, por demais, vulgarizado através dos muitos filmes que interpretou. Mas visto no natural, reagiu como um ser humano perante as condições do jogo, será para nós um espectáculo inédito

## O ACTOR OMAR SHARIF E O SEU «BRIDGE CIRCUS» JÁ TEM DEVIDAMENTE PROGRAMADA A SUA PRÓXIMA ESTADIA NO ESTORIL

Ficou ontem definitivamente elaborado o programa da estadia, entre nós, do famoso «Omar Sharif Bridge Circus», que se desloca ao nosso País por iniciativa da Federação Portuguesa de Bridge, da Junta de Turismo da Costa do Sol e da Sociedade Estoril-Sol. Assim, a chegada ao aeroporto da Portela daquele agrupamento internacional, chefiado pelo popular actor de cinema, está definitivamente marcada para o próximo dia 17, às 15 e 55. No mesmo dia, às 19 horas, a Sociedade Estoril-Sol oferece um «cocktail», no Hotel Estoril-Sol, para apresentação dos componentes do grupo, e muito especialmente, claro, do seu titular Omar Sharif, aos representantes dos órgãos de informação. No dia 18, às 22 horas, e no dia 20, às 16 horas, o grupo estrangeiro exibirá-se no Casino Estoril, em bridge, contra uma equipa portuguesa, no primeiro daqueles dias, para disputa da taça «Casino Estoril» e no segundo da taça «Junta de Turismo da Costa do Sol». Para o dia

MADRID, 27. — (Do nosso enviado especial Neves de Sousa). — Teve-se, o maior palco do Mundo. Paço onde cabem, à vontade, 200 milhões de espectadores para o festival do Grande Prémio da Canção. Ignora-se — possivelmente sempre ficará ignorada — a opinião dessa mo-

menha de telespectadores. Mas, os especialistas, que falam. Falam muito. E das

Pois os especialistas, que falam quarta-feira de manhã assistem com rigorosa aten-



Simão está confiante. «Desfolhada» é uma das canções favoritas

## MILITAR FALECIDO EM ANGOLA

LUANDA, 27. — (L.) — Faleceu na província de Angola, por desastre, o soldado n.º 02000467, Manuel António Fernandes, natural de Vila Flor, filho de Augusto Fernandes e de Madalena Assunção Samorinha.

## O Dia Mundial do Teatro quase esquecido em Portugal

Comemora-se hoje pela oitava vez o Dia Mundial do Teatro. Em todo o Mundo manifestações de várias ordens assinalam esta data consagrada da homenagem aos povos do teatro e, portanto, à cultura. Não assim em Portugal. Apenas com duas honrosas excepções — o Teatro Experimental do Porto e a Casa da Comédia em Lisboa — esta data de solidariedade universal em torno de uma das expressões artísticas mais elevadas do Homem, passará, uma vez mais, inteiramente esquecida.

Não se pode deixar de retirar tristes lições do significado deste esquecimento. A nível oficial ou a nível particular, o teatro não merece, no nosso País, a crescente atenção de que é alvo na maioria das nações. Abandonado à irreparabilidade ou preso em uma teia de condicionamentos comerciais que o desfiguram e deturpam, degradando a sua missão, o teatro está só. E só para um auxílio, um movimento, um estímulo.

## Em três Folhas

O embaixador António Leite de Faria é morto na Embaixada de Londres por além de 25 de Março de 1969, data da sua completação de 65 anos.

Foi concedida a nacionalidade portuguesa a Branstet Jóna, ou Branstet Baran, natural da Hungria. Passará a usar o nome de Isabel Justa Baranovska.

**CHAPRUS PALMARES**

O SEU CHAPRUS À SUA CATEGORIA NÃO INTRINSECAVEIS!

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

27 MARÇO 1969

## Actualidade internacional

# A IDEIA DE UMA «GRANDE EUROPA» DEFENDIDA PELO JORNAL «IZVESTIA»

MOSCOVO, 27 — (F. P.) — A reunião de uma conferência geral europeia «permitiria passar das declarações de carácter geral sobre a paz a actos concretos e medidas de desarmamento e de desenvolvimento da cooperação entre todos os Estados da Europa» — escreve o jornal soviético «Izvestia», num artigo consagrado aos problemas da

segurança europeia divulgado pela agência Tass.

Com efeito, salienta o jornal, «Se vivemos num mundo de possibilidades reais e não de ilusões, isto é, se tivermos em mente a ideia de uma grande Europa e não de uma pequena Europa, convém não ficar por aí e dar o passo seguinte, o do alargamento do papel desempenhado pelo nosso continente na política internacional. A grande Europa, em cujo seio vivemos na realidade, deveria transformar-se no continente da cooperação frutuosa de nações iguais entre si. Este continente seria, assim, um factor de estabilidade, de paz e de compreensão mútua no mundo».

Evocando em seguida a concepção europeia do ge-

neral de Gaulle as «Izvestia» prosseguem: «A experiência da França, que se libertou da tutela política e militar dos Estados Unidos, representa um exemplo favorável para esta evolução. Com efeito, apesar dos clamores histericos dos partidários da Aliança Atlântica, este país sobreviveu sem dano à cólera de Washington e reforçou a sua autoridade internacional, até mesmo nos Estados Unidos. Assim, a sua política externa revelou-se mais clarividente do que a de outros governos europeus. Apesar desta «clarividência» — prossegue o jornal — o ponto de vista da França depara ainda com muitos adversários na Europa Ocidental, que são «atlânticos» antes de serem «europeus».

## PLANOS RODESIANOS IDENTIFICADOS COM O «APARTHEID»

SALISBURY, 27 — (R.) — Os dirigentes das comunidades asiática e mestiça da Rodésia descreveram a noite passada como «diabólicas» e «racistas» os planos da Frente Rodesiana para pôr em vigor no país uma separação no estilo do «apartheid» das raças brancas e não-brancas.

Segundo fontes afectas ao Partido, os planos destinam-se a confinar as várias raças nas suas próprias áreas residenciais e a estabelecer barreiras comerciais separadas para africanos e europeus.

A Organização Asiática da Rodésia do Sul afirmou num comunicado que a legislação proposta apenas minaria as

relações raciais, numa altura em que todos os esforços devem ser feitos para as melhorar.

A organização acrescentava: «Esta última medida do Governo revela claramente a sua determinação de introduzir na Rodésia a doutrina diabólica do «apartheid», enquanto tenta enganar a maioria dos rodesianos e da opinião mundial levando-a a acreditar que não é contemporneo tal fim».

A separação das raças em áreas na Rodésia, e já prevista até certo ponto pelas leis existentes mas a nova legislação constituiria um grande progresso para uma separação mais completa.

## AS BASES EM ESPANHA

(Continuação da 1.ª página)

lhões de dólares. Dai terem-se gorado as negociações no último mês de Setembro.

Nas últimas semanas, os liberais, no Congresso, manifestaram-se contra a re-

novação do contrato dizendo que as bases se revelavam de pouco valor militar. Afirmaram, também, que os E. U. A. não deviam prestar qualquer espécie de ajuda ao regime de trinta anos chefiado pelo generalíssimo Franco.

## CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxe protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto.

### ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha  
Rua Nova do Almada 64  
LISBOA

## CIDADE ISRAELITA ATINGIDA POR FOGUETÕES

TEL-AVIV, 27 — (F. P.) — Muitos foguetões disparados de território jordano caíram hoje de manhã, sem provocar estragos, na cidade de Beisan, e no «Kibbutz» de Beith Zera, na mesma região.

### REUNIAO DO CONSELHO DE SEGURANÇA

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 27 — (R.) — O Conselho de segurança convocou para hoje, às 15 horas, T. M. G., uma sessão sobre o médio Oriente, a seguir a uma queixa jordana de que aviões israelitas mataram 17 civis num ataque no outro lado do rio Jordão.

Quando a sessão estava a ser anunciada, Israel acusou o presidente do Conselho de Segurança,

Károly Casatorday, da Hungria, de ter praticado uma «cartimanhada» ao modificar a redacção da agenda provisória, a fim de impedir aquele país de apresentar o habitual contra-pedido para uma sessão.

### DIZ TER MORTO ESHKOL

CIDADE DO MÉXICO, 27 — (F. P.) — Nasib El-Hazimi, um jordano de 23 anos, de passagem por esta cidade, afirmou haver assassinado o presidente Levy Eshkol, que faleceu em 24 de Fevereiro passado em Jerusalém. El-Hazimi afirmou que fazia parte do «comando» que, em 24 de Fevereiro atacou a granada e a metralhadora a casa de Levy Eshkol, perto de Tiberíades, no vale do Jordão.



Não é uma arma, não senhor. É um simples (além, e mais simples) telescópio manual, onde, por aplicação de infravermelhos, se consegue penetrar a noite. Com esta «optolinhóptica» qualquer pessoa pode, por exemplo, seguir o rasto e os hábitos dos animais durante a noite, ou exercer qualquer espécie de vigilância nocturna. Os raios infravermelhos tornam visíveis os objectos os animais no escuro e não podem ser vistos por estes.

## TERCEIRO DIA DE INCIDENTES NA UNIVERSIDADE DE MADRID

MADRID, 27 — (F. P.) — Pelo terceiro dia consecutivo após o levantamento do estado de excepção, registaram-se ontem de manhã vários incidentes na Cidade Universitária de Madrid, onde os estudantes tinham organizado uma «jornada anti-imperialista» para protestar contra a presença de bases militares americanas em Espanha.

Nas Faculdades de Filosofia, Física e Ciências Políticas um milhar de estudantes procurou reunir-se, tendo sido impedidos pela Polícia, após algumas cargas. Dois rapazes e uma rapariga foram presos na Faculdade de Filosofia.

Ao mesmo tempo, foram distribuídos numerosos manifestos antiamericanos, enquanto nas paredes das escolas apareciam colados cartazes da mesma índole.

Um clima de tensão crescente reina no interior das Faculdades, onde a Polícia mantém um importante serviço de vigilância.

### «COMANDOS URBANOS» VOLTARAM A MANIFESTAR-SE

Ontem, e pelo segundo dia seguido, três grupos de «comandos urbanos» manifestaram-se em Madrid. Aos gritos de «Yankes assassinos» distribuíram, em diversos bairros da capital espanhola, manifestos a

favor do Sindicato Democrático de Estudantes e contra as conversações com vista à renovação do acordo militar hispano-americano.

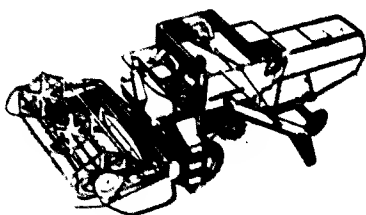
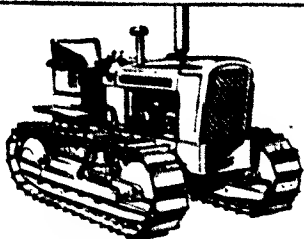
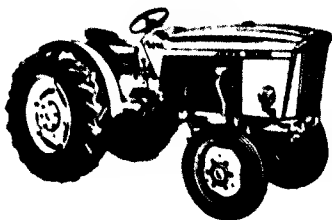
### ENCERRAMENTO DE EDITORAS

Cinco casas editoras espanholas vão cessar a sua actividade, por ordem do Ministério da Informação. Especializadas na edição de obras sociais, económicas e políticas, tinham lançado a maior parte das obras de autores marxistas publicadas em Espanha nos últimos três anos.

## FOI LEVANTADA A PROIBIÇÃO DO P. C. VENEZUELANO

CARACAS, 27 — (R.) — O Governo venezuelano levantou a noite passada uma proibição que visava há seis anos o Partido Comunista da Venezuela.

O Partido Comunista venezuelano fora banido pelo então presidente Rómulo Betancourt a seguir a uma vaga de terrorismo e de actividades de guerrilheiros antes das eleições gerais de 1963.



# INAUGURAÇÃO

## DA DIVISÃO INDUSTRIAL E AGRÍCOLA

# JOHN DEERE

A SOCIEDADE COMERCIAL GUERIN, S. A. R. L., TEM O PRAZER DE CONVIDAR V. EXA. A VISITAR O STAND DA DIVISÃO JOHN DEERE, NA AVENIDA DA INDIA (PEDROÇOS), ONDE ENCONTRARÁ EM EXPOSIÇÃO A MAIS COMPLETA GAMA DE TRACTORES E MÁQUINAS INDUSTRIAIS E AGRÍCOLAS JOHN DEERE, DE FAMA MUNDIAL. A EXPOSIÇÃO ESTARÁ ABERTA DE 27 A 30 DO CORRENTE ATÉ AS 6 HORAS.



# Os ministros da Defesa e do Interior visitaram o Quartel-General da Legião Portuguesa

Qualquer dos nossos leitores que possua elementos e objectos de rádio e deseje colaborar nesta interessante iniciativa do Rádio Clube Português poderá dirigir-se daquela estação emissora, Rua Sampaio e Pina, 26.

| Itemização                    | Estoc  | Compra | Venda  |
|-------------------------------|--------|--------|--------|
| Jararante Anjoa .....         | 405\$  | 400\$  | 420\$  |
| M e Revue .....               | 590\$  | 590\$  | 495\$  |
| Itio do Príncipe .....        | —      | —      | —      |
| Wacoma que .....              | 85\$   | 84\$   | 86\$   |
| Monete n .....                | —      | —      | —      |
| Monete p .....                | —      | 37\$   | 360\$  |
| Monete c .....                | 55\$   | 55\$   | —      |
| <b>Diversas</b>               |        |        |        |
| do .....                      | —      | 1050\$ | —      |
| do .....                      | 2500\$ | 2450\$ | 2500\$ |
| do .....                      | —      | 400\$  | 4200\$ |
| do .....                      | 160\$  | 150\$  | —      |
| do .....                      | —      | —      | —      |
| do .....                      | —      | —      | 695\$  |
| do .....                      | 2700\$ | 2650\$ | 2150\$ |
| do .....                      | —      | —      | —      |
| do .....                      | —      | 260\$  | 290\$  |
| do .....                      | —      | 3200\$ | —      |
| do .....                      | 800\$  | 190\$  | 820\$  |
| do .....                      | 57\$   | 56\$   | 58\$   |
| do .....                      | —      | 4900\$ | 4940\$ |
| do .....                      | 125\$  | 20\$   | 220\$  |
| do .....                      | —      | 2200\$ | 2250\$ |
| do .....                      | —      | 950\$  | 950\$  |
| do .....                      | 725\$  | 720\$  | 727\$  |
| <b>Águas Elétr. Gas</b>       |        |        |        |
| Águas L'baoc 9 .....          | —      | 400\$  | 405\$  |
| Águas L'baoc 10 .....         | —      | 410\$  | —      |
| Águas L'baoc 16 .....         | —      | 395\$  | —      |
| Elétr. Beras .....            | —      | 500\$  | —      |
| Gas Elétr. .....              | 392\$5 | 39\$   | 392\$5 |
| M e Alto Alentejo .....       | 6\$    | 605\$  | 6\$    |
| M e Lavado .....              | 280\$  | 280\$  | 285\$  |
| M e Douro .....               | 1280\$ | 278\$  | 82\$   |
| M e Norte Portugal .....      | —      | 310\$  | —      |
| M e Estrela .....             | —      | 700\$  | 800\$  |
| M e Zêzere .....              | —      | 330\$  | 345\$  |
| Nac Elétrica de .....         | 327\$  | 326\$  | 330\$  |
| Termoeletr. Port .....        | 380\$  | 375\$  | 385\$  |
| J & O .....                   | —      | 9\$    | 96\$   |
| <b>FUNDOS DE INVESTIMENTO</b> |        |        |        |
| do .....                      | —      | 58\$   | 62\$7  |
| do .....                      | —      | 06\$   | 09\$2  |

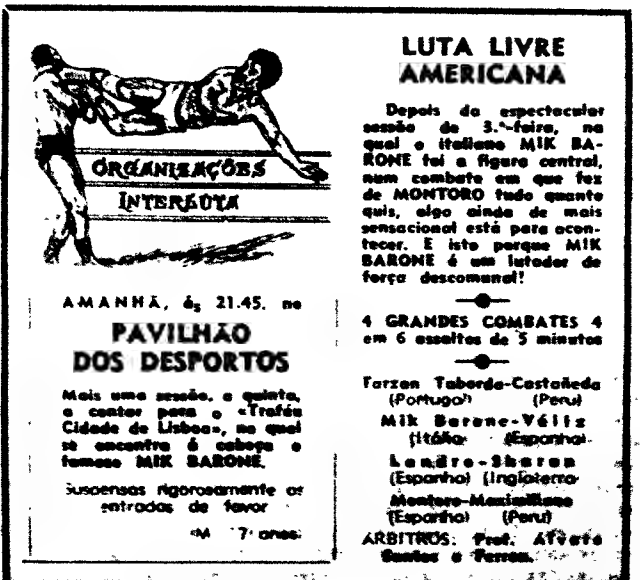
**ÍNDICE**  
**BORGES & IRMÃO**  
COTAÇÃO DAS ACCOES (Base Dez 65 100)

|                     | 20/3/69 | 26/3/69 | 27/3/69 |
|---------------------|---------|---------|---------|
| <b>GERAL</b> .....  | 112,3   | 113,4   | 113,1   |
| <b>METROP</b> ..... | 109,7   | 110,9   | 110,7   |
| <b>ULTRAM</b> ..... | 131,3   | 131,4   | 130,6   |

| PAISES                     | Compras | Vendas  |
|----------------------------|---------|---------|
| América do Sul — Renda     | 36\$00  | 38\$00  |
| América                    |         |         |
| — Dollars de \$ 2...       | 28\$20  | 28\$60  |
| — Dollars de 5 a 000       | 28\$40  | 28\$80  |
| Canada — Dollar ....       | 26\$20  | 26\$70  |
| Alemanha — Marco ....      | 1\$05   | 1\$25   |
| Austria — Schilling ....   | 3\$08   | 3\$5    |
| Brasil — Cruzeiro Novo     | 55\$50  | 1\$50   |
| Espanha — Peseta .....     | 539,7   | \$4,2   |
| Holanda — Florim .....     | 1\$78   | 8\$03   |
| Inglaterra — Libra .....   | 67\$50  | 69\$50  |
| Itália — Lira .....        | 304,45  | 304,65  |
| Marracos — Dirhan .....    | 4\$75   | 5\$25   |
| Bélgica — Franco .....     | 53,3    | 56,3    |
| Francia — Franco .....     | 5\$25   | 5\$65   |
| Suécia — Franco .....      | 6\$55   | 6\$75   |
| Ornamaco — Coroa ....      | 3\$65   | 4\$00   |
| Noruega — Coroa .....      | 3\$80   | 4\$10   |
| Suecia — Coroa .....       | 5\$35   | 5\$65   |
| Ouro.                      |         |         |
| Inglaterra — Libra, Isabel | 325\$00 | 340\$00 |
| Inglaterra — 1/2 Libra     | 260\$00 | 280\$00 |
| Ouro fino — Barro .....    | 39\$50  | 41\$00  |

Foi prorrogado até 31 de Dezembro de 1980 o prazo para a Companhia dos Caminhos de Ferro de Benguela emitir obrigações até o montante de 800 mil contos.

**DISTRIBUIDORES:**  
**SOC. DE REP. SIDA SUECA, LDA.**  
R. DE S. NICOLAU, 15/17 • TELEF. 349331 • LISBOA



# Rádio

## PROGRAMAS DE HOJE

**EMISSORA — 1.º Programa —** 45 m. — As 16: Notícias; 16 e 30: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; Programa da Tarde — Canções do Nosso Tempo; 17 e 25: A Orquestra de...; 17 e 35: Do Choupa até a Lapa; 8 e 10: Programa da Mulher, por Maria Emília Canção de Abreu e Judite Navarro; 8 e 40: Música e sonho; 19 e 30: Música só musica; 20: Diário sonoro; 20 e 30: Socktas ligeiras; 20 e 38: 21.º Episódio do Folhetim «A História da Cruz»; 21: Jornal de actualidades; 21 e 30: Melodias por Billy Strange and the L.A. Challengers; 2 e 40: Tom Major; 22 e 30: Melodias por orquestras e coros; 23 e 35: Programa da noite; 23 e 40: Sereia de Coimbra; 1: Fecho.

**2.º Programa —** 397 m. — 755 kcs. — As 16 e 30: A Ópera em três actos «A Ópera dos Mendigos» (Gay); 18 e 10: Música da Seculo XX — Obras de Compositores Brasileiros; 19: Crítica Literária, pelo dr. Bigotte Charrão; 19 e 10: Fadoiro Português — Música da Lha Terceira (Agores) recolhida por Artur Santos; 19 e 25: Música de piano; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Música instrumental — Abertura «Zampa» (Heraclito) — Orquestra Sinfónica da NBC, dirigida por Arturo Toscanini; 20 e 30: Te Deum (Charpentier) — solistas, Coros das Juventudes Musicais de França; Orquestra Jean-François Paillard, sob a direcção de Louis Marini; 21: Parte de um Concerto pela Orquestra da Emissora Nacional dirigida pelo maestro Fritz Rieger; 21 e 34: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital de piano por Maria José Moraes, preenchido com obras de Chopin; 22 e 20: Poemas Sinfónicos.

**VOZ DO OCIDENTE —** 397 m. — As 23: A Voz do Ocidente; 1 e 3: Fecho.

**2.º Programa (Cultural MF 2) —** 943 mcs. — As 23: Música de Fecho — Duas Sonatas (Scarlati), por Emil Guilleis — Prelúdio, Coral e Fuga (Cesar Franck), por Lodovico Lessana; 23 e 30: Exerícios da Ópera «Os Contos de Hoffman» (Offenbach) — num programa cedido pelo instituto Alemão — solistas da ópera alemã e coros da Rias, de Berlim sob a direcção de Richard Krauss; 0 e 32: Ronda Brilhante, em Si Menor, op. 70, para violino e piano (Schubert); 0 e 50: Últimas notícias — Resumo do Programa; 1: Hino nacional e fecho.

**RADIO UNIVERSIDADE —** 45 m. — 565 kcs. — As 19 e 10: Rádio Universidade.

**RADIO CLUBE —** 290,13 m. — 1034 kcs. — As 16: Programa C.D.C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções do acaso; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de abertura e notícias; 20 e 07: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Recordando sucessos; 21 e 03: Serão musical; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08:

Musica tradicional e palestra religiosa; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P.B.X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

**Modulação de frequência —** 97,4 mcs. — As 16 e 04: Programa C.D.C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa da Gô-Gô; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM 67 e Fecho.

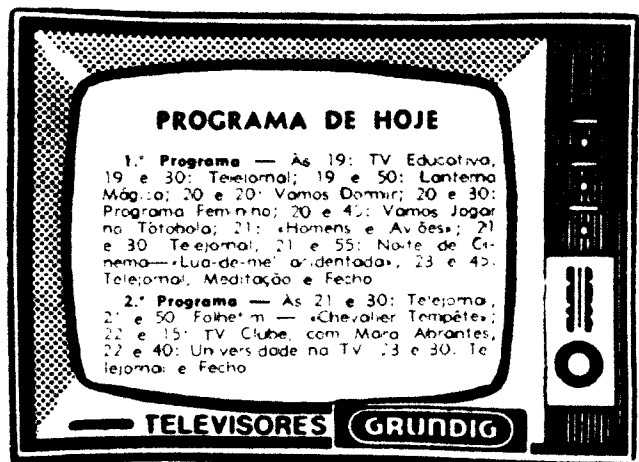
**Emissor de Miramar —** 383,6 m. — 782 kcs. — As 6: Programa C.D.C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 8 e 45: «Matinees» teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Ela; 19 e 30: Robbaliac; 19 e 42: Melodias para si; 20 e 07: Rádio Placard; 20 e 21: Norte da noite; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: Rádio; 21 e 30: Lettura; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22 e 03: O Sonho; 22 e 15: Cristo para todos as Nações; 22 e 30: Presença combrã; 23 e 04: Cuê da Juventude.

**RADIO RENASCENÇA —** 233,2 m. — As 16: Radiograma; 18: Orquestras e canções; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires;

19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Págo na 1; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Fados de Coimbra; 21 e 45: Melodias; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica vanhada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

**Estação da Porto —** 256,6 m. — 1169 kcs. — As 16: Musica do volante; 17 e 45: Solos; 18: Conjuntos vocais; 18 e 15: Musica seleccionada; 8 e 30: Terço, Bênção e Missa Vespertina da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 20: Minutos para ouvir; 20 e 15: Musica para o seu jantar; 20 e 55: Meditando; 21: Canta Alberto Cortez; 21 e 15: Duas orquestras; 21 e 30: Vozes portuguesas; 21 e 45: Meadas; 22: Suplemento especial; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

**EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA —** Onda média — 594 kcs. — 944 mcs. — Rádio Peninsular — Das 7 às 8 e das 12 às 4 e 30 — Rádio Voz de Lisboa — Das 10 às 12 e das 19 e 30 às 22 — Clube Radiofónico de Portugal — Das 8 às 10 e das 20 às 2 — Rádio Graça — Das 14 e 30 às 19 e 30.



**AMANHÃ — I Programa —** As 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Quarto de Brinquedos; 20 e 20: Vamos Dormir; 20 e 30: Programa Feminino; 20 e 45: Tempo de Poesia — Fernando Pessoa; 2: Cortaz TV; 21 e 30: Telejornal; 21 e 50: David Copperfield; 22 e 25: Eurovisão; 22 e 50: Série do Oeste — «O Grande Voz»; 23 e 55: Telejornal, Meditação e Fecho.

**II Programa —** As 21 e 30: Telejornal; 21 e 50: Noite de Teatro — «A Vida e Sonhos»; 22 e 05: Grande Aventura — «As Montanhas da Lua»; 23 e 30: Telejornal e Fecho.



## HOJE PODE VER...

### NOITE DE CINEMA

## «LUA-DE-MEL ACIDENTADA»

«NOITE DE CINEMA» apresenta um filme de longa metragem, cerca das 21 e 55, com a grande actriz de comédia LUCILLE BALL, desta vez acompanhada de DESI ARNAZ, MARJORIE MAIN, KEEMAN WYNN e GLADYS HURBUT.

«LUA-DE-MEL ACIDENTADA», é o título do filme, e relata-nos a história de um casal que compra uma «roulotte» e resolve passar a lua-de-mel.

## HOMENS E AVIÕES

CERCA das 21 horas o programa nacional apresenta «Homens e Aviões», coordenado por Alberto de Canha e Sá, que escolheu um sumário cheio de interesse.

O Aero-Clube de Portugal em Festa — a entrega das «casas» aos novos pilotos aviadores e a homenagem a alguns dos nossos primeiros aviadores.

Curiosidades — O avião «leberg». Segurança nas aterragens. Um novo sistema de portas para hangares. O «Vtol Harrier», um avião revolucionário. Um novo dispositivo para salvamento de pilotos.

O voo de demonstração do monomotor «Rallie Commodore», em Tiros.

Os primeiros voos do supersónico «Concorde», em Toulouse. Blagnac e a pequena história de um avião que inaugurou uma nova era na aviação de transporte.

## 2.º PROGRAMA

«O CAVALEIRO TEMPESTADE», «SIMONE», «UNIVERSIDADE NA TV» — Após o Telejornal, o 2.º programa exibe o 13.º episódio do folhetim «Caraleiro Tempestade», que foi apresentado no 1.º Programa no dia 20-4-68. Segue-se, também em repetição, o TV Clube com MARA ABRANTES em canções do seu repertório. Prestes a terminar a programação, será apresentado «UNIVERSIDADE NA TV», com dois filmes de interesse: um filme biográfico sobre HENRI DUNANT, fundador da Cruz Vermelha Internacional, e «Os primeiros turistas no Sol da Mela-Noite».



O VIRGINIANO

## AS SÉRIES MAIS FAMOSAS NA TEMPORADA 1968/69

NUM INQUÉRITO realizado pelas cadeias de televisão americana, ABC, CBS e NBC, concluíram que as séries que mais agradaram ao telespectador foram as policiais e as de «cow-boys». Cita-se por exemplo «O Virginiano» que entrou no 6.º ano de realização, a par de «Bonanza» e outros. Será interessante notar algumas das séries que o telespectador conhece e que o seu êxito mundial foi enorme e que entre nós, inexplicavelmente, teve pouca duração.

«F.B.I.» — entrou em terceiro ano; «Bonanza» — décimo ano; «Missão Impossível» — terceiro ano; «Daktari» — terceiro ano; «Ironside» — segundo ano; «High Chaparral» — segundo ano; «Jim West» — terceiro ano; «Get Smart — Superagente 86» — quarto ano; «Distrito 87» — segundo ano; «Daniel Boone» — quarto ano.



JIM WEST

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Lapa, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalho, Carvalhido, Rotundas da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bomfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

## canal da crítica

### PEÇO QUE LEIAM ISTO COM ATENÇÃO

Futebol durante o tempo regulamentar com desfalecimento de minutos iniciais, o que provocou prejuízo do público na medida em que o privou de aspectos inéditos de reportagem. Os adeptos do popular desporto tiveram assim, e mais uma vez, o seu prato favorito. De acordo. Futebol também é acontecimento onde não falta, à noite, através da televisão.

Não vou — é o val! — apreciar o jogo nos seus aspectos técnicos. Mestre Zambujal tratará do assunto. Não posso furtar-me a sublinhar algumas faces do espectáculo televisivo no seu conjunto. O primeiro refere-se à pobreza da reportagem. Um ou outro pormenor (aquele do espectador desmaiado conduzido na maca, por exemplo) não constitui ponto muito relevante. Foi uma realização perfeitamente rotineira. Estou em crer não será culpa do realizador Helder Mendes, de cuja capacidade ninguém duvida. Será, como dizia o outro, questão de material. As dúvidas daquele golo negado por fora de jogo seriam desfeitas com a repetição ao retardador. Os golos não foram repetidos para mais amplo esclarecimento dos telespectadores. E os jogadores marcadores dos golos não se distinguiram a camera

com a chamada habitual, segundo processo utilizado por televisões estrangeiras.

Artur Agostinho, a cargo de quem estiveram os comentários, não se libertou dos métodos radiofónicos. Repetir, por palavras, aquilo que o espectador vira com seus próprios olhos. Repetiu, por palavras, aquilo que os punhos, de Vital... «Passe muito alongado e o perigo passou...»

Artur Agostinho teve, porém, outras falhas mais sérias. Em primeiro lugar, mostrou um excessivo pendor não digo clubista, mas patriótico, o que é mais grave. Assim, pode conseguir-se fazer descer a segundo plano, ou para longínquo plano, a belíssima festa entre pessoas amigavelmente adversárias que deve ser o futebol. Pode conseguir-se igualmente o descrédito do próprio comentário, já que é bem visível a paixão, o

partidarismo do próprio comentador o qual, em momento nenhum, deve abdicar da indispensável lucidez e assim estará servindo o futebol e educando o público.

Houve uma altura em que eu esbocei, no caderno de apontamentos, um rasgado elogio ao comentador. Foi quando na preceção do jogo violento, principiava a verberar, embora atribuindo as culpas iniciais ao Newcastle. Apaguei o elogio pois, no entender de Artur Agostinho, o jogo feio era condenável na medida em que o Vitória não tirava daí senão desvantagens e depois porque isso prejudicava o espectáculo. A condenação do jogo feio como indigno do homem civilizado não ocorreu a Artur Agostinho. E foi pena. O que vou dizer dirige-se tanto ao prestigioso Vitória de Setúbal como às maiores entidades desportivas como ao capitão da equipa setubalense como a todos os apreciadores do futebol (entre os quais eu me incluo e por isso o quero defendido).

A cerca de 20 minutos do final do jogo, pareceu-me ver um jogador do Vitória tirar desforço de adversário

estendido no chão. Digo pareceu-me porque a distância a que se encontrava a camera podia ocasionar erro de perspectiva. No entanto, talvez haja documentário filmado de todo o encontro. Proponho:

a) Que se verifique se o facto que aponto existiu ou não com a gravidade que lhe atribuo.

b) Que, no caso de ter existido, seja o jogador setubalense convidado a apresentar a sua auto-crítica, publicamente, para desresponsabilizar a colectividade a que pertence e para se honrar a si próprio, como ser humano.

c) Que no caso de não ter existido, seja o crítico de Televisão convidado a, publicamente, apresentar desculpas ao Vitória, ao jogador e aos seus leitores.

Caros exploradores da emoção futebolística: é preciso pôr-se um d'que á vossa actividade que nada pode trazer de bom — e prejudica altamente essa festa popular que deve ser o futebol. Não sobre-carreguem o futebol com designios que não lhe competem. Deixai-o ser belo e inofensivo. Deixai-lhe essa grandeza. De

(Continua na página seguinte)



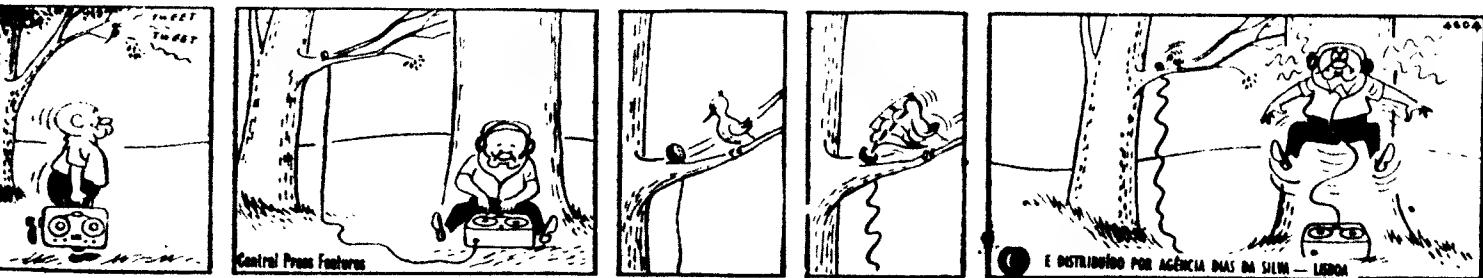
Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

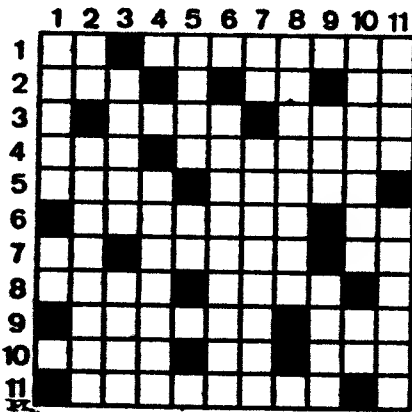
(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 5129

HORIZONTAIS: 1 — Carta de jogar. Dão esperanças. 2 — Negativa. Prefixo de negação. Pronome reflexo. 3 — É obrigado. Promontório da Ásia Menor, no mar Arquipélago, ao norte de Sumatra. 4 — Siamês. Embeber. 5 — Igar. Converter. 6 — Capital da República. Graciosa. 7 — Ofereça. Barroco. Preposição. 8 — Anosia. Faz boa liga. 9 — Troçar. Cosa. 10 — Extremo. Preposição. Aqui está. 11 — Réplica.

VERTICAIS: 1 — Aponta. Concede. 2 — Incógnita. Questionar. 3 — Abominar. Pertence. 4 — Homens muito ricos. 5 — Examina. Poeta. 6 — Suplicado na torca. 7 — Nota de música. Liquidar. 8 — Obiteratores dos vasos por corpos (geralmente coágulos) em circulação no sangue. 9 — Rio do Estado de Mato Grosso (Brasil), na fronteira do Paraguai. Renque de árvores. 10 — Vá de encontro. Gemido. 11 — Dividir ao meio. Mergulhado.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo paratempo, o PROVERBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5128

HORIZONTAIS: 1 — Mentissem. 2 — Bode. QUEM. 3 — Nu. Leu. Uma. 4 — Diva. Gita. 5 — Estripes. 6 — Dea. NAO. Tu. 7 — TEM. MD. Loos. 8 — Ou. Moa. El. 9 — VERGONHA.

VERTICAIS: 1 — MUNDO. Topa. 2 — É. UH. Deu. Má. 3 — Nd. Vm. Vá. 4 — Tolosa. Me. 5 — Ida. Monde. 6 — SEU. Indagas. 7 — Grã. 8 — Equipotente. 9 — Multa. Adas. 10 — Ernesto. Ada. 11 — Amas. Usa. Os.

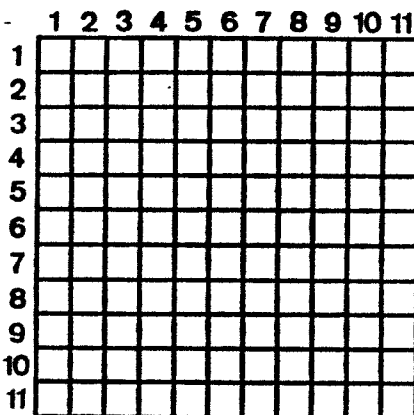
(Provérbio: QUEM NAO TEM VERGONHA TODO O MUNDO É SEU).

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8972

HORIZONTAIS: 1 — Rebusados doces (Bros). Penugens. 2 — Querida. Oculte. 3 — Latados. Adicionem. 4 — Jarro (planta). Cure. 5 — Oferece. Sustento. Em partes iguais. 6 — Equipar. Cidade de França. 7 — Nho. situada no Pequeno Belt. Aquela que depois de morta foi rainha. 8 — Lugar de suplicio. 9 — Enva-doce. Freguesia do concelho de Mondim de Basto. 10 — Palavra galega que significa filho e precede um grande numero de nomes holandeses e escoceses. Colocar. Nome de uma letra. 11 — Guarnecois de osos. Cidade de França.

VERTICAIS: 1 — Canção antiga acompanhada de musica sentimental. Escala (fig). 2 — Por-sora no mar (o avião). Em as. 3 — Folha de terra estanhada. Peça teatral com entrecho fantástico. 4 — Nome de homem. Cinchos. 5 — Saudáveis. Proverbo. Post scriptum (abrev). 6 — Oferece. Prefixo que designa terra. 7 — Utensílios domésticos. Suco que se extrai de algumas papoavas. Rádio (s. a.). 8 — Gavinhas. Dólmens. 9 — Lado. Continuar. 10 — Realiza. Povoação do concelho de Condeixa. 11 — Famiha tal qual fica depois de se lhe extrair o rolo (pi). Filhos de caboclo (Bros).



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8971

HORIZONTAIS: 1 — Lesal. Abata. 2 — Re-mordera. 3 — Mad. Ira. 4 — Rã. Rolar. Ta. 5 — Atrairamos. 6 — Toa. Sós. Ias. 7 — Al. Sa. 8 — Camadas. 9 — Para. Iras. 10 — Des-mamarias. 11 — Iró. Siso. Li.

VERTICAIS: 1 — Pratos. Di. 2 — Er. Atol. Per. 3 — Sem. Ra. Caso. 4 — Amora. Calm. 5 — Iodais. Moas. 6 — Irada. Mi. 7 — Adrais. Dias. 8 — Berro. Carro. 9 — Ara. M. Sal. 10 — Ta. Toas. Sal. 11 — Massas. St.

3 MAGNIFICAS VIAGENS EM AUTOCARRO PARTIDAS ASSEGURADAS

SEMANA SANTA NA ANDALUZIA

DE 30 DE MARÇO A 6 DE ABRIL

Extraordinário programa assistindo às solenidades religiosas em SEVILHA — LA LINEA — MALAGA — GRANADA — CORDOBA — TORREMOLINHOS — NERJA, etc., etc.

Tudo incluído em hotéis de 1.ª, 3000\$000 — Categoria

PÁSCOA EM MADRID

1 A 7 DE ABRIL

Por SALAMANCA, SEGÓVIA, LA GRANJA, AVILA, VALE DOS CAIDOS, ESCORIAL, etc., 1850\$00

SEVILHA — SEMANA SANTA

DE 1 A 5 DE ABRIL, visitando ARACENA e CADIS. Tudo incluído no Hotel Biarritz, 2000\$00, 1.ª, com banho. Transporte, pequeno almoço e almoço, 400\$00

CEDEMOS ALOJAMENTOS EM HOTEL DE 1.ª COM BANHO

INSCRIÇÕES LIMITADAS:

TURISMO LUSANOVA

Av. João XXI, 9-A — Largo Martim Moniz — T. 726116-802194

ESTABELECIMENTOS

J. B. FERNANDES

S. A. R. L.

COMUNICAM QUE, A PARTIR DO PRÓXIMO DIA 1 DE ABRIL, SERÃO ALTERADOS ALGUNS DOS NÚMEROS DOS SEUS TELEFONES FICANDO A DISPOR DOS SEGUINTE, TODOS COM BUSCA AUTOMÁTICA:

32.60.11 — P. P. C. — 9 linhas  
32.61.71 — P. P. C. — 10 »  
36.95.31 — P. P. C. A. — 8 »  
38.42.94 — P. P. C. — 5 »

ESTE ÚLTIMO SERVINDO APENAS AS INSTALAÇÕES EM CABO RUIVO.

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 27 de Março de 1939 publicava:

«MILAO, 27 — O «Corriere de la Sera» recebeu um telegrama do seu correspondente em Burgos a anunciar que, após um intensivo bombardeamento preparatório de artilharia e aviação, as tropas nacionalistas desencadearam esta manhã a anunciada ofensiva contra Madrid».

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA (ANÚNCIO)

CONCURSO N.º 11 — Fornecimento de INCINERADOR e TRITURADOR

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 16 de Abril próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa em qualquer dia útil das 9 às 13.30 e das 14 às 16 horas, as respectivas condições, excepto nos sábados que é das 9 às 12 horas.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa em 24 de Março de 1969.

O CHEFE DO SERVIÇO  
a) Alexandre Pinheiro

CARROS USADOS

|                    |      |
|--------------------|------|
| NSU P 30           | 1966 |
| NSU 110 SC         | 1966 |
| NSU 110            | 1966 |
| NSU 1000           | 1966 |
| Fiat 2100          | 1960 |
| Taurus (Ford)      | 1967 |
| Lotus Elan         | 1966 |
| Fiat 850           | 1967 |
| Comet 202          | 1964 |
| Renault R 10       | 1968 |
| Fiat 124           | 1967 |
| Bond Equipe        | 1966 |
| Cadillac Impecável | 1962 |
| Porsche 911        | 1965 |
| Ford Prefect       | 1957 |
| Volkswagen         | 1953 |
| Ford Thames        | 1960 |
| Henkel             | 1965 |

AUTO EDUARDO  
COSTA LD.ª

Rua de Campolide, 27-B

ALUGUER SEM CONDUTOR

CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS

Av. da Pa-  
dre Manoel  
da Nóbrega,  
10-B.  
★  
Telef. : 72 76 54 - 72 49 75  
LISBOA

# DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

DO FRIO DE NEWCASTLE AOS «CALORES» DE ALVALADE

# O DESNUDAR DA MENTIRA

O futebol rege-se pela matemática, isso que vulgarmente se chama «a fria linguagem dos números». Aliás, essa palavra — fria — vem aqui mesmo a propósito. Foi numa gelada noite inglesa que o grupo de futebol representativo do Vitória de Setúbal escorregou espectacularmente na neve de St. James Park,

## Comentário de MÁRIO ZAMBUJAL

sofrendo uma punição involuntária: cinco golos, contra um apenas. Ficou a suspeita de que tanto ou mais que os onze jogadores ingleses, foram a neve inglesa e o frio inglês quem derrotou tão severamente uma equipa que vinha a ser a grande sensação da Taça das Cidades com Feira de 1969.

...Mas lá está a matemática. Os números. Cinco golos são cinco golos, não há descontos pela superioridade que se possa mostrar nessa habilidadezinha de jogar a bola, nem pela adversidade, nem pela estranheza do correr e saltar num campo coberto de neve. No futebol, os únicos valores concretos são os golos que se marcam e sofrem. E o Vitória trouxe de Newcastle uma desvantagem de quatro. Era muito. Era o suficiente para que se dissesse como se diz de um doente com os pés para a cova: «só um milagre o pode salvar».

Ora, milagre ou não, a coisa às vezes dá-se. E o Vitória tentou. Começou a tentar mesmo dias antes do jogo, organizando o mais festivo e impulsivo ambiente que já rodeou qualquer equipa portuguesa. Um carnaval animado, ruidoso, sincero, a viver de uma esperança que a princípio se diria cega e insensata. Mas foi agradável de ver nos nossos estádios uma «elaque» que foi ao futebol fazendo parte da festa, com alegria com vida, sem se limitar à atitude negativa de valar adversários, árbitro e a sua própria equipa, — o que muitas vezes por cá acontece quando as coisas «dão para o torto».

Os jogadores do Vitória,

identificados com a esperança dos adeptos lançaram-se na mais ardorosa e entusiástica ofensiva, logo que o árbitro sulco deu sinal para o começo. E então assistiu-se a esta

**Um belo espectáculo ensombrado por cenas de violência**

situação inesperada: a equipa do Newcastle, apesar dos seus quatro golos de vantagem, assustou-se. Não foi bonito de ver uma

equipa escudada em tão grande avanço cair naquele afogadilho dos pontapés para fora, para qualquer lado, quase com a única preocupação de afastar a bola da sua baliza. E de passar tempo, também.

O Vitória estava lançado num contra-relógio febril e o Newcastle forcejava por adiantar o relógio do jogo. Foi aí um espectáculo empolgante. Um tremendo choque de am-

mente ganhara o primeiro jogo.

«Vamos, Vitória, que eles não valem nada» — gritou alguém a certa altura na bancada, onde os entusiastas subira ao rubro.

Claro que não era bem assim. E, como para mostrar que não era, os ingleses lançaram alguns golpes rápidos, cortantes, que fizeram oscilar a defesa do Vitória como apanhada em tremor de terra, longe vá o agouro. Por

chamados a esses lances.

O quadro era este: enquanto o Vitória declarava guerra aberta contra a baliza do seguro McFaul, os ingleses, relativamente às redes de Vital, limitavam-se a um estilo de «guerrilhas», ocasionais, inesperadas, mas às vezes não menos proveitosas.

## O COLO (TALVEZ) DECISIVO

E foi assim que o Newcastle, graças a um perfei-

**O VITÓRIA DE SETÚBAL VENCEU O NEWCASTLE POR 3-1, MAS O RESULTADO NÃO EXPRESSA TODA A SUPERIORIDADE DOS PORTUGUESES. A MELHOR EQUIPA FOI ELIMINADA**

bições, uma luta de destreza e habilidade, ainda dentro da melhor correcção. Este último aspecto é que depois levaria uma grande volta...

Não surpreendeu que o Vitória jogasse com aquela impressionante rapidez, pois era a expressão prática da sua ansia de recuperação. Nem surpreenderia que os setubalenses jogassem bem, pois formam uma equipa que pede meças a qualquer na capacidade de executar um futebol elegante e hábil. O que chegou a espantar foi a forma como a equipa conseguia juntar o bem e o depressa «acumulação» em que reside uma das grandes dificuldades do futebol.

Já depois de um tento anulado por «fora-de-jogo» o Vitória arrancou um pedaço à sua desvantagem. Marcou Arcanjo, de cabeça, a concluir excelente jogada de Figueiredo no flanco direito. Foi um delírio, um reforçar da esperança. E o Vitória continuou a atacar, em chicotadas que atemorizavam claramente a equipa que tão rotunda-

mente tinha desiludido — e desiludiu — o grupo inglês, não se pode escamotear a verdade de que alguns dos seus contra-ataques demonstraram muita argúcia e entendimento entre os jogadores

to golpe de Davies com a cabeça, conseguiu uma coisa injusta: empatar. Apesar do peso dos quatro golos de desvantagem herdada do primeiro desafio, esse novo tento no activo do Newcastle terá sido o

esperança cada vez menos realista, mas em todo o caso admirável. A meia-hora do fim — e já depois de perdidas ocasiões propícias a golos — o Vitória fez chegar pela segunda vez a bola às redes da baliza inglesa. Foi Petita, que entretanto entrara como «trunfo na manga», quem rematou com espantosa força. E acendeu outra vez todas as luzes da esperança setubalense.

Dentro e fora do campo, o assalto continuou, agora já sem as brechas dos contra-ataques ingleses.



Conceição — um «capitão» que deu o exemplo, correndo, lutando e, às vezes, até, exagerando... E-l-o numa arrancada decidida, uma constante que o acompanhou sempre durante todo o jogo

reforço decisivo para uma qualificação que, sem dúvida, correu sério perigo. Aconteceu a cinco minutos do intervalo. O Vitória continuou a esbracejar o seu inconformismo, mas foi evidente que, logo, logo a equipa sentiu a perda de grande parte das suas ilusões.

Se já seria proeza de espanto recuperar um atraso de quatro golos em hora e meia, poucas esperanças podiam resistir ao espartilhar da mesma tarefa em metade desse tempo. Mas os setubalenses, briosos, começaram a segunda parte no mesmo ritmo ambicioso, a mesma sede de golos, a mesma

pois o Newcastle perdera por completo a capacidade de se furtar a um domínio impressionante. Veio o terceiro golo, num cabeceamento de Figueiredo e o estádio era uma labareda de entusiasmo.

...Mas o futebol dos portugueses perdera clareza. Era agora essencialmente o esforço, a teimosia, a «ratua» de vencer a distância. Emocionante, tudo isto. Mas as emoções levam muitas vezes ao passo a mais, aos excessos ditos de temperamento. E houve coisas desagradáveis na segunda parte. Cenas de violência, agressões com e

(Continua na página seguinte)

**Vá num carro Hertz onde quer que o seu clube jogue!**

**seja fiel ao seu clube e viva as emoções da vitória**

Aproveite as tarifas especiais Hertz para fins-de-semana.

A partir de 490\$00 (incluindo seguro e todos os quilómetros grátis) temos o carro que lhe convém!

telefones

LISBOA — 32 82 47

FARO — 2 35 37 - 2 43 26



**Hertz aluga Fords e outros bons automóveis**

## RESOLVIDO PELA F. P. F. SANJOANENSE-BENFICA REPETE-SE EM 23 DE ABRIL

Depois de longos e desorientantes seis meses de protestos, recursos, acordãos que percorreram laboriosamente os diversos compartimentos da complicada burocracia do «mundo da bola», ficou resolvido o debatido problema da repetição do Sanjoanense-Benfica. Depois da sua reunião de ontem a direcção da F. P. F. emitiu o seguinte comunicado:

«Para conhecimento geral, comunica-se que a Federação Portuguesa de Futebol, na sua reunião extraordinária de hoje, após ter tomado conhecimento do despacho do Ex.º Senhor Director-Geral dos Desportos, sobre o assunto, deliberou, por maioria, ordenar a repetição do jogo Associação Desportiva Sanjoanense-Sport Lisboa e Benfica, marcando a realização do encontro para o dia 23 do mês de Abril próximo — quarta-feira — às 16 horas. — A Direcção.»

Como primeira consequência o vice-presidente da F. P. F., Germano Campos, resolveu apresentar o seu pedido de demissão ao presidente do Congresso.

**Conta Juventude**  
BANCO DO ALENTEJO

# V. SETÚBAL—AFIRMAÇÃO

(Continuação da pag anterior)

sem bola. De um lado e de outro, houve preparadores, estimulados pelas branduras do árbitro suíço, incapaz de ser prior em tal irresponsabilidade. Deve dizer-se, no entanto, que foram de autoria de jogadores portugueses as mais das agressões. E Conceição, para além de ser um dos mais brilhantes jogadores em campo, também teve neste aspecto de desagradável evidência. Mas Cardoso, Vitor Baptista, Wagner, Arcanjo e outros também ficaram «marcados» do excessivo ardor da refrega. Foi o período triste de um grande espectáculo.

## A SAÍDA DIGNA

O Newcastle vale seguramente, mais do que mostrou ontem. No entanto, vendo pela segunda vez esta equipa inglesa parece-nos indiscutível não ser ela superior à do Vitória — bem pelo contrário. A diferença ontem foi tão grande que deixou a nu a mentira do desfecho da eliminação.

A defesa do Newcastle bateu-se com as armas dos bons atletas — a força, a rapidez, o poder de elevação — mas no que respeita especificamente ao futebol teve intervenções

verdadeiramente «à segunda divisão». Mais hábeis, sem dúvida, os homens do meio-campo e do ataque, nomeadamente Scott, Robson e Davies. Tiveram alguns bons lances, mas foram tão poucos...

O Vitória saiu da Taça das Feiras e provou-se que não devia ter saído. Mas fê-lo de uma forma digna, perfeitamente a quadrante com a sua actuação ao longo da prova, em que apenas teve um «jogo negro» — justamente o que se disputou no tapete branco de St. James Park.

Ontem, não houve um só jogador que não correspondesse, tanto no esforço como no acerto, às ambições do conjunto. E o conjunto foi justamente uma das mais fortes armas da equipa de Fernando Vaz, uma equipa que talvez tenha conquistado esta temporada o «brevet» para altos voos internacionais. Conceição, Vitor Baptista, Wagner, Cardoso, Figueiredo, o próprio Vital, Arcanjo, José Maria, todos, enfim, colocaram mesmo em xeque certas concepções sobre o esmagamento do futebol hábil pelo estilo «forte e feroz». Ontem, os mais hábeis chegaram, até, a parecer mais fortes.

O suíço sr. Huber sabe do ofício, mas, decididamente, tem uma concepção

excessivamente ampla do que é o futebol viril. Passou-se das marcas em jogadas de violência, ou, mesmo, em violência sem jogadas, perante a sua santa indiferença. Mas teve outros erros — um dos quais ignorar a infracção de um jogador inglês dentro da área, «ajeitando» a bola com os braços. A única atitude firme do juiz-de-campo foi a anulação do que seria o primeiro gol do Vitória, lance esse em que não podemos dar-lhe ou contestar-lhe a razão. Se houve, ou não, resalto da bola num jogador inglês, o que colocaria «em jogo» o autor do remate final, não nos apercebemos. Mas se o sr. Huber também errou nesse julgamento, então, francamente...

Um reparo final: não descontou o tempo (muito) perdido na segunda parte. Mesmo tendo em conta o respeito devido aos relógios suíços, o sr. Huber foi, também, fraco cronometrista.



Figueiredo, sempre na «brecha». Foi em mais uma jogada a tentar levar o perigo até à baliza britânica

## A OVARENSE REAGE ÀS ACUSAÇÕES DO SPORTING DE ALBA

Ao tomar conhecimento pela imprensa diária da tentativa de suborno do guarda-redes, do Alba a direcção da Associação Desportiva Ovarense reuniu, ontem, extraordinariamente, para esclarecer a sua posição e deliberou enviar telegramas à Direcção-Geral dos Desportos e Associação de Futebol de Aveiro para que a verdade seja conhecida, e que são do seguinte teor:

A Direcção-Geral dos Desportos:

«Ao tomar conhecimento gravidade notícia imprensa de hoje protestamos enérgicamente atitude parcial e influente da A. F. A. dando guarida acusação Alba sobre factos totalmente estranhos direcção Ovarense fomentando com colaboração precipitada e intolerável imprensa publicidade especulativa e ofensiva do nome Ovarense e prestígio desporto nacional. Solicitamos respetuosamente intervenção urgente esclarecimento atitude A. F. A.»

A Associação de Futebol de Aveiro:

«Ao tomar conhecimento gravidade notícia imprensa de hoje, protestamos enérgicamente, atitude parcial, insolente, dessa Associação, dando guarida acusação Alba sobre factos totalmente estranhos direcção Ovarense, fomentando com convocação precipitada intolerável imprensa, publicidade especulativa e ofensiva do nome Ovarense e prestígio desporto nacional. Atitude lamentável desse órgão de representação e defesa filiados direitos partidários. Exigimos e aguardamos urgentes explicações.»

**Campeonato Nacional de Futebol (1.ª Divisão)**

**ACADÉMICA - BENFICA**

**Domingo, 30 de Março**

A C. P. organiza, em colaboração com o Sport Lisboa e Benfica, um comboio especial de Lisboa a Coimbra, e volta, no dia 30 de Março, por ocasião do desafio de futebol «Académica-Benfica», ao preço de 80\$00.

### HORARIO

Partida de Lisboa (Santa Apolónia) ..... 7-42  
Chegada a Coimbra ..... 10-40  
Partida de Coimbra ..... 12-35  
Chegada a Lisboa (Santa Apolónia) ..... 21-39  
Bilhete à venda na Secretaria do «Sport Lisboa e Benfica» e nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia).

## Jogos em atraso para os «Nacionais» da II e III Divisão

Realizaram-se, ontem, dois encontros para os «Nacionais» da II e III Divisão e que se encontravam em atraso.

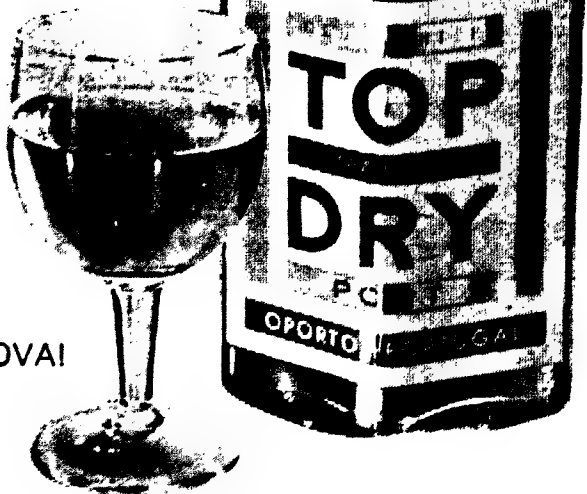
Os resultados foram os seguintes:

Gouveia-Sp. Espinho ... 1-1  
Bragança-Vizela ..... 0-9



Não guarde a garrafa do Vinho do Porto deitada na garrafeira! Mantenha-a de pé e sempre "à mão"!

CÁLEM VELHO - VIDA NOVA!



# DESPORTO DESPORTO DESPORTO

## MOMENTO ELEITORAL DO BENFICA

### Romão Martins divulgou o seu programa

Reuniões constantes. Programas divulgados. Campanha em marcha. Todas as listas desenvolvem aturada actividade no propósito de planear a sua acção por forma a divulgar aos associados uma programação convincente e que possa contribuir para a conquista de votos.

Ontem coube à «lista C» — a chamada lista de Romão Martins — levar a efeito um jantar de confraternização. Convidados: os órgãos de Informação e o associado e antigo dirigente Jaime Catarino Duarte. Características do ambiente: firmeza e convicção sobre o objectivo da candidatura, evidentes sintomas de amor clubista, lisura de processo e de programação, desejo de colaboração no caso de vencidos e sentimento de nunca abdicar da qualidade de servidores do Benfica.

Cinco oradores. Romão Martins e drs. Lima das Neves, Catarino Duarte, Martins Canaverde e Marques Mendes, respectivamente, candidatos aos cargos de presidentes da direcção, assembleia geral, conselho fiscal e vice-presidentes da direcção e da assembleia geral.

Romão Martins — «Queremos prosseguir uma obra»

Depois de salientar o malogro resultante da tentativa da coligação, Romão Martins justificou a confraternização entre os candidatos da «sua lista». Sobre a candidatura teve considerações e disse ser impossível apresentar e anunciar qualquer programa. «Servir, servir o melhor possível é o nosso lema» e acrescentou ainda prometemos porque nem sempre quem mais promete é quem mais dá. Queremos, e aqui está a justificação básica da nossa candidatura, prosseguir uma obra. É essa a nossa grande promessa. E a terminar salientou: «Se virmos a ser derrotados estaremos todos ao lado dos vencedores, para colaborar no engrandecimento do Benfica».

Falou depois o dr. Lima das Neves, que referiu os bons resultados da gerência actual, destacando como o grande responsável o dirigente Romão Martins. E disse: «o resultado de uma gerência não pode ser apreciado segundo o comportamento de uma equipa de futebol. O saldo geral é a única forma de avaliar uma administração e o saldo da actual direcção é largamente positivo». Referiu a mis-

tica do Benfica afirmando: «não se é do Benfica por raciocínio mas sim por amor e devoção. E a rematar: «todos pugnarão pelos interesses do clube. Eleitos e não eleitos que não é o mesmo que vencidos e vencedores».

O dr. António Catarino Duarte falou da «igualdade dos programas» e da razão que determinou a sua renúncia ao convite para fazer parte da «lista oficial» referindo que não poderia pertencer a outro elenco que não o da lista de Romão Martins. Fernando Neves e dr. Martins Canaverde, porque — acrescentou — «estes já deram as suas provas». A terminar formulou um voto: «que a nossa lista ganhe para que a obra prossiga».

Dr. Martins Canaverde — «Não estamos dispostos a entrar em concorrência»

Com a sua costumada facilidade de expressão — irónica por vezes — o actual secretário-geral do clube pôs em evidência certos desajustamentos na orgânica e estrutura do futebol português. Competência dos órgãos, impostos. A unificação dos benfiquistas foi outro tema abordado. Uma frase sobre o estafado caso

Sanjoanense-Benfica não há lei que autorize o Conselho Jurisdicional a anular qualquer jogo». Sobre o acto eleitoral disse não estamos dispostos a fazer concorrência às outras listas. Mas não queremos ser diferentes. Alongou-se em considerações sobre as obrigações dos associados e quanto ao período eleitoral ainda bem que os benfiquistas têm listas e nomes por onde escolher.

A encerrar, falou o dr. Marques Mendes para salientar o entusiasmo dos mais inexperientes candidatos em pretender servir o clube.

## VOLEIBOL

### Novo triunfo do Técnico no «regional» de Voleibol

Referente à última jornada da 2.ª volta do Campeonato Regional de Voleibol em Senhores, realizou-se ontem no ginásio do I. S. Técnico o encontro Técnico-L. Ginásio.

Os «engenheiros» venceram por 3-1 (11-15; 15-0; 15-4; 15-11) tendo dirigido o encontro Alfredo Silva e Luís Nascimento. As equipas apresentaram: TÉCNICO — Ernesto Este-

ves, Costa Reis, Luis Brz, Carlos Canas, Raul Carregoso e António Correia.

L. GINÁSIO — Caza-Ribeiro, Marques Pereira, Armando Jerónimo, Rodrigo Carvalho, Fernando Simões, Joaquim Azevedo, António Ribeiro e Fernando Boletto.

Triunfo certo e justo valorizado até certo ponto pela réplica dos vencidos nos 1.º e último «sets», em que as equipas alteraram várias vezes o comando da marcação.

Nos «sets» intermediários a superioridade do Técnico nunca esteve em causa e os próprios resultados parciais indicam bem a justiça do vencedor, embora seja exagerado o desfecho do 2.º «set», que apenas durou 10 minutos.

Os «engenheiros», que se mantêm invictos na competição, são naturais favoritos para renovarem o título regional.

Para o campeonato de «reservas» o Técnico venceu também o L. Ginásio por 3-1 (13-15; 15-6; 15-2; 15-10).

## HOJE À NOITE

ANDEBOL — Torneio de Encerramento da Associação de Lisboa. Jogos no Pavilhão da Ajuda: Benfica-Sporting da Penha, às 20 e 30; Encerramento C. I. F., às 21 e 45; e Benfenses-Santa Catarina, às 23 horas.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da II Divisão, feminino. Jogos no Pavilhão da Ajuda: Ferroviário-C. D. U. L., às 22 h.; e Atlético-Queix, às 21 h.

BILHAR — Campeonato de Lisboa do quadro 47/2 (3.ª categoria), na Associação Lisbonense dos Amadores de Bilhar, às 21 horas.

NATAÇÃO — Primeira jornada do Torneio da Páscoa, na Piscina do Areeiro, às 21 e 15.

RAGUEBI — Taça de Portugal: C. D. U. L.-Agronomia, às 21 e 30, no Estádio Universitário.

TÊNIS DE MESA — Torneio de Consolação de Infantis: Combatentes (A)-Combatentes (B), Casa Pia-Rodrigues Cordeiro e Mirantense-Ateneu, nas mesas dos primeiros, às 21 e 30.

— Torneio Popular de Seniores — Série A: Económicos-Palmeiras, Oriental-Académica Beatense (B) e Lusita-

mingo, no estádio municipal de Coimbra, cresce o facto de os adeptos de ambas as colectividades viverem um momento de grande entusiasmo. Como se sabe, a Académica conseguiu no passado domingo vencer o F. C. do Porto no Estádio das Antas — e essa vitória ajudou o Benfica a colocar-se numa posição excelente para a conquista de mais um título. Mas essa «ajuda» da Académica ao Benfica pode ser anulada pela própria Académica uma semana depois...

Tudo isto, faz com que o jogo seja aguardado com excepcional interesse e são tantos os pedidos de bilhetes, na secção de futebol da Associação Académica, que não se duvida que haverá uma autêntica «enchente» no Estádio Municipal.

Entretanto anuncia-se como provável que o Benfica possa apresentar alguns dos seus jogadores que têm estado afastados por lesão, nomeadamente Toni e Coluna.

## FUTEBOL NA EUROPA

LONDRES, 27 — Resultados dos encontros de futebol disputados ontem à noite, a contar para os vários torneios Europeus:

FASE PRELIMINAR DO MUNDIAL (Grupo oito): em Roterdão, Holanda-Luxemburgo, 4-0.

JOGO AMIGAVEL: em Francfort, Alemanha Federal-País de Gales, 1-1

MENOS DE 23 ANOS: em Brescia, Itália-Irlanda do Norte, 2-1

INTERLIGAS: em Glasgow, Liga Escocesa-Liga Inglesa, 1-3



Porquê uma rosa negra bordada nesta camisa de homem?  
A rosa negra é um símbolo.  
A rosa é uma flor requintada.  
A rosa negra é a perfeição do requinte.  
A rosa negra não está imediatamente à vista, é uma flor discreta.  
Abra negligentemente o casaco  
— confirme a opinião que os outros têm de si.

# rosa negra

para homem



a camisa com o monograma da distinção

Agora também em Portugal • um exclusivo Triple Marfel



Diário de Lisboa



Propriedade de  
Renascença Gráfica, S. A. R. L.  
Editor: João C. de Sá  
Sede: Rua Luz Soriano, 44  
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5  
Publicidade 3 42 21  
End. Tel. DIBOA, Telex 1363  
Lisboa 2 — Portugal

# O BENFICA

## REAGIRÁ À DECISÃO FEDERATIVA

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

O tempo

DIÁRIO DE LISBOA  
DO SERVIÇO  
METEOROLÓGICO  
NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HO-  
RAS — Em Portugal conti-  
nuará o mau tempo limpo e  
vento fraco

TEMPERATURAS EXTREMAS  
OBSERVADAS NA REDE NA-  
CIONAL DO CONTINENTE  
ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE  
— Máxima: Monte Estoril,  
12,7; máxima Penha do Sau-  
re, 12,5

TEMPERATURAS DO AR —  
Coimbra, 8°; Faro, 11°; Li-  
sboa, 8°; Penhas Douradas,  
11°; Portalegre, 6°; Porto, 9°

TEMPERATURAS OBSERVA-  
DAS AS 9 HORAS NA COS-  
TA DO SOL — Na atmosfera,  
12,5; no água do mar, 9°

PREVISÃO GERAL  
ATÉ AS 24 HORAS  
DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo;  
vento fraco a moderado, com  
predomínio do quadrante  
Norte.

Amorém  
Nascer às 7 e 28  
Ocorrer às 19 e 36



Die 2 Die 9 Die 16 Die 24

MARES.

PREIA-MAR: Die 27 — 11 e  
38 (2,9 m); Die 28 — 0 e  
20 (3,1 m); 3 e 0 (3,0 m);  
Die 29 — 2 e 21 (3,3 m);  
4 (3,4 m); BAIXA-MAR:  
Die 27 — 5 e 11 (2,0 m);  
7 e 40 (2,0 m); Die 28 —  
5 e 31 (1,8 m); 8 e 47  
(1,9 m); Die 29 — 7 e 32  
(1,6 m); 9 e 40 (1,6 m)

### O HOSPITAL DE SANTO ANTÓNIO

#### E O DESASTRE EM QUE MORREU

#### O PRESIDENTE DA CÂMARA DO PORTO

Em referência a notícia subordinada a epígrafe,  
publicada em todas as nossas edições do dia 23 do  
corrente, recebemos, na tarde do dia imediato, um  
telegrama do teor seguinte:

«Surpreendidos notícia publicada jornal ontem  
relativa a protesto teria sido apresentado pelo  
facto de não terem sido internados no Hospital  
de Santo António feridos desastre que vitimou  
sr. Presidente Câmara e feriu gravemente sr. Go-  
vernador Civil informamos V. que tal notícia é  
inteiramente falsa rogando publiquem este des-  
mentido com igual relevo notícia original. Albano  
Sarmiento, presidente Comissão Administrativa  
Santa Casa da Misericórdia do Porto.»

Solicitada por nós confirmação para o aludido te-  
legrama pois tínhamos por autênticas as informações  
que deram lugar à notícia, recebemos, ontem, o ofício  
n.º 1955 da Santa Casa da Misericórdia do Porto, assi-  
nado pelo sr. eng.º Albano Sarmiento, presidente da-  
quela Comissão Administrativa daquele organismo

N. R. — Temos de esclarecer que um dos nossos  
redactores da Delegação do Porto tentou, por diver-  
sas vezes contactar, durante o dia 24, com o sr. eng.º  
Albano Sarmiento, para confirmar o telegrama em  
causa. Só ao fim da tarde o conseguiu, e, dado o  
adiantado da hora, foi, então, sugerido o envio do  
ofício para confirmação daquele. Quanto a informa-  
ção de base que deu origem à notícia, continuamos  
a tê-la por autêntica, muito embora admitamos que  
o protesto (após conselho ou melhor reflexão) não te-  
nha sido apresentado.

Conta Universitária  
BANCO DO ALENTEJO

Conhecida a decisão da F. F. sobre o caso do Sanjoanense-Benfica, procuramos o dr. Martins Canavarde, secretário-geral do clube lisboeta, a fim de conhecermos a posição da colectividade perante o problema. Amavelmente aquele dirigente não se eximiu a afirmar ao «Diário de Lisboa»:

— Em primeiro lugar tenta-  
remos recorrer junto das enti-  
dades oficiais já que, no que  
respeita à Federação isso não  
nos é possível. Depois tere-  
mos de rever a nossa posição  
colaborante com a Federação  
tomando, talvez, atitudes que  
não serão simpáticas mas que  
tendem a mostrar o nosso des-  
contentamento, depois de ter-  
mos esperado, calma e serenamente, que nos fosse feita  
justiça. Desta forma é muito  
natural que não seja cedido o  
Estádio da Luz para o Portu-  
gal-Suíça e que o Benfica

peça a dispensa dos seus jo-  
gadores que sejam convoca-  
dos para a selecção. O Cam-  
peonato Nacional é muito im-  
portante para nós e todas as  
cavalas não poucas...

E a terminar:

— Além disso é muito pes-

sado que o Benfica, se já não  
necessitar das pontas, não  
compareça ao jogo, sujeitan-  
do-se às consequências.

E para já é esta a reacção  
benfiquista perante a situa-  
ção. Aguardamos o desenro-  
lar do caso.

## PÃO APREENDIDO EM QUELUZ

QUELUZ, 27 — A propó-  
sito da notícia há dias pu-  
blicada sobre a apreensão de  
520 pães em várias padarias  
de Queluz, por uma brigada  
da fiscalização da Inspecção  
Geral das Actividades Eco-  
nómicas, por falta de peso e  
pelo fabrico ser inferior ao  
do estabelecido por lei, de-  
vemos esclarecer que, segun-

do informação posterior, o  
pão foi apreendido pelo Gré-  
mio. Tinha sido transporta-  
do de Lisboa e não vinha  
munido da respectiva guia.  
Estava em condições de ser  
consumido e foi distribuído  
pela Junta de Freguesia a  
vários departamentos de en-  
tidade, que agradeceram tão  
preciosa dádiva.

## AO PÚBLICO

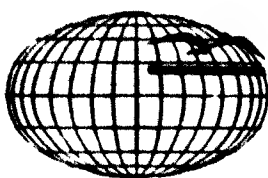
Correspondendo à nova política de abaixamento  
de preços e à preferência com que os consumido-  
res portugueses sempre distinguiram os electro-  
domésticos BOSCH, os rádios e televisores,  
BLAUPUNKT, temos o prazer de comunicar  
que vamos pôr em vigor a nossa nova tabela,  
subordinada ao objectivo

### A MELHORES PREÇOS A MESMA ALTA QUALIDADE

Certos, assim, de ir ao encontro de aspirações ge-  
rais, tornando mais acessível a aquisição de apa-  
relhagem para o lar, chamamos a atenção para  
as nossas tabelas NOVO PREÇO, que os  
jornais publicarão a partir de 28 de Março

ROBERT BOSCH (PORTUGAL), LDA.

LISBOA—PORTO



## COLÓQUIO AO SERVIÇO DA EXPORTAÇÃO

DIAS 21 A 30 DE ABRIL DE 1969

FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO

INSCRIÇÕES GRATUITAS  
ABERTAS ATÉ 31 DE MARÇO

As inscrições só serão aceites quando dirigidas direc-  
tamente ao FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO,  
RUA CAMILO CASTELO BRANCO, 2 — LISBOA

# SUPLEMENTO

## Diário de Lisboa

# LITERÁRIO

N. 556/27 DE MARÇO DE 1969



### MICROPAISAGEM

de  
Carlos de Oliveira  
na crítica de  
Eduardo Prado  
Coelho

(última página)

## Volta à baila a polémica do «Amadis de Gaula»

### Sensacionais declarações do Prof. Rodrigues Lapa

(Entrevista conduzida por Urbano Tavares Rodrigues)

ENTRE OS MAIS SÓLIDOS eruditos e artisticamente bem dotados medievistas de toda a Europa ocupa merecido lugar de destaque o prof. Manuel Rodrigues Lapa, que entre nós ergueu um soberbo edifício de minuciosa e escrupulosa indagação e de sensível e lúcida análise em torno da lírica trovadoresca. Também são do melhor quilate as suas frutuosas pesquisas no campo do romance de cavalaria e em especial as concernentes a essa obra profundamente original, pelo que nela transparece de fortemente instintivo (diremos mesmo de reclamação erótica subjacente às regras do amor cortês) que é o «Amadis de Gaula», com todas as suas implicações sociológicas e estéticas e a alteração da perspectiva que lhe advém da sua dupla autoria.

Com Rodrigues Lapa travámos, pelos motivos de extrema oportunidade que passamos a explicar, o diálogo seguinte:



— Consta ao «Diário de Lisboa» que V. acaba de preparar um artigo para o «Dicionário da Literatura Portuguesa» sobre a novela do «Amadis de Gaula», que traz algumas novidades. Poderá esclarecer-nos isso?

— Não há novidades sensacionais nesse meu estudo, apenas a indicação

correcta de um manuscrito de começo do século XIV referente a João Lobbeira, sumariado, com erros graves, sobretudo na data, por A. Tomás Pires. Esse pergaminho, existente na Biblioteca Nacional de Lisboa, tem muita importância, por marcar mais ou menos o termo da sua vida, em fins do século

XIII ou alvares do XIV, e por colocá-lo, até 1287, nas proximidades de Aronches, lugar pertencente ao infante D. Afonso, irmão de D. Dinis, que interveio na novela. — refiro-me à alteração do episódio de Briolanja, a menina dos leões. Além disto, chamo no final do artigo a atenção para o facto de

morar em Madrid um senhor que tem em seu poder uma folha do «Amadis», que remonta, segundo dizem, aos fins do século XIII ou começo do XIV, o que não é própria novidade, pois já há anos eu me venho referindo directamente ao caso num livrinho de trechos escolhidos do romance, editado pela «Seara Nova».

— Desculpe, vamos por partes. Esse tal João Lobbeira do manuscrito que refere tem alguma relação com aqueles João de Lobbeira e Vasco de Lobbeira, mercadores de Elvas, descobertos por A. Tomás Pires em 1903?

— Não deve ter, por variadas razões. Primeiro, a data, que separa os dois primeiros em quase um século; depois, a profissão de mercador não é bem condizente com a de cavaleiro e homem de corte. Enfim, o autor do laís de Leonoreta chama-se invariavelmente João Lobbeira, o mercador elvense João de Lobbeira, no termo do Redondo, T. Braga fez sobre

isto grande confusão, já procedente de Tomás Pires.

— Parece pois justificar-se a ascendência norte-galega, de João Lobbeira, sugerida por Carolina Michaëlis.

— Tudo leva a crer que sim. Aliás já foi alvitrado um cônego de Compostela, de nome João Lobbeira, como autor do «Amadis».

— E o erudito Fr. Martin Sarmiento sustentava que tanto o João como o Vasco eram galegos. A verdade é que o João seria apenas de mãe galega; no mais, português residindo e morrendo em Portugal. O Vasco, esse teria vindo da Galiza, em tempo de D. Fernando, sendo armado cavaleiro em Aljubarrota.

A este respeito, há que fazer ainda buscas nos arquivos galegos, portugueses e espanhóis. Isso, porém, não altera os dados do problema; até meados do século XIV, a nossa língua é galego-portuguesa, não lhe cabe outra designação: é pois fútil, artificial e de mau gosto



qualquer despique travado entre galegos e portugueses a respeito do «Amadis de Gaula».

— Já o mesmo não acontece com portugueses e castelhanos, não é assim?

(Continua na 6.ª página)

## José Gomes Ferreira: 50 anos de Literatura

por Fernando Mendonça

N O ENVOLVER do tempo, e enquanto o fenómeno literário se vai objectivando, há escritores que são violentamente absorvidos por esse fenómeno e se transformam nele mesmo, e há escritores que, embora participantes, se colocam voluntariamente na margem e observam os que foram colhidos pela violência da corrente. Isso não significa, de forma alguma, que tais escritores (os segundos) não tenham vigor literário para se articular ao caudal impetuoso da literatura, e não estejam participando germinadamente da sua época ou das sucessivas épocas que atravessam. A diferença entre uns e outros reside em que os primeiros foram absorvidos pelo tempo a que pertenceram, e os segundos absorvem esse tempo. Entre os primeiros estão, indiscutivelmente, os neo-realistas, cuja obra foi travada por uma faixa histórica; entre os segundos poderão estar, por exemplo, os que se movimentam na área existencial. Dos absorvidos pela história aos que absorvem os homens que promovem a história vai um tempo e vai uma distância: o tempo de virar a face de uma moeda para a outra face; a distância que separa as duas faces da moeda. E isto significa, ainda, uma coisa: que esses escritores estão virados de costas uns para os outros.

Talvez possamos, nesta altura dos acontecimentos, fixar um outro tipo de escritor: aquele que se ocupa em manipular o significado das duas faces da moeda. São muitos os que podem participar desta posição aparentemente cómoda, e são poucos, pouquíssimos, os que sabem participar dela sem aviltamentos.

Um dos escritores que podemos considerar situados na margem dos que observam a corrente da História (e da literatura, por conseguinte) e, todavia, se observam a si próprios, manipulando assim a realidade geral, é, sem dúvida, José Gomes Ferreira. É claro que José Gomes Ferreira possui o privilégio de ter iniciado as suas actividades literárias em 1918, ou seja, há 50 anos, fê-lo que, no entanto, poderia ter-se virado contra o fetiche, se ele não houvesse conservado a juventude poética, apenas sazoadada pelo passar dos tempos, o que vale dizer, pelo passar dos homens e da história desses homens.

Se alguém desejasse coordenadas comuns para Gomes Ferreira e outros companheiros do «terrível ofício» de escritor, não seria muito fácil estabelecê-las, pois este poeta, romancista e apontador implacável da casuística dos minutos, anula as simetrias, rompe as semelhanças ocasionais na moderna literatura portuguesa. Ele é (e é possível



José Gomes Ferreira, no retrato (pela primeira vez reproduzido) de Otília Marques

que isso lhe pese bastante) um dos tais casos aparte na vida literária dos últimos 50 anos.

Como todos os poetas dos nossos dias, José Gomes Ferreira não deveria ter biografia — só obra. Mas não é possível, quando abordamos a obra, esquecer alguns pormenores biográficos que pare-

cem serem motivadores de determinados aspectos da mesma. E, antes de penetrarmos nela, diga-se já que é profundamente lamentável que José Gomes Ferreira não seja um escritor largamente divulgado no Brasil, pois a sua nua coragem de comentador do quotidiano merece um destaque especial no meio de toda a «literatura cliptica» actual.

Quando, algumas linhas atrás, se disse que José Gomes Ferreira é um escritor na margem dos acontecimentos (mas nunca à margem dos acontecimentos) fazia-se, talvez, uma síntese do que têm sido os 50 anos de vida literária deste autor (ou, em termos mais expressivos, os seus 50 anos de literatura). Nas páginas autobiográficas de «A Memória das Palavras» (1965) proclama-se aquilo que se poderia chamar de neo-realismo tardio, uma vez que a sua adesão ao movimento dos jovens de 20 anos se fez quando o poeta adquirira já uma experiência literária que não tinha tardadeira oficial nas fronteiras do neo-realismo. Justamente alguma coisa dessa época e desses jovens se identificava nele. «Finalmente entre mim e a época não sangrava qualquer sebo de discórdia. E assistia à conjugação per-

(Continua na pág. seguinte)

# Um livro de sete meses

## LIBELO ACUSATÓRIO

por  
António Modesto Navarro  
Prelo Editora, Lisboa 1968

COMO AS CRIANÇAS, também os livros podem nascer antes do tempo. Disso se ressentia a maior parte das estrelas literárias, disse se ressentia — para não ser excepção — o livro de António Modesto Navarro.

«Contos-poemas» enamou o autor aos pequenos capítulos (os maiores ocupam 55 linhas) que procuram, pela multiplicidade das suas abordagens, esboçar no total o desenho angustiado de uma geografia humana, em que certas palavras e certos gestos mais puros perderam a sua razão de ser. Boas eram as intenções, mais cheio ficou o Inferno. Porque a imaturidade literária do autor — traduzida para lá do aspecto meramente estilístico, nos enquadramentos circunstanciais escolhidos e no tom demasiado «adolescente» com que projecta o seu desenhando e a sua revolta — impediu que o projecto ini-

cial se concretizasse à altura das implicações escolhidas. A «acusação» do autor, por tudo isso, ficou ao nível dos «pequenos delictos». Ao insistir nos episódios isolados, o «tribunal» perdeu de vista a essência dos «crimes» e esqueceu-se (ou não foi capaz) de apontar as suas causas mais profundas.

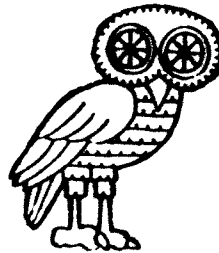


No compreensivo prefácio que para ele escreveu, diz José Saramago: «Este livro, pois, acusa e protesta. Exige a pureza e a paz. Estende as mãos a toda a gente, como se oferecesse flores». E aí, precisamente,

reside quanto a nós (que denar de tal modo um livro de estreia? Muitos o dirão. É urgente, no entanto, acabarmos com o hábito bem nosso dos falsos elogios, que já deitaram a perder muitos autores que se anunciavam como promessas. A quem começa interessará principalmente que se lhe apontem os erros; pois só assim poderá descobrir depois o caminho certo. No caso de António Modesto Navarro, as qualidades que, apesar de tudo o que dissemos, se deixam adivinhar ao longo do seu livro, não só justificam como impõem um critério exigente.

E é tudo o que, em tão pouco espaço, nos cabia dizer. Será errado, de um ponto de vista crítico, con-

denar de tal modo um livro de estreia? Muitos o dirão. É urgente, no entanto, acabarmos com o hábito bem nosso dos falsos elogios, que já deitaram a perder muitos autores que se anunciavam como promessas. A quem começa interessará principalmente que se lhe apontem os erros; pois só assim poderá descobrir depois o caminho certo. No caso de António Modesto Navarro, as qualidades que, apesar de tudo o que dissemos, se deixam adivinhar ao longo do seu livro, não só justificam como impõem um critério exigente.



M. A. VALENTE

## Vinicius, de passagem

VINICIUS, o seu «whisky» e a sua Poesia estiveram de novo em Lisboa, agora a caminho de Roma. Desta vez as honras das boas-vindas foram prestadas pela Galeria Quadrante — um ponto de reunião que é já como que uma vinheta de bom-gosto a ilustrar os novos capítulos da actualidade literária e artística portuguesa.

Vinicius disse poemas dele e entre esses um inédito Sobre o Trópico de Cancer. Otto Lara Resende apresentou. Alexandre O'Neill leu Escolher Vinicius, ou seja, a sua receita de seleccionar (para uma Antologia a publicar pelas Edições D. Quixote) os versos mais representativos do autor de Receita de Mulher.

O eng.º Eduardo Ferreira e a sr.ª de Eduardo Ferreira, como anfitriões, promoveram o ambiente acolhedor neste encontro em Lisboa com a Poesia do Brasil.

## José Gomes Ferreira: 50 anos de literatura

(Continuação da pag anterior)

lenta dos sonhos de candidez de alguns jovens com a minha desesperança viril. 20 anos e a sorte única de um passado de experiência, de olhos bem nítidos! 20 anos e tudo a meu favor: ideias, teorias, companheiros e palavras empurradas por milhões de bocas a incitarem-me a ser mais pessoal pelo alheamento das minhas pequeninas mágoas de ilha deserta» (Ob. cit., p. 217).

O convívio que teve com os jovens de 20 anos, que já por 1938-1939 se exercitavam para dar à literatura portuguesa algumas das suas mais valiosas páginas, só foi importante como marco de confrontação. José Gomes Ferreira não se fez com o neo-realismo, porque já estava feito, e feito no que, nele, constituía um neo-realismo «avant la lettre». A sua poesia já era de protesto antes do movimento, identificava-se com o sopro da injustiça social que poucos anos depois viria a ser temática invariável da odisséia neo-realista. Em 1931, escrevia José Gomes Ferreira um poema intitulado «Viver sempre também cansa», onde uma das estrofes acusava:

«E há batras miseráveis, sempre os  
discursos de Mussolini,  
guerras, orgulhos em trans,  
automóveis de corrida...»

Eduardo Lourenço, num livro dedicado ao estudo da poesia neo-realista, escreve que a poesia do autor de «Viver sempre também cansa» se estabelece num mundo paralelo ao do movimento literário de 40. Esta afirmação só pode entender-se como uma das margens referidas atrás, onde o poeta vai absorvendo e comentando, a maior parte das vezes amargamente, a torrente imparável da literatura.

Quando Gomes Ferreira publicou, em Maio de 1963, uma obra cuja nomenclatura não era fácil de fixar, «Aventuras Maravilhosas de João Sem Medo», colocava-se numa linha cara ao leitor português: a da literatura popular, a dos contos tradicionais. Simplesmente, este «tradicionalismo» achava em Gomes Ferreira uma originalidade pessoal, uma recriação da realidade mágica, na qual a nossa verdade se espelhava, balanceada entre o real e o sortilégio. Realidade e sortilégio faziam deste livro uma das mais absorventes aventuras para leitores de todas as idades, e é claro, para deleite principal do que em nós sempre fica da aventura da infância. Era, como diziam os editores, uma dívida secular paga ao povo português. Dedicando-o a seus dois filhos,

o autor designava-o como um «Divertimento escrito por quem sempre sonhou conservar a Criança bem viva no Homem». Esta era uma revelação pronta a esclarecer muita coisa de José Gomes Ferreira, quer na sua poesia, quer, principalmente, nos livros em que vai comentando os dias dos homens minúsculos, simultaneamente compreensivos e irónicos, sem, todavia, lhes desculpar a mediocridade. É isso mesmo: o autor de «A memória das palavras» e (ainda mais) da «Imitação dos dias» (1966) é o catalogador dos gestos medíocres com que os anti-heróis inconscientes retomam diuturnamente a imitação da vida. As páginas de «Imitação dos dias» são uma reserva inesgotável de finas e sábias observações sobre a vida, umas vezes em forma de acusação, outras de simples e desiludido comentário. Exemplo — «Estatística: durante o dia de hoje ouvi setenta e cinco anedotas contadas por poetas em férias, médicos (para adocermem gente), antigos ministros (esquecidos das leis justas que não fizeram), comerciantes, damas de idade mole, barbeiros, conspiradores contra o silêncio...» (Ob. cit., p. 83). A ironia declarada e a por declarar (mas importante), que o exemplo revela, são peculiares à obra de Gomes Ferreira. Uma ironia transformada em meta-ironia, que atinge quase um ponto de exacerbação nos dois livros referidos atrás.

João Sem Medo descobriu, na sua maravilhosa aventura através de um país onde os passeios de mágica eram os actos naturais do dia-a-dia, o começo dos habitantes, a caricatural hipocrisia com que edificamos o mundo. Histórias de fadas para «exemplificar a burra das palavras com que escondemos os nossos pensamentos. Os capítulos do romance são verdadeiros apólogos dos tempos modernos. Aí funcionam as tabuletas, que ninguém já lê porque todos as decoraram, com as letras gordas da mediocridade estabelecida («O Condão do Sacrifício», «A Cidade da Confusão», «A Princesa n.º 46 734», «Os Três Incompetentes Triunfantes», etc.). «O Gramofone com Asas», por exemplo, seria mais do que suficiente para fábula de hoje. Lê-se uma pequena passagem deste capítulo:

«Os literatos entravam nas livrarias e pediam aos caixeiros:

— Dê-me o disco recém-chegado de Paris.

— Temos o Ultra-Irracionalismo-Racional com molho de angústia azul.

— Óptimo!

— E o Infra-Racionalismo-Irracional com molho de esperança rosa.

Magnífico!», (Ob. cit., p. 63).

Aliás, na obra de José Gomes Ferrei-

ra é habitual o uso dos significados por justaposição, ou por composição sintagmática, tanto na ficção como no poema. Em «A Morte de D. Quixote» (1935-1936) estão os grandes significados fabulares, como «Deserto da Confusão dos Destinos», «El-Rei da Bruma nos Cabelos», «Palácio de Haver Sonho», «Cidade dos Inimigos Trocados», que vamos achar depois na história de João Sem Medo (aídeia de «Chora-Que-Logo-Bebes», «Floresta -De-Todos-Os-Espantos», «Conservatório Nacional das Constipações Estéticas e Bronquites de Arte Aplicada»). E isto tem uma importância que deve ser sublinhada, porque tendo o autor de «Panfleto contra a Paisagem» («Fora as rosas vermelhas! / flâmula de revolta para enterros na Primavera / dos revolucionários mortos na cama») pretendido ser sempre um ácido comentador do quotidiano, do significado comum dos gestos comuns dos homens sem história, seria natural que este significado, que também pretende ser (e é) «de provecto e exemplo», absorvesse decididamente o seu significante. Explicando de outra maneira: que as palavras que têm significados exemplares promovem a ruptura com o que têm de substância poética, que a sua densidade óptica permanecesse na sombra, para dar o justo realce não ao código mas ao significado do código. Eis, porém, o surpreendente da obra, em especial da poesia, de José Gomes Ferreira. Mesmo quando ela pertence a anos mais recuados, como é o caso de «Panfleto contra a Paisagem», o poeta mostra saber o que é o ofício de poeta. Se, por um lado, estão as fórmulas (no melhor sentido) do protesto, da indignação e da denúncia, estão, por outro lado, simultaneamente, as fórmulas emblemáticas do mais actual discurso poético:

«Tapei os ouvidos  
para não ouvir os pássaros  
qua quando cantam  
iluminam de pétalas  
os ramos secos  
das árvores nuas. (Poesia I, p. 71)

Ou, exemplificando talvez melhor esta questão do significante e do significado:

«Que te importa mais uma criança do  
tamanho da morte / com os olhos da  
cor de ignorar tudo na vida menos a  
fome?» (Poesia I, p. 79).

Isto quer dizer que o «Ritmo do poeta com o mundo não precisa de idêntica missão da poesia: poesia e protesto coexistem no signo poético. Nem sempre o neo-realismo foi capaz de manter tal

coexistência, pois a sua mensagem era mais histórica do que poética. José Gomes Ferreira, todavia, pela sua posição de poeta historicamente tardio do neo-realismo (mas, por outro lado, verdadeiro precursor da contestação neo-realista) consegue o milagre da ambivalência do solitário e do solidário:

«Ouvi, sol:  
quando vejo a minha sombra no chão  
a desenhá-la  
na fronteira da solidão  
—apetece-me dar um salto e estrangulá-la».

(Poesia II, p. 165)

Poderá alguém afirmar que o seu neo-realismo é específico de um poeta cuja vivência assistiu à evolução dos tempos («Os pobres não precisam / de flores nos cabelos / para pedir esmola»). Não é impossível que assim seja. Alguns excertos do seu «Diário Norueguês» (foi cônsul de Portugal na Noruega) talvez possam confirmá-lo. Quando se afirmou no início deste artigo, que nem sempre era possível separar a obra do poeta e a biografia do homem, estava justamente em causa a «experiência norueguesa», que parece ter deixado marcas indeléveis na sua obra. Será um estudo a realizar.

É pena que não possa ser efectuada, num breve artigo de jornal, uma exegese mais detalhada da expressão poética de José Gomes Ferreira, exegese que nos conduziria a resultados de certo surpreendentes no campo da linguagem. Mas que seja permitido, como confirmação da sua forma pessoalíssima de protesto, transcrever no final destas considerações (e como seu final) o poema XXX de «Sonámbulo» (Poesia II, p. 171):

«Não fui eu que pintei o sol no céu,  
nem as nuvens no Ar  
com água de prata.  
Quando nasci já tudo estava mundo  
com relvas e azuis,  
poentes e sombras,  
pobres e cicatrizes...  
Por que então estes remorsos  
de andar a sofrer não sei por quem  
a culpa de haver rosas e haver vida?  
Palavra! não fui eu  
quem atirou a lua para o céu!»

Eis com, subitamente, surpreendemos o desespero ancestral e paradoxal do remorso inaniável de se ser, a um tempo, homem e poeta.

FERNANDO MENDONÇA

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis (S. Paulo). — Fev. de 1968.

# Uma escrita em definição

por Rocha de Sousa

ANTÓNIO SENA  
Galeria de Arte Moderna  
S. N. B. A.

A GALERIA DE ARTE MODERNA da Sociedade Nacional de Belas-Artes, centro para onde converge o critério deste organismo em matéria de exposições individuais, reassumiu a sua actividade na presente temporada com uma exposição de trabalhos do pintor António Sena, distinguido em 1967 com o Prémio GM e já anteriormente incluído no programa desta galeria.

## AS DECISÕES DA MÃO

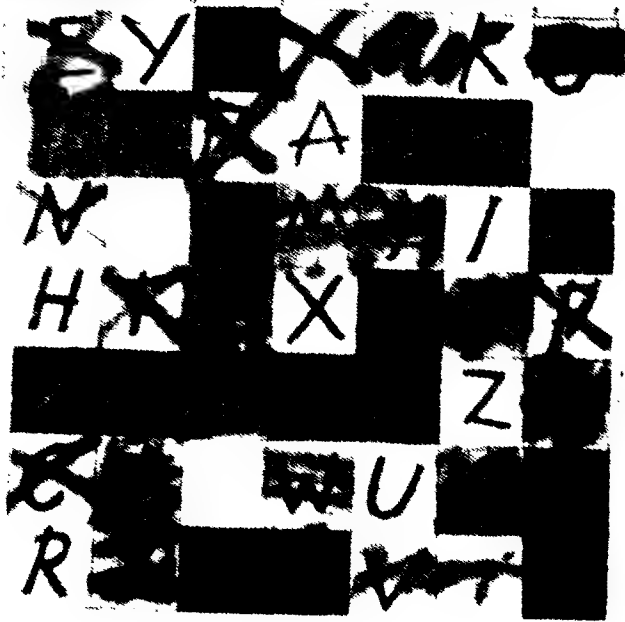
Na sua anterior exposição, António Sena dava às suas experiências caligráficas um sentido novo, quer ao nível da utilização de outras técnicas intermediárias (particularmente a sopragem), quer no âmbito dos problemas enunciados — e mais enunciados do que postos em doutrina. A esses problemas dedicava Rui Gonçalves uma atenção particular, vinculando o trabalho do autor a motivações que tinham nos produtos industriais a sua base de funcionamento. A esse respeito, a proposta de António Sena não se referia numa denuncia detalhada dos mecanismos da produção industrial, estabelecendo-se sobretudo no plano dos reflexos de uma eficiência conhecida dos objectos de série e aí introduzindo variações que decompunham as cadeias possíveis ou desnivelando e surpreendendo a

sua continuidade. Do ponto de vista plástico, que imediatamente se reconhecia essencial para o autor, a prática das repetições e o seu significado numérico adquiriam uma presença que ultrapassava, na leitura mais directa, o sentido da realidade motivadora para se estabelecer como realidade nova, de subito independente nas suas relações internas. Abdicava por isso, António Sena, mas apenas de forma relativa, das suas anteriores caligrafias extraídas do gestualismo infantil, no jogo de formas abertas que resumiam obsessivamente uma necessidade imperiosa de escrita e a vontade primária de conquistar o plano. Racionalizando essa acção, Sena produzia e organizava séries de objectos decalcados, pela sopragem, a partir de um módulo tipo. E assim metodizava a organização do plano, insignificando ao mesmo tempo, na monotonia do que se repete, as silhuetas idênticas que invadiam o espaço e que provavelmente nos criavam a ilusão de se corresponderem com certas formas estereotipadas, também invasoras do nosso quotidiano. Mas, ao contrário de preferir uma fria inventariação do sistemático aparecer dessas formas, o artista reivindicava o seu papel inventor, assumia a sinuosidade expressiva da sua escrita, impunha uma diversidade de comportamentos técnicos. A sua mão ganhava presença, aparecia fortemente pressuosa na capacidade de agir, mostrava-se rebelde a qual-

quer espécie de conformismo: às silhuetas decididas na ausência do módulo de repetição ou presentes por seu intermédio sucediam-se anotações sensíveis do autor, uma escrita que a breve trecho destruía a re-significava as relações iniciais. E para que essa escrita melhor se instaurasse no plano, melhor se identificasse na sua soberana personalidade, a tela era conservada na sua nudez de origem, apenas ferida pelo contraste do branco e do preto, apenas rasgada pelo gesto que depressa se detinha na essencialidade do seu aparecimento. A ordem do quadro era, sobretudo, a ordem desejada pelo artista, porque este afinal se opunha a qualquer padrão que contrariasse as últimas consequências desse direito.

## O DIREITO ASSUMIDO

A grande coerência formal do trabalho de António Sena não é alterada, com esta sua última exposição, já que ele volta a utilizar os mesmos processos técnicos e suporta os mesmos riscos do despojamento assumido em 1967. Também aqui, na extrema secura das peças apresentadas, o suporte é conservado na sua aparência de origem e sobre ele são gravadas, de novo por sopragem certas formas duplamente definidas naquilo que sugerem e naquilo em que, do ponto de vista plástico, se constituem. O duplo sentido desta presença não é iludido: de um lado podemos anotar a ocupação do plano por ele-



Pintura de António Sena: coerência formal, ou o duplo sentido de uma presença que não ilude

mentos sintéticos que irónicamente coincidem com formas referenciáveis da nossa experiência visual e, de outro lado, podemos verificar que os efeitos da supragem adquiriram, em certos momentos, a propriedade de valores e que estes, por seu turno, simulam um escalonamento volumétrico das formas, emprestando a estas uma espécie de dimensão espacial objectiva, inexistente na construção geral do quadro, portanto negada a esse nível. Esta negação é ainda mais clara quando a aparência positiva de uma forma se transforma nos seus dados negativos, obrigando o espectador a entrar no mesmo jogo de conhecimento, fazendo e desfazendo certas relações ali implícitas. O exercício visual aí igualmente se explica e determina, encerrado na sua

irremediável relatividade e enfim reconduzido à descoberta do interesse que pode residir num esquema primário de relações. Do mesmo modo, na quadrícula a preto e branco onde as letras se dispõem, parecendo querer formar um código explicável, não é a sua coordenação mediata que conta, mas o isolamento proposto por sucessivas destruições e rectificações, essa operação simplificadora que consistiu em recuperar para as letras a dimensão do sinal, o significado autónomo da sua estrutura, e nunca a sua dependência de uma convenção alfabética na escrita comum. Na pauta de música sobrevive o mesmo mecanismo de reconstrução, onde a complexidade expressiva das emendas insinua a breve trecho o caminho para as dissonâncias

do grito essencial, para o isolamento das formas puras. O mecanismo da nossa visão, tecnicamente compatível nos momentos em que se determina complexificase na impureza do nosso universo psicológico e mental, da nossa formação e do nosso viver: identificamos mais depressa a folha de papel rasgada, pautada com tinta azul e aberta a ultteriores divagações especulativas, do que a sua interna sinalização abstracta aquilo de que ela se compõe afinal. Na pintura exposta, não é a ilusão de uma aparência que conta, mas aquilo que na sua representação nega e destrói a própria aparência. Para tanto, os meios contam; e os meios referem-se na elementaridade, no despojamento, no que de mais resumido já consegue accionar as impurezas da nossa visão. Sobre aquilo que basicamente nada tem de enganador nós inventamos toda uma realidade de miragem; mas sempre que avançamos decididamente, riscando o que é excessivo, destruindo o que nos é comum nas identifições abusivas, ganhamos consciência da miragem e podemos então iniciar a montagem de um novo código.

Para esta aventura também António Sena se encaminha; é preciso apenas que ele próprio, ao contrário do que nesta exposição já desconfortavelmente se presente, apresse a destruição das comodidades de certos efeitos e, do mesmo passo, a miragem que eles oferecem ao pintor.

## Intervenção, amor agressivo

INTRODUÇÃO A  
UM REALISMO DIFÍCIL  
por Nuno Teixeira Neves  
Brasília Editora  
Porto, 1969

FALEMOS CLARO. Com alegria. Sim, com sota e plena decisão criadora, embora se trate de análise crítica e por mais que neste campo os «especialistas» se empenhem em espartilhar a comunicação numa gravidade formal tanto quanto possível catedrática, tanto quanto possível made in Estudos Gerais (contingências species). É isso. Apesar de tudo, falemos com inquietude e revigorada expressão criadora sobre o tema da criação literária e ponhamos no jogo as provocações da imaginação que tornam mais comunicativa a clareza das ideias.

É isto, antes do mais, que ressalta do «Dossier N.º 3» organizado por Nuno Teixeira Neves, sob o título de *Introdução a Um Realismo Difícil* (Brasília Editora, Março 1969). «Escrevi este livro em prol de uma generosidade desenhada, alegre e agressiva, ou (mais exacto) da sua existência e ansiosa (e fascinante) invenção» — escreve o próprio Autor a encerrar o seu trabalho. E, na verdade, os três estudos que constituem a obra são exemplarmente significativos dessa intenção. Serenos na argumentação, dinâmicos no conteúdo e

na exposição, os textos de Teixeira Neves definem uma atitude íntima, um convívio atento e prolongado com o fenómeno literário, que se exprime por necessidade moral e por desejo de diálogo numa proposta aberta e plurifacetada. O pacto das belas letras sofre com esta atitude uma salutar (e rara) intromissão.

*Realismo Difícil*, este que aborda Nuno Teixeira Neves — e nele, nas «margens» que o definem, esboça-se uma agitada e densa corrente de conceitos que se opõem, se interalimentam e se renovam, a caminho de uma plataforma superior em que o homem se localize numa mais justa e real representação. Realismo e Vanguarda, Marialvismo, Positivismo Literário — eis algumas «figuras» do grande naipe que o autor abre à mesa da discussão, e que de modo aliciante envolvem o leitor, conduzindo-o à reflexão ousada e a uma interpretação criadora do seu tempo.

Uma obra assim, de tão rico poder de sugestão, nem sempre pode demonstrar-se — como é evidente — no pormenor de certos aspectos que aborda. Se, por exemplo, o *Realismo sans rivages* de Garandy e nela notavelmente definido numa síntese de fiados e grante objectividade; se Camilo (um certo ângulo de Camilo) é estudado com admirável precisão a uma nova luz e com nova at-

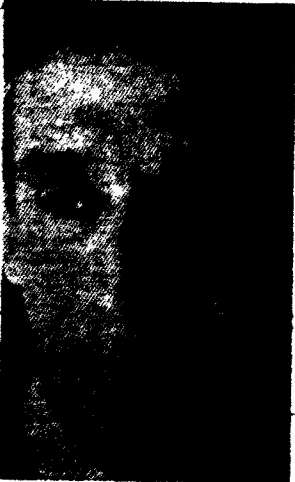
gumentação, a verdade é que nalguns passos (os enunciados sobre o sergismo, entre outros) a leitura fica como que suspensa, coarctada, pela ausência de uma articulação mais insistente e mais detalhada.

Mas só um texto de

grande impacto e de forte poder de aliciação pode sugerir um reparo como este. Só uma interpretação rica de sugestões e, a cada instante, acentuada por proposições originais, determina um grau de exigência e um permanente desejo de esclarecimento.

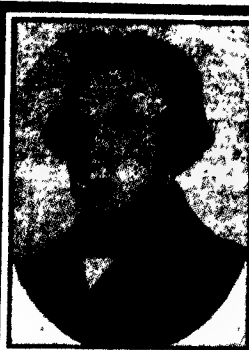
## Um novo livro de Urbano Tavares Rodrigues

Um novo livro de Urbano Tavares Rodrigues: *Escritos Temporais* (ed. Livros Alcega — colecção «Ensaio», n.º 1), miscelânea de textos de apreciação crítica, de depolimen-



tos e entrevistas em torno do fenómeno da criação literária. Numa larga gama de temas, que vão do romance francês contemporâneo à poesia de João José Cochofel e de Mário Dionísio, da análise da cultura universitária às relações da literatura com o cinema, de Alan Paton a Vasco Pratolini — *Escritos Temporais* desenvolve, numa larga panorâmica, os enquadramentos em que se processam as temáticas e as expressões de alguns dos autores fundamentais da ficção contemporânea.

Obra em que Urbano Tavares Rodrigues faz o ponto da experiência de circunstância e a regista responsabilizando-a. *Escritos Temporais* justificará em breve demorada apreciação crítica no duplo elemento DL.



PRÉMIO  
DE  
NOVELÍSTICA  
ALMEIDA GARRETT  
1968

Por decisão do Júri, constituído pelo Ministro Fernando Ronald de Carvalho, Cônsul-Geral do Brasil no Porto (presidente), pelo Dr. Oto Lara de Rosende, Adido Cultural à Embaixada do Brasil e escritor, e pelos Drs. Eduardo Prado Coelho, Mário Sacramento e Oscar Lopes, ensaístas e críticos, foi o Prémio Almeida Garrett, que a Editorial Inova e a Portuguesa Editora instituíram, atribuído ex aequo às seguintes obras:

UM DIA SÃO DIAS  
da escritora Marta de Lima

OS TRÊS SEIOS DE NOVELIA  
do jovem estreante Manuel da Silva Ramos

A entrega do Prémio, a realizar quando da próxima publicação das obras premiadas, coroará o empenho dos instituidores no sentido de eventualmente confirmar e revelar novos e promitentes autores, e de contribuir para a revivescência das tradições literárias portuguesas. As obras premiadas destinam-se a iniciar uma colecção de novelística da Editorial Inova.

EDITORIAL INOVA □ PORTO

Colecção EDIPO:

2 — FERRUGEM (poesia), Rogério Vidigal  
3 — AS MARGENS (romance), Rui Nunes

JÁ A VENDA

Distribuição de Publicações Dom Quixote  
Rua da Misericórdia, 127, 2.ª LISBOA

# Charlie Parker, 1920-1955

por José Duarte

«Don't bring me flowers after I'm dead, a dead man can't smell. And if I don't go to heaven, I sure won't need flowers in hell.»

PARKER nasceu em Kansas City em data discutível, oficialmente fala-se de 29 de Agosto de 1920, mas quando morreu em 1955, os médicos ao examinarem o corpo, afirmaram que poderia ter 35 anos.

Nenhum músico na família; nos 13 anos inicia-se

assistência, empregando-se como músico: «... tocava das 9 da noite às 5 da manhã; ganhava um dólar.»

Com 17 anos, em 1937, entra para a orquestra de Jay McShann, grupo de «rhythm and blues»; os colegas consideravam-no um músico péssimo, possuidor de um estilo estranho a tudo o que até à altura se fizera.

Ainda adolescente, Parker conhece pela primeira vez os efeitos das drogas; Charles, seu nome próprio,

para Nova York, onde durante três meses lava pratos no «Jimmy's Chicken Shacks», um estabelecimento de Harlem. «... vivia numa espécie de perpétuo pá-nico, dormia em garagens, levava uma vida de louco, ganhava 9 dólares por semana e ninguém compreendia a minha música...»

Seu pai morre em 1939, Parker volta para Kansas City e à orquestra de Jay McShann. «... não podia já suportar os processos harmónicos estereotipados que toda a gente então empregava, tinha a certeza que era possível fazer algo de diferente; às vezes chegava a «ouvir» o que queria, mas ainda não o conseguia tocar.»

Em 1941 a orquestra de McShann vai a Nova York tocar ao «Savoy», célebre clube de Harlem. É nessa altura que Parker conhece o trompetista Dizzy Gillespie. Abandona então aquela orquestra, trocando-a sucessivamente pelas de Earl Hines e Billy Eckstine. Numa tentativa desesperada de evitar as drogas, Parker é agora também um alcoólico irreversível. «... tento que a minha música seja limpa e bela, detesto as grandes orquestras, prefiro a música criada por pequenos conjuntos como aquela gravação de um quinteto, tocando Schoenberg e acompanhando uma declamadora, recitando em alemão; é uma bela obra, creio que se chama «Protee».

Depois de abandonar o trabalho em grande orquestra, em Nova York, Parker frequentava todas as noites o clube «Minton's», lugar onde as novas tendências formais do «jazz» se viriam a cristalizar e a ser conhecidas como «jazz» moderno — o «bop». «... um dia numa improvisação sobre o tema «Cherokee», senti que finalmente atingira o que há tanto tempo procurava e dentro de mim soava; na minha linha melódica baseava-me nas notas mais altas dos acordes dados, apoiava-me em novos acordes. De repente, senti-me de novo vivo.»

Parker e Gillespie tornam-se companheiros inseparáveis: em 1943 na orquestra de Earl Hines, em 1944 na orquestra de Billy Eckstine, todas as noites no «Minton's» com o pianista Thelonious Monk, o baterista Kenny Clark, o guitarrista Charlie Christian, em 1944, formam um conjunto e actuam regularmente num clube da rua 52, em Nova York, sítio que num ápice se tornou a rua do «bop», com inúmeros clubes e músicos, maravilhosos, estupefactos com o novo «jazz» e o génio de Parker. «... música é a própria experiência pessoal, os nossos desejos, os nossos pensamentos; se a música não for vida, não pode ser tocada, nem existe...»

O quinteto de Charlie Parker (piano, bateria, contrabaixo, trompete e saxo-alto) está para o «jazz» moderno como o «Hot Fives» «jazz» antigo. Com este tipo de Louis Armstrong para o po de formação se gravaram as obras-primas do «jazz» desse período: «Ko-



A obra (A Noite dos Sétimbanco — 1953) e o seu autor, Ingmar Bergman

## Aperitivo sueco

por Manuel Machado da Luz

DECORREU em Lisboa, entre 17 e 21 de Março, uma Semana de Cinema Sueco, organizada por «Publicações Dom Quixote» e pelos cineclubes ABC, Imagem e Universitário. Da excelente brochura então editada, poderam os leitores deste jornal ir apreciando alguns excertos escolhidos e montados por Eduardo Prado Coelho, que, ao mesmo tempo, salientou devidamente o interesse da iniciativa. Algumas observações e uma rápida panorâmica sobre o programa impõem-se agora.

NEM UMA COERENTE retrospectiva dos seus «clássicos», nem uma operação de promoção dos seus mais recentes produtos — a Semana de Cinema Sueco, com apenas cinco filmes, mais não foi do que um aperitivo — bem vindo mas frustrante — a uma série de iniciativas que tardam em realizar-se e que, mul-

acolhimento estaria reservado — pelo menos nas chamadas salas-estúdio — aos filmes de um Sjöman ou de um Widerberg (isto para não falar das últimas obras de Bergman, escamoteado das nossas telas a partir desse magnífico «Luz de Inverno», rodado em 62, e no mento em que o realizador entrava num dos períodos mais fecundos da sua carreira).

Sendo assim, o primeiro e mais importante papel cumprido pela Semana foi a de, com a ajuda do voluminho da col. Cader-nos de Cinema sobre a cinematografia sueca ao mesmo tempo editado, chamar a atenção do público interessado para mais uma das muitas e graves lacunas da nossa cultura fílmica: o (quase) total desconhecimento da produção de um país que, depois da glória alcançada no período mudo e de um longo interregno não demasiado brilhante, mas, também, não indiferente, se está transformando numa das mais sugestivas da actualidade.

Dessa glória no período mudo teste munham os «clássicos» integrados na Semana: «O Tesouro de Arne» (Herr Arnes Pengar, 1919), de Mauritz Stiller; e «A Carroça Fantasma» (Körkarlen, 1921), de Victor Sjöström, ambos segundo Selma Lagerlöf.

Claro que classificá-los de «clássicos» é algo de ambíguo. A palavra conota perfeição e intocabilidade, alça as obras às fumosas alturas do mito, repete tentativas de revisão cri-

tica, que, ainda por cima, surgem difíceis quando operadas sobre exemplos isolados. Se a brochura que acompanhou a Semana possuía valor didáctico, possuiu-o, sem dúvida, pela isenção de textos que negam justamente a intocabilidade de tais «clássicos», os observam segundo uma perspectiva nada saudosa, salientando-lhes os limites e as contradições. Referimo-nos concretamente a análise dos filmes de Stiller e Sjöström por Glaucio Viuzzi, publicada originalmente, em 53, pela revista italiana Cinema, a qual mostra como o valor de tais obras arranca de uma fiel reflexão das estruturas ideológicas das forças então culturalmente activas e evoluídas do país, como o facto de permanecerem adentro dos limites destas impede os autores de progredirem e como, finalmente, na prática, o seu génio criador sobreleva, muitas vezes, umas posições ideológicas, fá-los atingir uma dignidade artística mesmo em contradição com princípios fundamentais abertamente assumidos.

Tivemos a ocasião de verificar como a dialéctica que assim se estabelece é fascinante. As obscuras fatalidades que se opõem à felicidade dos amantes em «O Tesouro de Arne» são particularmente irritantes e, ao mesmo tempo, possibilitam e dão lugar a delirantes explosões líricas que não podem senão suscitar o nosso entusiasmo. O chato e mesquinho moralismo apregado por «A Carroça Fantasma» é constantemente negado pelo esplendor e credibilidade da figuração plástica da miséria de uns bas-fonds, pelas anotações quase buílicas frequentemente em prestadas ao protagonista, pelo subterrâneo e «escabroso» triângulo amoroso que acaba por se estabelecer, por uma multidão de elementos cujas implicações terão, em última instância, escapado à consciência do realizador.

No interregno não mul-

(Continua na 6.ª página)



## HOMENAGEM AO HOMEM E A SUA MUSICA

a tocar saxofone barítono, começa a degenerar-se: trocando-o mais tarde pelo alto. Com 15 anos, vê-se obrigado a assegurar a sub-

Uma obra arrojada, violenta, apaixonante

um sonho americano de NORMAN MAILER

Recentemente os componentes habituais do romance de guerra: violência sexualidade, assas, simio disfarçado de soldado, narcisismo, alcoolismo, confusão sexual, racismo... não se trata de um novo Mickey Spillane ou de um banal filme de bairro. Visionário, Mailer transforma em verdadeiros mitos estes elementos que fazem parte da vida (real ou sonhada) de todos os dias.

PIERRE BOMBARDIER Le Monde, 12.4.67

Collecção Contemporânea - vol. de 308 págs. - 50000

Obras de Norman Mailer na Portugalina Editora:

PRAIAS DA BARBANA vol. de 304 págs. - 40000

OS NUS E OS MORTOS vol. de 712 págs. - 80000

OPARQUE DAS CORÇAS vol. de 468 págs. - 60000

PORTUGALINA EDITORA

(Continua na 6.ª página)

# Quem tem medo de Edward Albee?

por Carlos Porto

TEATRO enlatado? É exacto. Ver o filme igual a ver a peça. Exacto, também. E não. A adaptação dum texto teatral, por menos ambiciosas que sejam as pretensões do realizador, por mais fiel que este pretenda ou tenha que ser às estruturas teatrais da peça filmada, constitui mesmo assim uma encenação, com tudo o que a palavra expressa de reelaboração, de releitura dum texto (estou a pensar mesmo naqueles casos em que o dramaturgo impõe a total fidelidade ao seu texto, a total subordinação da personalidade de artista de cinema à sua própria, o que provavelmente aconteceu com Albee e com a sua peça).

No caso de «Quem tem medo de Virginia Woolf?», é evidente a subordinação (voluntária ou mais certamente imposta) do realizador aos valores específicos do texto dramático. Na realidade, as alterações introduzidas derivam apenas das irrecusáveis exigências da semântica cinematográfica: o grande plano, que sublinha uma frase, um gesto, um registo facial; a movimentação da câmara marcando a posição das personagens, o corte do plano, recreando outros valores visuais em relação ao espectador teatral. O facto de algumas cenas terem sido deslocadas para outros decors — o jardim e o bar — em nada altera o seu conteúdo. No entanto, este rebuscado respeito pelo texto de Albee não deixa de implicar uma interpretação que impõe uma certa óptica em desfavor de outras. Um grande plano, um travelling, um corte diminuem, ampliam, distorcem os valores do texto posto em cinema, como disse.

A peça de Albee constitui essencialmente um combate feroz, sem tréguas, entre um professor universitário e sua mulher que se dilaceram até atingir o mais profundo de si próprias: «para além do osso, a própria moela».

«Martha e George — vítimas de um drama de esterilidade — inventam-se

mútua e a história de um filho que não nasceu, através do qual procuram ferir-se na sua dignidade mais extrema. Não só esse, como outros dramas que ambos se representam, enchendo de espanto um outro casal, visita da casa, que acaba por se deixar arrastar no turbilhão implacável da procura cega da verdade, da autenticidade, são como que a compensação para um estágio de convivência possessiva em que marido e mulher anulam as suas próprias potencialidades de humana com um há, para se transformarem em dois seres possessores de solidão — para repetir o que escrevi algures (1). Ora, a problemática do filho assume no filme uma expressão sentimental (=comercial) que uma leitura da peça nega. Transposta para o cinema, a peça perde parte do seu carácter mágico, esbate-se a modulação simbólica que a dimensiona, o que explica o comentário, aliás bastante exagerado, de Eduardo Prado Coelho, ao chamar

irreal, o visível e o invisível, a ilusão e a realidade» (3). O filme, insisto, como que dessimboliza a personagem do filho. E pela importância que assume prejudica a força das outras constantes da peça de Albee. Por isso, queria dizer acima que toda a fidelidade é relativa, e muito discutível a mais fidelidade das adaptações cinematográficas.

★

«Quem tem medo de Virginia Woolf?» constitui o exorcismo («Exorcismo» é, exactamente, o título do seu 3.º acto) de alguns dos fantasmas que dominam os americanos. Fantasmas que assumem por vezes formas bizarras, diabólicas (!) (4), e dos quais o mais agressivo, o mais vilulento, o mais obscuro é o da derrota. Espantosa e singular contradição representa este despojado entremostar da face escondida de um povo que parece vencer em todos os domínios e em todos os

suas derrotas.

O filho inventado é, como já foi dito, o símbolo dessa derrota, na peça de Albee. Mas é também um Godot conscientemente assumido (ao contrário do Beckett) e destruído por George numa tentativa de libertação que não pode deixar de ser autodestrutiva.

Não me parece abusiva esta aproximação do teatro de Albee do teatro de absurdo e em especial de Beckett (o dramaturgo americano confessa a sua grande admiração pelo autor de «A espera de Godot»), cuja conjugação será nele tão importante como a herança de Strindberg, O'Neill, Miller, T. Williams.

No entanto, «Quem tem medo de Virginia Woolf?» possui outras aberturas que a prolongam bastante para além do huis-clos em que se corporiza, e lhe permitem que seja bastante mais do que o «Strindberg requentado» de que falava Losey. O background em que se inscreve a vida do casal e que representa um esboço a frio da vida universitária norte-americana (pré-contestação) é o mais importante desses prolongamentos.

Mas então, não é de ter medo de Edward Albee? Que na América ninguém tem medo de Edward Albee porque a sua obra, como a de outros, é ao fim e ao cabo uma obra de recuperação, parece óbvio. Testemunha lúcida duma loucura individual ou co-

(Continua na página seguinte)

(1) in «Planos»

(2) in «Diário de Lisboa» 16-1-69. Onde o crítico não tem certamente razão é no comentário à interpretação de Elisabeth Taylor e Richard Burton. Ao criticar o facto destes dois actores não conseguirem transmitir de dentro os sentimentos que os agitam, o crítico esquece-se de que Taylor e Burton representam para a galeria, isto é, para si próprios e para o casal que os visita. Cumpre-se assim o jogo dialéctico de máscara e rosto em que ambos, e em especial Burton, traduzem sucessivamente o drama autêntico que estão a viver e o drama também autêntico que estão a representar. Em certos momentos, Burton consegue sem qualquer exteriorização um registo facial espantoso. Aliás, poder-se-ia escrever um tratado apenas sobre a maneira como os actores dizem, a maneira como articulam certas palavras. Só para ouvir Burton vale a pena ver o filme. Que maravilhoso instrumento! O que a interpretação de Sandey Dennis tem de admirável é exactamente o facto da jovem actriz passar duma inexpressividade voluntária a uma igualmente voluntária exteriorização, a partir do momento em que entra no jogo. George Segal não foi capaz de acompanhar o trio. Assinadamente, por último, os evidentes progressos de Taylor.

(3) Pierre Dommergues in — Cahiers Renaud-Barrault — n.º 63

(4) V. o filme de Levin-Polanski «As sementes do diabo».

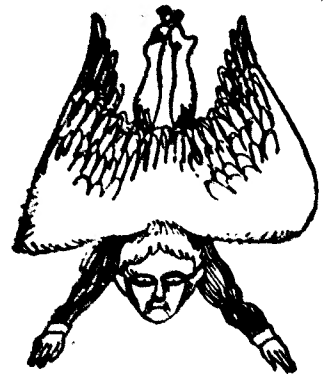


Edward Albee: ninguém tem medo dele

a «Quem tem medo de Virginia Woolf?» um drama pequeno burguês (2).

Para Pierre Dommergues, «o filho inventado é o fruto duma imaginação delirante, a caricatura trágica do Sonho da América, o símbolo da incapacidade em reconciliar o real e o

domínios ser invencível! Menos em um: aquele que diz respeito à criação duma Sociedade em que os homens possam livremente assumir a sua própria condição. Miserável contradição, e por isso mesmo patética, quase comovedora, inesperada desistência daquilo a que se chama «american way life» e se transforma na voz inconformista (não tanto, não tanto...) dos seus artistas (e em especial dos seus homens de teatro) no mais tortuoso e torturante «american way death». Pensemos nas obras-primas do seu teatro: «Morte dum caixeiro viajante», de Miller; «Um eléctrico chamado desejo», de T. Williams (de que «Quem tem medo de Virginia Woolf?» cita a cena da mulher apregoando «flores para los muertos») ou nessa genial «Jornada para a noite», de O'Neill, é na palavra francesa que encontramos a chave que resolve a sua problemática marcada por um desespero definitivo e irremediável. Todas estas peças constituem o retrato em negativo duma América feliz e triunfante — são a face escondida do seu rosto. E como se exprimem? Por outros tantos psicodramas (patente sobretudo na peça de Albee) em que as respectivas personagens assumem destinos trágicos através da confissão psicanalítica das



## CONVERSA COM O MEU ANJO

por Alexandre O'Neill



1919 - 1969

cinquenta anos de vida literária de

**ASSIS ESPERANÇA**



**PÃO INCERTO**

(2. edição)

Prémio da Imprensa Cultural Homem do Algarve, eis quis fazer um romance — e fez-lo com indiscutível talento — em que o Algarve estivesse na sua enérgica luta e na sua desventura.

80 SÉCULOS — 18-11-64

Assis Esperança continua presente entre os que personificam e prosseguem o que há de perenemente jovem na literatura portuguesa contemporânea.

ALVARO SALEMA



INCERTO

R PORTUGAL EDITORA

# Declarações de Rodrigues Lapa

(Continuação da 1.ª página)

— Claro. Dir-lhe-ei mais: a polémica em volta do «Amadís» tem origem precisamente nessa inconformidade histórica e temperamental entre os dois povos peninsulares. No século XIII quem deu cartas na poesia lírica, fomos nós; e os restantes espanhóis, com excepção dos catalães, se queriam exprimir a colita do amor ou descompor alguém empregavam a nossa língua, e só usavam o rude castelhano no poema heróico ou sagrado. Depois veio um filólogo alemão, Gottfried Balz, e sentenciou: os portugueses eram senhores da poesia lírica; mas os espanhóis tinham o exclusivo da prosa histórica e romanesca. Era uma tese brutal, absurda que está hoje sendo desfeita, mas que tem intoxicado toda a problemática do «Amadís», nublado os olhos de alguns espanhóis mais ferrenhos, para esta verdade que se mete por eles dentro: se há obra avessa ao génio castelhano é precisamente o «Amadís de Gaula». Efectivamente, tudo nele denuncia a delicadeza, o melindre da alma galego-portuguesa: a iniciativa deixada à mulher nos negócios do amor, o eterno feminino arvorado em culto religioso, a presença e a vocação do mar e o que lhe anda intimamente ligado, o sentimento da saudade, enfim, um modo de religião mi-

ligado, longe do fanatismo e do espírito de cruzada. Isto está dito e redito; mas o pior surdo é o que não quer ouvir.

— Vejamos agora a outra novidade: o achado de um velho texto português, ou melhor, galego-português. Que informações concretas tem para nos dar?

— Isso é uma história um pouco larga, mas curiosa. Em Julho de 1956, um escritor galego meu amigo relatava-me o seguinte: o bibliófilo espanhol A. Rodríguez Mohino dissera-lhe que um senhor de Madrid tinha em seu poder um fragmento do «Amadís» do século XIV; e que Sánchez Cantón, erudito galego com elevado posto oficial, estava empenhado junto do possuidor para que ele deixasse fotocopiar o documento. Alvorçado por tal informação, dirigi-me ao próprio Mohino, que confirmou a notícia. Cerrou-se a cortina e fez-se sobre o caso um silêncio de jazigo, que durou uma dezena de anos. Em fins de 1966, voltou novamente à baila o caso do manuscrito. Meti no seu encalço um professor galego que trabalha numa Universidade espanhola, pessoa qualificada para o publicar, o qual se entendeu com o sr. Sánchez Cantón. Este, que já tinha visto o percaminho, prometeu enviar-lhe uma cópia, para ele e outro professor espanhol o publicarem. Até hoje, nada. É

uma situação que dura há mais de 12 anos. Será tudo isto uma questão de paciência? Antes o fosse, pois seria facilmente resolvida; mas receio que se exerçam pressões sobre o proprietário do manuscrito...

— Talvez não. Não sendo o sentimento de propriedade e o egoísmo de bibliófilo que obstem à sua divulgação? Não teria sido isso, e também o terramoto de 1755, que originou a ocultação e desaparecimento de antigos textos portugueses?

— Eu vejo o problema de um ângulo diferente: é que a existência de tal manuscrito — e podemos já afirmar que existe, — pode ser o golpe de misericórdia vibrado à tese castelhana da autoria do «Amadís de Gaula». Em Madrid sabem muito bem disso, daí todo este mistério, toda esta obstrução. Parece recetar-se uma verdade, aliás já demonstrada por outras vias. Seria o fim de uma quimera, alimentada por preconceitos que não têm nada de literários.

— Qual seria, em sua opinião, a melhor maneira de resolver este caso?

— Digo-lhe francamente que não sei. Apenas julgo que os meios filológicos e literários do meu país têm o direito de conhecer o problema. Trata-se fundamentalmente de um problema literário, sem implicações de hegemonia, numa Península que é de nós todos, mas cada um no seu cantinho.

## Charlie Parker

(Continuação da 4.ª página)

kos, «Now's the time», «Scrapple from the apple», etc. É Parker quem convida o jovem Miles Davis para o seu grupo. Com 18 anos então, Miles ia dar os primeiros passos na música da qual hoje é um dos poucos génios vivos. ... a vida sempre foi cruel em relação aos músicos, ouvi dizer que Beethoven no seu leito de morte amaldiçoava o mundo que o não compreendia; sinto-me cansado, o médico fala-me da morte à minha espera, mas falta-me ainda uma bebida...



— Em 1946, o seu estado de saúde é alarmante. Uma noite, depois de ter bebido uma garrafa de «whisky», antes de gravar a sua, aliás extraordinária, versão de «Lover man», volta ao hotel, pega fogo ao quarto, despe-se e grita a sua loucura. De Agosto de 1946 a Janeiro de 1947, é internado num hospital de Camarillo, na Califórnia, para uma cura de desintoxicação.

— Curado, Parker, inicia uma nova e extraordinária série de gravações e concertos, ora com o pianista Errol Garner, ora com o trompetista Miles Davis, o pianista Bud Powell, o baterista Max Roach, o saxofonista Wardell Gray, o pianista Thelonius Monk, o eterno Dizzy Gillespie.

— Em 1949, Parker integrado no J. A. T. P. (grupo itinerante de músicos de jazz), dirigidos pelo empresário Norman Granz — «Jazz at the Philharmonic» alcança grande êxito em Paris.

que eu toco chamasse simplesmente música. Brahms, Schoenberg, Duke Ellington, Hindemith, Stravinsky, são alguns dos meus músicos preferidos...

— As drogas e o álcool invadem de novo a vida de Parker, minando-lhe o corpo, diminuindo-lhe a capacidade criativa. Os vícios evitavam-lhe o contacto frio e lúcido com uma realidade prosaica.

— Em 1950 é inaugurado o clube de jazz «Birdland», clube que ficaria célebre pelas históricas «jam-sessions» ali realizadas, clube do qual o próprio nome é já uma homenagem a Parker, clube onde Parker, em pleno período de autodesconstrução, não controla o seu desequilíbrio psíquico e vive cenas típicas da decom-

posição em vida, de um ser humano.

«... escutem-se as palavras e não as doutrinas, escutem-se as palavras e não as teorias, a morte apressa-nos, mas a chama que me abraça não se apagará...»

— Em 1954, morre de pneumonia sua filha Pree. O desgosto acelera-lhe a decadência física. Restam-lhe os filhos Leon e Laird e sua mulher Chan.

«... saxofonista Lester Young, o poeta Omar Kayam, são homens que admiro...»

— No dia 9 de Março de 1955, Charlie Parker, adoeceu gravemente, no apartamento da célebre baronesa Nica Dekoenigswarter, grande amiga do «jazz», em Nova York. O médico R. Freymann aconselhou um imediato internamento que Parker recusou. Três dias depois, morreu. A causa da morte nunca foi definitivamente assente: ataque de coração, cirrose, pneumonia, foram hipóteses atribuídas; o dr. R. Freymann recusou assinar a certidão de óbito.

— A morte de Parker só foi conhecida em 15 de Março, quando um jornalista nova-iorquino, William Duffy, soube que o corpo de Parker permanecia na morgue, sem que ninguém o reclamasse.

«Now the stars are really shining-clouds look awful grey I believe to my soul my blues and trouble are goin' to carry me to my grave.»

## Aperitivo sueco

(Continuação da 4.ª página)

to brilhante acima referido se poderão colocar os dois filmes de Alf Sjöberg apresentados: «A Estrada que conduz ao Céu» (Himlaspelet, 1942) e «Apenas Mãe» (Bara en Mor, 1949). Perante eles, convirá perguntar se os últimos filmes do realizador acusam uma decadência (como tem sido proclamado) ou se, pelo contrário, ele continua igual a si mesmo, e é agora desvalorizado em função da sobrevalorização que fez estas obras ficarem célebres e que foi, talvez,

marasmo de moralidades pequeno-burguesas na a sedutor, nos desvarios místicos de rematado simplismo. A parábola possui, afinal, um rasteiro conteúdo, e o seu aparato figurativo acaba por ser todo exterior, por não possuir mais validade do que a inerente a um exercício de estilo hábilmente conduzido.

Por seu lado, «Apenas Mãe», filme-fleuve abrangendo o arco de uma vida inteira, revela a incapacidade de Sjöberg na elaboração de uma estrutura cinematográfica de virtualidades correspondentes às

incógnita). Mas, quanto mais obras suas vemos, mais nos parece um caso único, excepcional, na Suécia. E, desde logo, um dos maiores cineastas mundiais. «A Noite dos Saltimbancos» não será — como esboço directo que é de «O Rost» — um dos seus filmes mais perfeitos. E, no entanto, coloca-se a um nível de absoluta superioridade em relação a qualquer dos filmes apresentados na Semana (mesmo tendo em conta, no caso de Stiller e de Sjöström, as limitações técnicas e gramaticais dos inícios dos anos 20) e, naturalmente, em relação aos Mattsons, Molanders e Sjöbergs anteriormente apresentados entre nós (comparem-se, de resto, em apelo disto e em virtude de certas analogias de partida, «Ela só dançou num Verão», de Mattson, com «Monika e o desejo» ou «Um Verão de Amor», «A Estrada que conduz ao Céu» com «O Sétimo Selo», etc.).

O que é portentoso nesta descoberta tardia de «A Noite dos Saltimbancos» (que é um escândalo nunca ter entrado no circuito comercial português) é o encontrarmos correntemente condensado neste filme antigo todo o complexo temático-estético que o realizador viria a desenvolver, afinar, explicitar, nas suas obras posteriores (neste sentido, é um perfeito programa para o futuro). E verificar a que ponto de maturação já ele chegou através de uma narrativa de estrutura particularmente livre e desvolta (o prólogo «flash-back» do palhaço prescinde de qualquer justificação anedótica na economia do filme) em que, através da contraposição teatro-circo, se medita nas relações entre os artistas e a sociedade, nas relações dos artistas entre si como microcosmo dessa mesma sociedade e dos seus choques de classe.

MANUEL MACHADO  
DA LUZ



Imagem do filme Apenas Mãe, de Alf Sjöberg

gerada por uma ausência de pontos de referência dentro do cinema sueco da época, por uma ausência de obras de maior envergadura.

Trata-se, em «A Estrada que conduz ao Céu», de observar como a reflexão das estruturas ideológicas indicadas por Viazzi em relação a Stiller e a Sjöström não só não dá origem à dialéctica atrás referida, como se encontra simplificada, banalizada, reduzida a primários esquemas. Arrancando bastante bem como parábola voluntariamente pseudo-íngenua e de ênfase muito operático, apelando constantemente para os módulos de certo teatro medieval, possuindo uma inegável riqueza plástica e rítmica, o filme acaba por se afundar num

das suas parentes literárias. Temos, de novo, um bom arranque (o pré-génico e a sequência do trabalho nos campos) que vai dando lugar a uma meditação algo laboriosa, e, finalmente, entediante. O que é tanto mais lamentável quanto a pintura social e psicológica a que Sjöberg procede está, desta vez, limpa de moralizações e misticismos e parece honesta no seu naturalismo um pouco envelhecido, mas simpático.

Finalmente, Bergman, com «A Noite dos Saltimbancos» (Gycklarnas Afton, 1953). Não o podemos comparar com rigor — por desconhecimento — tanto com os «grandes» do período mundo como com os jovens que ora se afirmam (e que, de resto, são ainda uma

## Quem tem medo de Edward Albee?

(Continuação da pág. anterior)

lectiva muitas vezes próxima da histeria» (como quer Dommergues), seja — mas não é precisamente assim que a América se

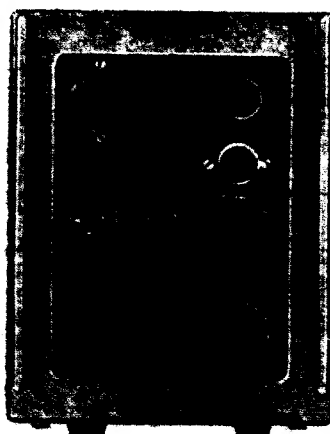
defende dos seus fantasmas? É essa talvez, de resto, a sua única defesa. Embora não creia que lhe seja bastante porque resta ainda uma margem de lucidez alargada em difíceis

combates quotidianos. Ninguém tem medo de Virginia Woolf. Ninguém tem medo de Edward Albee. E dos Estados Unidos?

CARLOS PORTO

ACOUSTICAL  
QUAD

ESTE É O MELHOR AMPLIFICADOR DO MUNDO  
PARA CADEIAS DE ALTA FIDELIDADE  
E FINS PROFISSIONAIS



- ★ 90 watts (2 x 45)
- ★ Distorção a nível máximo 0,03%!
- ★ Totalmente transistorizado

Pede uma demonstração aos  
PROFISSIONAIS DO SOM

VALÉNTINE DE CARVALHO DE SAAL

UMA NOVA 80 ALMADA, 80, 80, 1 LISBOA  
No Norte: VADECA - Rua de S. António, 210 - Porto

# Da crítica para a ficção

(Continuação da 2.ª página)

da de vigiar e policiar esse código, responde imediatamente que se trata apenas de uma novela alongada, de poesia efêbula ou em prosa, tudo, enfim, menos romance. No fundo, o livro poderá não se enquadrar em qualquer dessas arcaicas classificações. Se ele a si próprio se intitulou romance foi talvez apenas para levar a sua contestação até ao mais fundo aonde ela poderia ser levada. A referência aos géneros, por parte da crítica tradicional, é uma forma fácil de contestar tudo aquilo que a eles escapa mantendo-o assim no exterior dos quadros romanescos convencionais.

Em Portugal, como em França e como em todo o lado, o romance moderno não beneficiou dos mesmos direitos que a pintura ou a poesia. Quando o romance ainda encetava o que poderemos designar como processo de dissolução da personagem já a pintura abstracta era discutida e aceite com a acclamação que essa mesma discussão implicava. Em Portugal só muito recentemente o mesmo processo se verificou. É justo dizer-se, uma vez mais, que foi sob o impulso sempre renovado de um Vergílio Ferreira, sobretudo através da sua *Alegria Breve*, que tal processo mais solidamente se firmou. Temos, depois, os casos isolados de Almeida Faria e de Herberto Helder, algumas belas páginas de Urbano Tavares Rodrigues, de Abelaira, de Ruben A. e esse caso impar que é o de Jorge de Sena. E poucos mais seriam, se fosse nosso intuito sermos um pouco mais rigorosos e preciosos.

Daqui, pois, se justifica a curiosidade ansiosa com que sempre vemos nascer um novo livro e, sobretudo, um novo escritor. Curiosidade, expectativa e uma redobrada alegria. Isso o que sentimos ao tomar posse do livro de estreia de João Palma-Ferreira. Depois de dez anos de crítica, um homem enceta o caminho da ficção. Depois de dez anos a reflectir sobre obra alheia, esse homem decide o caminho da sua. Que voz é a dele? Que há nela de verdadeiramente novo ou de ressonâncias de outras vozes? Que mundo é esse que ele agora nos vem desvendar? Sabiamos-lo interessado por alguma literatura americana, de de as suas traduções de Hemingway, Saul Bellow, Salinger e Caldwell aos artigos delirantes sobre William S. Burroughs. Que influência poderia tudo isso ter tido na sua vida de ficcionista?

Há, na verdade, neste livro um tom geral que nos faz lembrar certa literatura americana, desde os autores já citados até, por exemplo, um Malcolm Lowry. Um certo delírio verbal, referências a um carácterizado tipo de vivência individual e colectiva (drogas, erotismo, mitos, James Bond, Allen Ginsberg, hippies, Dylan, Sinatra), a própria construção das narrativas quase todas em frase curta, sincopada. Há, aliás, no livro um facto que se nos torna imediatamente visível: a frequente utilização de termos e citações em língua estrangeira. Serão as citações em inglês em maior número? Por uma questão

mais de curiosidade do que como tentativa de imediatamente chegarmos a quaisquer conclusões, elaborámos o seguinte quadro:

A média de citações é, pois, bastante elevada em relação às apenas 139 páginas úteis de texto. Mas é, igualmente, significativo que as em maior número sejam as de língua espanhola, contrariamente ao que inicialmente esperávamos. Todo o livro, aliás, se nos apresenta com um ar quase cosmopolita, salutando de cidade em cidade, de região em região, uma vez por imperativos do próprio texto, outras apenas pelo prazer, pela quase alegria de utilizar termos estranhos, cidades quase desconhecidas mas cujos nomes brilham de sonoridade. Assim para a citação de países, regiões e cidades são utilizadas, ao

características, que o seu tempo seja esse nosso tempo comum. As personagens que Palma-Ferreira nos apresenta podem, indistintamente, ter-se encontrado em Estocolmo, em Cincinnati, em Saint-Tropez ou até mesmo em Anzeria, a cidade imaginária de Burroughs. Podem falar de música, de cinema, de literatura, do Vietnam e das eleições americanas, da Checoslováquia e do Biafra, do sabor do whisky ou do Visconde Salreu, ou saltar daí para a discussão dos seus pequenos problemas individuais. De tudo isto o conto intitulado *Europa* é um exemplo por demais significativo.

Estamos, pois, na presença de um livro que decidiu estilizar as fronteiras geográficas e temporais em que nos movemos. Não é, decerto, um caso único na nossa literatura,

|                              |                     |
|------------------------------|---------------------|
| Transcrições em Francês ...  | 126 palavras        |
| Transcrições em Inglês ...   | 203 palavras        |
| Transcrições em Espanhol ... | 297 palavras        |
| <b>Total .....</b>           | <b>626 palavras</b> |

longo do livro, 189 palavras, o que nos dá uma média superior a uma palavra por página de texto. Entre nomes de livros e autores utilizaram-se perto de 70 palavras — isto para nos referirmos apenas àquele tipo de citações cuja repetição se nos torna imediatamente sensível.

Liberto Cruz, em entusiástico artigo publicado neste suplemento (24-10-



-68), afirma que o livro de João Palma-Ferreira «nos surge como uma magnífica e exemplar tradução de um autor estrangeiro». Para além de acreditarmos que isto será das piores coisas que poderá dizer-se de um criador, concordo que o livro, pelo que acima apontámos, poderá, assim, parecer aos mais desprevenidos. O problema pode, no entanto, ser encarado de forma diversa e mais justificativa para o autor. O tempo em que vivemos é um tempo sem fronteiras. As cidades mais longínquas estão hoje tão perto de nós como quaisquer outras. A irradiação internacional da literatura leva a todo o lado as mais diversas mitologias. O acesso à cultura e à aprendizagem de línguas permite-nos hoje expressarmos-nos nelas quase tão à vontade como na nossa. O nosso tempo é, pois, cada vez mais, um tempo comum. Aquilo que pensamos e, por vezes, decidimos, excede quase sempre o ambiente doméstico em que nos movemos. Não é, pois, de admirar que um livro se nos apresente imbuído destas

nem isso é problema que agora nos interesse. É, no entanto, um livro seguro, hermético, bem construído e não menos bem montado. As personagens passam por nós, fugazes, muitas vezes apenas em aparições súbitas e violentas. Mas são por nós imediatamente retidos, fazem parte desse mundo universalista que é o nosso, trazem referências precisas, são facilmente identificáveis.

Naquele que consideramos um dos melhores textos do livro — *No início de Fevereiro* — estão, talvez concentrados quase todos os temas abordados nas restantes narrativas. O problema da solidão e da morte, um certo erotismo, a caracterização de uma geração de vencidos, indivíduos crentes da sua individualidade, mas integrados num mundo que os ultrapassou e onde essa individualidade já não é assim tão importante.

Sob o ponto de vista formal há, no entanto, aqui uma transigência a aspectos exteriores de uma certa modernidade, que, assim encarada, é, naturalmente, falsa. Todas as revoluções, modernas ou não, são-no, sobretudo, de conteúdo. É evidente que a forma, lugar onde esse conteúdo mais directamente se manifesta, nos irá dar, também, o sinal dessa revolução. No caso do texto *Três episódios de duas semanas em Janeiro*, Palma-Ferreira utiliza um tipo de escrita em que a letra minúscula se segue ao ponto final. Almeida Faria fez isso desde o seu *Rumor Branco*, e, mesmo entre nós, outros o tinham já feito antes dele. No caso de Almeida Faria, no entanto, a utilização desse processo era coerente, quer dizer, justificava-se em pleno acordo com o ritmo da narração e com tudo o que lhe era anterior. No caso de Palma-Ferreira a utilização é indiferente. Quer dizer: lido o referido texto com letras minúsculas ou maiúsculas a seguir aos pontos, nada nele estruturalmente se alterará. Se em *Rumor Branco* colocarmos letras maiúsculas a seguir aos pontos (que, aliás, quase não existem também) ele passará imediatamente a ser um texto diferente e, o que é

ainda mais importante, toda a sua harmonia se destruirá.

Caso perfeito de harmonia entre o processo utilizado e o ritmo interno da narração é, neste livro, a narrativa intitulada *Dois Semanas em Fevereiro e Março*. Consideramos este texto de muito alta qualidade e, se outros não houvesse que nos permitissem chegar a idênticas conclusões, ele seria suficiente para olharmos confiantemente o futuro grande ficcionista que, por certo, Palma-Ferreira virá a ser.

Do essencial deste livro muito fica ainda por dizer. O leitor por si o julgará — o livro é agora dele e a aventura também. Um dos maiores dramas internos da crítica moderna é o não ter ainda conseguido inteiramente constituir-se como ciência. Escapa-lhe, assim, deste modo, grande parte da totalidade da obra. Resta-lhe apenas para força, coragem e confiança na honestidade dos seus métodos, a certeza de ter rejeitado toda uma forma de abordagem de raiz impres-

sionista. Contra o que, entre nós, alguma crítica ainda debrantamente apregoa, ela escolheu, pois, o conhecimento em favor dessa intuição que ninguém sabe ao certo hoje o que será — nem talvez mesmo aqueles que insistentemente ainda no-la afirmam.

NELSON DE MATOS

Outubro de 1968

(1) Publ. Europa América, 1968 — Col. Nova Literatura

## Micro-rigor

(Continuação da 2.ª página)

tem que se classifique este poema como «neo-realista»: descobrir nas evidências pseudonaturais, nas precárias estabilidades, nos falsos equilíbrios, os movimentos que os produzem e simultaneamente os revelam como transformáveis. Isto é, encontrar em cada estrutura a génese que lhe corresponde, e em cada conjuntura a estrutura que a dinamiza.

VEJAMOS quais os movimentos que o poema põe em relevo: — em primeiro lugar, um movimento genético:

A lenta  
contracção  
das pétalas,  
a tensa construção  
de algo  
mais denso,  
de algas  
ritmadas  
na corola que  
se defende  
e concentra  
contra a acção  
dum mar  
de microscópio.

— em segundo lugar, um movimento ondulatório, algo de biologicamente rítmico, análogo ao bater do coração: e temos as pulsações, as vibrações, as oscilações, as palpitações, as «tensões obscuras» (p. 22).

— em terceiro lugar, um movimento de translação, que transmite de elemento para elemento as marcas essenciais, formando assim os elos da memória. E, neste caso, temos as expressões «de verso em verso» (16-79), «de flor em flor» (17), «de poro em poro» (32), «de página em página» (34), «gota a gota» (66), «de palavra em palavra» (74). A esta repetição diferenciante corresponde uma ideia de obsessão (21, 30, 34).

— em quarto lugar, o movimento será talvez o que nos aparece na imagem da árvore: uma irrigação, uma distribuição, um infiltração através das coisas: as raízes que rebotam na página e a invadem «em múltiplos filamentos». Este movimento, que é também do poema, vem a ter a sua forma mais perfeita com a mulher: «As mulheres / em que o sangue / transporta / com / leveza / o esquema interior / duma árvore / à procura / de poros e ar / para florir». Mas lembremos ainda o crepúsculo entrando pela mão que escreve (30-31).

— um quinto movimento é o da estratificação, em que as coisas se autodiferenciam por desdobramentos sucessivos que tornam gradualmente complexa a sua arquitectura: assim é o poema, assim a casa. Assim os andares onde se refracta a passagem da noite para o dia no poema *Vidro*.

— o último movimento será próximo duma combinação, e a imagem que lhe corresponde é a do puzzle.

mente invisíveis, e daí a importância metafórica do vidro: o limite entre a noite e o dia, o limite entre as raízes e a árvore, o limite entre as palavras e o poema, o limite entre a cal e a flor, o limite entre o sono e o sonho, o limite entre a infância e a idade adulta, o limite (ou o filtro) entre as chamas e o olhar. Contudo, a transgressão do limite queima: o poema mata como um tiro (Malakowski) e o que fica são «resíduos / de reservas / poéticas / detritos / apenas», que «descorem / rumor, a surdina / das coisas / sufocadas, transcrevem / o musgo, / o liquen, / as flores esboçadas / na cal». E por isso é que o poema é infinito. E por isso todas as flores são «adiadas na cal». Da explosão ficam suspensas, como sombras, como sons, as palavras, pairando, poisando na aridez do livro.

Contudo, as explosões contêm uma lição: nelas as coisas por excesso se concentram, nelas se adensa e aguça a sua força. O poema é uma alquimia que visa a purificação do mundo, e por isso, com Malakowski, o poeta nos diz «conheço a existência / na sociedade / de problemas / cuja solução / só pode imaginar-se / através / duma obra poética».

NA combinação de todos estes elementos, para que o movimento se processe, é necessário que existam lugares vazios que permitam as deslocamentos das peças. São esses lugares que no poema estão representados pelo silêncio. Talvez seja aí, nesses pontos desertos, nessas clareiras de insónia, que a purificação se inscreve: lúcida, rouca, enlouquecida. Talvez todo o poema seja a fascinação desse limite, desse silêncio.

Localizar  
na frágil espessura  
do tempo,  
que a linguagem  
põe  
em vibração,  
o ponto morto  
onde a velocidade  
se fractura  
e aí  
determinar  
com exactidão  
o foco  
do silêncio.

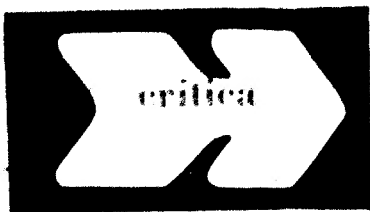
Ou então: «localiza / na cal / o ponto morto / que propaga / o silêncio».

Ou ainda: «mas / de repente / como apareceram / as raízes sossegam / (que terão / encontrado?) / e retraiam / com o mesmo fluxo / do mar que se retrai / e deixa / atrás de si / silêncio».

TODA a poesia de Carlos de Oliveira, a par do seu esforço de purificação do mundo, parece procurar esse lugar desabitado da origem, esse vazio proposto na tela das palavras. Retraíndo-se o mar, calando-se o som, pulverizando-se o poema, calcinando-se a pedra, fica essa marca viva do que talvez nem tenha acontecido: foco de silêncio, mancha cega, boca que imada. Ou antes: aconteceu «apenas por ser escrito».

(x) Carlos de Oliveira, *Micropaisagem*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1968.

EDUARDO PRADO COELHO



## Micro-rigor

por Eduardo Prado Coelho

**E**MBORA uma primeira aproximação do livro mais recente de Carlos de Oliveira, *Micropaisagem*, se possa tornar decepcionante, dada a secura, a quase hostilidade que se desprende desta poesia, uma leitura atenta, moldada ao texto, em luta corpo a corpo, revelar-nos-á uma obra extraordinária. Peso bem as palavras e repito-as: uma obra extraordinária. Já Oatão Cruz, nas páginas deste suplemento, pôs em relevo a qualidade invulgar da poesia de Carlos de Oliveira. Contudo, o interesse da crítica (apesar do êxito editorial que parece ter sido *Micropaisagem*) tem sido escasso. Porquê? Talvez porque esta poesia exija um acto efectivo de leitura — e não as considerações borboleteantes a que estamos habituados. Tal leitura, vamos muito rapidamente, tentá-la.

**S**ERA fácil ver até que ponto esta *Micropaisagem* está ligada ao poema *Descida aos infernos*. Onde neste se fala de um rio ao contrário, temos agora a «memória ao contrário». Trata-se de um só gesto de regresso, de retorno ao enigma de uma origem. Estabelecida a relação rio-me-

so de que ele apenas recolhe as cicatrizes mais visíveis:

Registrar  
nessa memória  
ao contrário  
de trás  
para diante  
as palavras  
que floam  
assim  
misteriosas  
e depois  
soletá-las  
do fim  
para  
o princípio.

Vemos aqui como as palavras que «ficam assim», suspensas, têm de ser analisadas, desmontadas, des-*construídas* (não destruídas, mas desfeitas nos seus elementos constituintes para se poder entender o processo da sua construção). O modo de ler essa «memória ao contrário» consiste em pegar na linguagem que a condensa e em *desconstruí-la* progressivamente. Com os elementos obtidos, elaborando novas combinações, ir-se-á restituindo a pouco e pouco a génese longínqua do poema.

É assim que o poema tem por objecto a compreensão da sua própria génese, e por isso ele é um processo indefinido, que se prolonga de verso para verso, produzindo-se em cada verso que decifra o anterior o enigma do verso que se segue. Assim compreendemos melhor o sonambulismo destes poemas, que parecem movidos por si próprios, numa indiferença distante que nada poderá deter. E compreendemos também o modelo combinatorio que os forma (os seis primeiros versos da p. 10 reaparecem parcialmente nas páginas 13, 18, 17, 13, 19), a repetição dos elementos, as recorrências, as séries, as reestruturações constantes, os reajustamentos.

**N**A génese da memória existem duas coordenadas fundamentais: o espaço e o tempo. O poema aparece como testemunho desse adensar do tempo que nele se imobiliza e condensa (p. 12). Também o espaço é «gradualmente espesso» (p. 17). Essa conjunção dum espaço-tempo progressivamente enleados e materializados, formando-se no próprio progresso da linguagem em formação, acaba por representar-se no poema, que constitui um momento privilegiado para a revelação do processo. No poema, o espaço e o tempo conjugam-se e estruturam-se, na medida precisa em que nele se cristalizam, se isolam, se suspendem num equilíbrio vacilante (num micro-rigor) todos os movimentos essenciais.

Poderíamos dizer (forçando as lés etimológicas) que a relação que o poeta estabelece entre a cal e a água, pólos onde o sentido se gera, é a chave explicativa do enigma da escrita: o poema é *caligrafia* («para/ a cal/ florir/ nesta caligrafia/ de pétalas/ letras»). Isto é, o poema aparece como *cal(i)-grafia, grafia da cal*: combinação metafórica de *pétalas* e de *letras*, formação de *flores calcárias* (que em si mesmas contêm o elemento que lhes deu origem, na sequência que a rima acentua: *pedra, pétala, letra*), e, no limite, de *estrelas* que povoam um céu calcário.

Deste modo, o poema surge como o modelo da compreensão que devemos ter das coisas: ver em todo o produto a marca da sua génese (ou, se quisermos: ver em cada bem de consumo a marca da exploração do trabalho). Situa-lo no processo, advinhar na sua mudez os invisíveis instrumentos, as apagadas mãos que o construíram. É este o grande objectivo (cujas implicações sociais permi-

(Continua na 7.ª página)

João Palma-Ferreira: futuro grande ficcionista



## Da crítica para a ficção

por Nelson de Matos

**PARA SE MANTER** interessado o crítico de artes plásticas terá de frequentar as galerias, procurar entender e decifrar os objectos que se lhe apresentem, o crítico cinematográfico ver cinema; o crítico literário ler livros. Todos eles terão, em suma, que viver o mundo que escolheram. Mundo maravilhoso e indecifrável a que todos conferem uma das respostas possíveis.

No mundo da ficção ler livros é um ofício de curiosidade e interesse. É o crítico que se quiser interessar terá efectivamente que sobre eles se debruçar com a sua atenção mista de leitor comum e algo especializado. Um novo livro é sempre uma nova proposta — boa ou má só o tempo e a análise crítica poderão um dia saber. Mas como proposta que é apela sempre para a resposta de que a crítica literária poderá ser uma das parcelas possíveis.

Mas esta atenção crítica tem naturalmente as suas contradições porque nem todos os livros nos interessam ou nem todos eles suportam essa atenção. Alguns adivinhamo-los à partida. Outros só após a leitura se nos revelam. Qual será neste caso a atitude do crítico? Naturalmente que ele terá de ler, naturalmente que ele terá que reconhecer que a priori todas as propostas poderão ser boas. No panorama frágil da nossa prosa de ficção o aparecimento de um novo livro e sobretudo de um novo escritor é sempre um acontecimento com que a partida nos regozijamos. Vamos pois lê-lo não vá ele trazer-nos aquele aceno final de renovação de que o romance português há tanto tempo anda esperando.

Num cocktailmente polido lançamento de Publicações Europa-América, dois livros houve que nos despertaram aquele sentimento de curiosidade ansiosa, de desejo, de tentativa de desvendamento. São eles *Três semanas em Maio* (1) de João Palma Ferreira, a que hoje nos referiremos e *De Noite as Árvores são Negras* de Maria Isabel Barreno, de que proximamente também falaremos. Que nos traem estes dois novos ficcionistas? Que respostas encontraram para o nosso mundo fechado? Evidentemente que só lendo os

atingiremos nisso mesmo que eles são.

O romance é a forma através da qual uma sociedade a si mesma se fala. É pois por ele que essa sociedade irá aferir os seus costumes e as suas regras de íntima vivência. Todos nós somos personagens de romances. A nossa identidade depende do que se pensa de nós, do que nós próprios pensamos de nós. O romance é esse código através do qual nos referenciamos e a própria sociedade a si mesma se referencia. É pois necessário que essa sociedade tenha as suas obras-primas romanescas,

indefinidamente citadas, constantemente comentadas e recordadas. É necessário que os indivíduos nelas se revejam, nelas se integrem, por elas possam aferir o seu modo de comumente viver. A própria sociedade cultiva essas obras-primas, elas são-lhe necessárias como código e referência constantes. É através delas que ela polílica o bom andamento da sua literatura. Onde o escândalo insidioso sempre que um qualquer livro ousa quebrar essas regras e ainda por cima intitular-se *romance*. A crítica tradicionalista, encarrega-

(Continua na 7.ª página)



Carlos de Oliveira: esforço (poético) de purificação do mundo

mória, precisamos de ver que significa aqui, relativo a *memória*, este «ao contrário». Não se trata da perspectiva da formação individual da memória na história do sujeito, porque aí a memória forma-se com o próprio sujeito, de trás para diante. Não é também a perspectiva do esquecimento progressivo das coisas, que habitualmente se verifica de diante para trás. Na página 20, temos: «Nessa memória/ ao contrário/ de trás/ para diante». Apontámos primeiro esta hipótese, mas fizemo-lo do ponto de vista do sujeito. Ora o que este «ao contrário» essencialmente significa é a *desvalorização* do lugar do sujeito: a memória é considerada no seu anonimato primordial, na sua materialidade desabitada. A memória é aqui um movimento de elaboração da matéria autorefectindo-se, movimento que constrói o próprio sujeito, que o envolve e que o destrói na cena que lhe cabe. Daí a neutralidade do sujeito poético no desenvolvimento do discurso: a sua voz está rasurada, reduz-se à grafia duma publicação — voz de feltro, voz sonâmbula e filtrada, que prolonga por uma quase inércia o fluir da fala.

**M**As voltemos ao ponto de partida. Se a memória, identificada ao rio, aparece agora na sua escala maior, inscrita ao longo de milénios, temos de ver que a série rio-memória se acrescenta um terceiro termo: poema. Deste modo, o poema surge-nos englobado num amplo proces-

### NOVIDADES LITERÁRIAS



**UM SONHO AMERICANO**, de Norman Mailer

O romance mais celebrado que Mailer escreveu depois de *Os Nus e os Mortos*. Colecção CONTEMPORANEA — 310 pp., 50\$00

**GRANDES ESPERANÇAS**, de Charles Dickens

Reedição da obra-prima do maior romancista inglês de todos os tempos.

Colecção OS ROMANCES UNIVERSAIS — 3.ª edição, 556 pp., 70\$00

**CONTOS**, de Dostoiévski

5 contos, cinco obras-primas do imortal romancista russo, em versão de Natália Nunes. Colecção O LIVRO DE BOLSO — 296 pp., 30\$00

**MEMÓRIAS POLÍTICAS**, de Basílio Teles

Segundo volume da série de Obras de Basílio Teles, homem político, pensador e activista republicano.

Com um extenso e valioso estudo de Augusto da Costa Dias: «O Sonho de uma Revolução». OBRAS DE BASÍLIO TELES — 260 pp., 55\$00

**BRIGITTE NA TORMENTA**, de Berthe Bernage

Reedição do 7.º volume da famosa série Brigitte. BIBLIOTECA DAS RAPARIGAS — 230 pp., 30\$00

**KATY NA ESCOLA**, de Sanaa Coelhão

Reedição de um livro belo e enternecedor, que tem encantado gerações de jovens leitoras. BIBLIOTECA DAS RAPARIGAS — 220 pp., 30\$00

Portugalia Editora